

1

A melancolia dos primeiros Românticos em defesa da pátria: uma análise dos *Suspiros Poéticos e Saudades*

1.1.

A melancolia dos primeiros Românticos a partir da crítica de Torres Homem aos *Suspiros*

Faltava à lira antiga essa corda grave e chorosa, pela qual se exprime a religião e o infortúnio; faltava-lhe a consonância com os sentimentos poéticos da existência e com a eterna melancolia do pensamento moderno. Essa poesia, remanescente da poeira de um mundo que acabou, transportava-nos fora da esfera dos nossos hábitos, princípios e costumes, nem o segredo podia adivinhar dos nossos sentimentos¹.

O comentário acima é parte da crítica de Torres Homem à poesia de Gonçalves de Magalhães, publicada na *Revista Niterói*, poesia que exprimia, de acordo com o crítico, o fundamento da visão de mundo dos homens que compunham o “grupo de Paris”². Mas, de que fundamento falamos? A resposta nos é oferecida pelo próprio Torres Homem, anotando que Magalhães expressava o que havia de mais genuíno ao espírito moderno, a saber, sua “eterna melancolia”. Torres Homem assinala ser a melancolia o sentimento fundamental à visão de mundo do poeta e denuncia, a um só tempo, o que o aproxima de Magalhães, bem como de Araújo Porto-Alegre, os três amigos compreendiam o mundo através de certo sentimento – a melancolia. Mas o que é, precisamente, a melancolia no interior da poética do “Grupo de Paris”? Ela é uma “harmoniosa tristeza”, que constitui o homem moderno, um tom íntimo capaz de colocar o homem em afinação com o que a vida é em seu fundamento - “infortúnio”³.

¹ TORRES HOMEM, Francisco de Sales. *Suspiros Poéticos e Saudades*, per D.J.G. de Magalhães. In: **Revista Niterói**. Tomo Primeiro, nº. 2. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978 (1836), p. 246. Daqui por diante, faremos as devidas referências no corpo do texto.

² O “Grupo de Paris” era composto por Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco de Sales Torres Homem e Manuel Araújo Porto-Alegre, acompanhados de perto por João Manuel Pereira da Silva e por Cândido de Azeredo Coutinho. Tomamos esse termo emprestado a PINASSI, 1998, p. 118.

³ A noção de melancolia que Torres Homem usa aqui, e que também vige nos escritos de Magalhães e de Araújo Porto-Alegre, deve ser compreendida a partir do que Chateaubriand chamou de *vague-à-l'âme*.

De acordo com Chateaubriand, o homem é um ente capaz de conhecer um sem número de fenômenos, de imaginar concepções as mais “ricas” e de desejar sem limites, no entanto, sua existência é “pobre” e “árida”, e este mesmo homem se encontra, sempre uma vez mais, “desolado”, ou ainda, descontente e triste em relação aos inúmeros desejos que não é capaz de realizar, necessariamente. Como afirma

Apenas o homem (poeta) moderno poderia identificar o princípio de determinação do mundo, e isto porque ele se rendera à melancolia, conquistando a possibilidade de compreender, através deste sentimento, o seu fundamento, a saber, ser “infortúnio”. Dizendo ainda melhor, a melancolia possibilitava entrever que a vida

Chateaubriand: “Quanto mais os povos avançam na civilização, mais este estado de melancolia das paixões aumenta, porque acontece então uma coisa lastimável: o grande número de exemplos que se oferecem, a enorme quantidade de livros que tratam do homem e dos seus sentimentos proporcionam conhecimento, mas não experiência. A impossibilidade de qualquer fruição gera o desengano; restam ainda os desejos, mas só se têm desilusões. A imaginação é rica, abundante e maravilhosa; a existência, pobre, árida e desolada. Habita-se, com o coração pleno, um mundo vazio e, sem se ter usufruído nada, está-se desenganado de tudo” (CHATEAUBRIAND, 1992, p. 67). O que está em jogo aqui, de alguma forma, é a dessintonia entre o homem e o mundo, algo caracterizado na tradição Romântica, por Friedrich Schiller, como a perda da “ingenuidade”. Ver SCHILLER, 1991, especialmente p. 17-29.

Antonio Candido se ocupa deste conceito e da importância radical que possui no interior dos textos dos primeiros Românticos. Seguindo a interpretação do crítico paulista acerca da concepção proposta pelo literato francês e acompanhando de perto a reflexão de Heidegger sobre as *tonalidades afetivas* em seu texto – *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*, anotamos a melancolia como sendo uma espécie de sentimento de base, originário, fundado a partir de uma solidão íntima que aparece sempre uma vez mais, e isto como horizonte. Solidão que funda toda e qualquer reflexão dos primeiros Românticos, algo como um vazio interno, uma sensação de incompletude que se evidencia e ao aparecer põe em cheque qualquer companhia, qualquer sentido, solidão que incomoda e que provoca tristeza, bem como faz ver a vida como uma espécie de correlato deste vazio de sentido, um espaço no interior do qual nenhuma ordem estaria assegurada. Esta vida apareceria como um movimento proveniente, imprevisível e inultrapassável, de autocontradição e de autosuperação, segundo Antonio Candido: “(...) É o tipo de emoção que Chateaubriand denominou muito bem de *vague-à-lâme*, no livro em que se compendiam os fundamentos do primeiro Romantismo: ‘(...) estado de alma que (...) precede o desenvolvimento das paixões, quando nossas faculdades, nascentes, ativas, mas reconcentradas, só se aplicaram sobre elas próprias, sem alvo nem objetivo. Quanto mais os povos se adiantam na civilização, mais aumenta esse estado de vago das paixões’” (CANDIDO, 1964, p. 293).

Podemos perceber que, acompanhando a Chateaubriand, Torres Homem e seus companheiros possuem a compreensão de que a melancolia é algo como um sintoma de civilização, um índice de tempos mais refinados, mais afinados com os mistérios mais radicais da existência humana, e isto, pois – “Faltava à lira antiga essa corda grave e chorosa, pela qual se exprime a religião, e o infortúnio; faltava-lhe a consonância com os sentimentos poéticos da existência, e com a eterna melancolia do pensamento moderno”. A melancolia era para poucos, para homens especiais que podiam se conformar em relação ao princípio determinante da existência - a incompletude. E, conforme veremos ao longo do texto, a melancolia é um sentimento que oferece “prazer”, que seduz, e isto porque é “agro” e “doce” a um só tempo. Descrição já adiantada por Borges de Barros, poeta lido e admirado por Magalhães – “Prazer que tens de dor feições mui fracas,/ A tristeza te apraz, os ais te agradam,/ São gostosas as lágrimas contigo,/ Doce melancolia./ (...) Agro em teu doce tens, és mal, saudade!” (Apud CANDIDO, 1964, p. 297).

De acordo com François Hartog, em linhas gerais, Chateaubriand seria um *vaincu*, e isto em função de ser um nobre *par excellence* que vivera o tempo de incertezas instaurado pela Revolução Francesa. Chateaubriand teria sido lançado no que o historiador francês chama de *brèche*, ou ainda, entre o *regime de historicidade* Antigo e o *regime de historicidade* Moderno. Em outras palavras, Chateaubriand teria desacreditado dos referenciais que até então orientaram sua existência, e mais, não adotara outro repertório de sentidos capaz de prometer um futuro mais animador. Aí, no interior de um presente afastado do passado, descrente em relação aos sentidos oferecidos pela tradição e, a um só tempo, desconfiado do futuro, o autor de *Voyage en Amérique* encontrava-se melancólico, ou ainda, desesperançado em relação à sua própria existência e ao destino da França. Cf. HARTOG, 2003, p. 77 et. seq. Ver também CEZAR, 2010 e MALATIAN, 2010.

era um âmbito no interior do qual desafios impossíveis seriam oferecidos ao homem, sempre uma vez mais. A partir da compreensão acerca do que a vida seria o homem melancólico teria a possibilidade de conquistar alegria e satisfação provisórios, e isto porque se encontrara, a partir de então, consciente de seus limites e do que enfrentaria vez por outra, ou ainda, por outro lado (como uma outra possibilidade oferecida pela compreensão do que a vida seria), acabaria prostrado e desesperado, inconformado com sua tarefa de ter de fazer sempre novamente, de viver em eterno labor, sem *télos* nem justificativa⁴. Acompanhem as palavras de Torres Homem:

Preciso era que de indústria nos transformássemos em gregos ou romanos, despíndonos de tudo o que constitui a individualidade do homem de hoje, por que nos enternecêssemos pelo panteísmo fenomenal da Grécia e de Roma e pelos sentimentos estrangeiros dessas ilustres mortas. Mas ainda assim, o peso das nossas crenças precipitava todas as sombras evocadas pelo politeísmo; elas dissipavam-se ao primeiro movimento dos nossos sentimentos reais, como ao primeiro albor da aurora fogem os fantasmas que as trevas simulam. Como tudo o que é grande, belo e verdadeiro, foi pleno o sucesso da reação contra a imitação da poesia antiga. O Cristianismo, banindo do universo as elegantes divindades de que o povoara a mitologia, restabeleceu a majestade, a grandeza e a gravidade da criação, e nova carreira abriu à poesia, que até então não podia encarar a natureza senão através das ficções consagradas por Hesíodo e por Homero (...) (Torres Homem, 1978, p. 246-247)

O homem Antigo, e isto segundo Torres Homem, era orientado pelas idéias e costumes oriundos da mitologia grega, pelas “ficções consagradas por Hesíodo e por Homero”. Para os antigos, a vida seria perfeita e ao homem bastaria concretizar as idéias e costumes “elegantes” oferecidos pelas divindades para satisfazer à vida e assegurar, por conseguinte, um estado de equilíbrio. Esse homem viveria de acordo com um determinado conjunto de sentidos e valores que propiciavam determinada satisfação, tornando-o, ao fim, despreparado para a assimilação de possíveis traumas necessários no interior de uma existência que seria marcada pelo “infortúnio”.

⁴ Segundo Mme. de Staël, leitura recorrente de Magalhães e de seus companheiros de grupo, a melancolia seria um sentimento fundamental à vida. Para Staël, a melancolia provocaria um sentimento de incompletude favorável à insistência em uma vida determinada pela “aridez”, como podemos ler: “O que o homem fez de maior deve-se ao sentimento doloroso da imperfeição de seu destino. Os espíritos medíocres se sentem em geral bastante satisfeitos com a vida comum; eles complementam, por assim dizer, sua existência, suprimindo o que ainda pode lhes faltar com ilusões da vaidade; mas o espírito sublime em sentimentos e ações deve seu impulso à necessidade de escapar aos limites que cerceiam sua imaginação. O heroísmo da moral, o entusiasmo da eloquência, a ambição da

Segundo os companheiros de grupo, apenas o tipo melancólico seria capaz de acolher sua finitude e pobreza e, por conseguinte, insistir de forma adequada, e isto porque compreendia devidamente o âmbito no qual se encontrava e já viveria em afinação com ele. Ao homem “Moderno” abria-se, então, a possibilidade de compreender o fundamento da vida - que todo o realizado seria marcado pela caducidade inevitável. Ele conquistara, em meio ao acúmulo de tanta dor e trabalho, a compreensão de que sua existência seria marcada pela finitude e, a um só tempo, passara a ser orientado pelo sentimento da melancolia, uma “tristeza íntima” que garantiria a ele uma espécie de afinação, de relação justa, com isto mesmo que o mundo é propriamente, “infortúnio” -, ou ainda, um âmbito no interior do qual se exercita a tarefa sísifca de ter de fazer sempre novamente, de conquistar, uma vez mais, realizações frágeis, apenas provisórias, marcadas pela necessidade do esgotamento. Aí, no inteiror do mundo moderno, o homem, afinado pela melancolia, encontraria-se estimulado e devidamente preparado para seguir existindo, e isto de forma adequada, ou ainda, em consonância com aquilo que a vida exigiria recorrentemente⁵. Torres Homem segue

glória propiciam prazeres sobrenaturais, necessários apenas às almas tanto exaltadas quanto melancólicas (...). (STAËL, 1987, p. 103)

⁵ A partir de François Hartog, podemos construir a hipótese de que Magalhães e seus companheiros, desde sua partida para a França no ano de 1833, estavam melancólicos porque já se encontravam no interior de um horizonte transcendental em crise, ou ainda, experimentavam o tempo descrentes da tradição, do *espaço de experiência* e, a um só tempo, desconfiados da possibilidade de concretização de um futuro, ou de um *horizonte de expectativas* determinado pelo asseguramento e pelo progresso, viviam, enfim, no interior de um *regime de historicidade* marcado pelo desânimo, pela compreensão de que a vida seria brevíssima e de que não passara de um “vale de lágrimas”. Por isto, seus escritos seriam marcados por uma flutuação significativa entre a confiança numa espécie de solução necessária para os dramas da história, ou, na pior das hipóteses, na possibilidade da instauração de tal solução a partir de um trabalho conjunto entre os homens e Deus, por um lado, e a desconfiança de que a existência humana perfazia um sentido determinado pela decadência inevitável. Em verdade, do mesmo jeito que Chateaubriand, segundo Hartog, havia experimentado, como um nobre ideal, as desaventuras radicais e inéditas provocadas pela Revolução Francesa, Magalhães e seus companheiros viviam, ao longo dos anos 30, as revoltas e rebeliões que se multiplicaram no período regencial, e as compreendiam como sendo a manifestação/concretização do “egoísmo” (desejo de realização de interesses individuais) de homens e mulheres que compunham a *boa sociedade* (os que eram livres, proprietários de terra e escravos, e se representavam como brancos, de acordo com MATTOS, 2010, p. 117), aliás, o próprio Estado em construção seria formado, de acordo com Magalhães e seus companheiros, por homens e mulheres “egoístas”, e ia se constituindo como um epifenômeno de suas idiossincrasias. Os companheiros, desanimados, abandonaram a compreensão de que o Estado imperial obedecia a um processo natural de reforma, e isto desde o 7 de Abril pelo menos, evento que parecia ter aberto, num primeiro momento, a possibilidade de a liberdade e a razão constituírem-se como medida fundamental à orientação no interior do âmbito público. Sobre a atmosfera de otimismo instaurada pela Abdicação de d. Pedro I, ver MATTOS, 2009, p. 17-20. Sobre a compreensão de Hartog acerca de Chateaubriand, ver HARTOG, 2003, p. 77 et. seq. Para um estudo das categorias

fazendo referência à poesia de Magalhães:

O *Canto do Cisne* diz essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante, e com aquela harmoniosa tristeza de meditação, que corresponde ao que há de mais vago, de mais indefinido e ao mesmo tempo de mais íntimo em nossa alma. (Torres Homem, 1978, p. 250)

Ao homem Moderno caberia entregar-se à melancolia, e isto com o objetivo de poder compreender o que a existência humana é, o que permitiria, por sua vez, a percepção do que está efetivamente disponível ao próprio homem. Uma vez entregue à melancolia, o homem receberia da vida seu “segredo”, o de que ela é “infortúnio”. A melancolia funcionaria como uma espécie de lente que evidenciaria a existência humana como sendo, no fundo, uma tarefa marcada pelo esforço e pela finitude, no entanto, ela não seria capaz de provocar, automaticamente, ações adequadas. Para Magalhães e seus companheiros, ao assumir sua finitude, o melancólico se tornava apenas sensível o suficiente para compreender o que seria a existência humana. Em verdade, o *páthos* da melancolia necessitava de uma determinada experiência para que provocasse o homem a insistir adequadamente em uma vida que seria marcada pelo “infortúnio”, a saber, a experiência da eternidade ou da assunção da religião cristã se preferirmos. Caso contrário, a melancolia reduziria o homem a situações-limite como a prostração e o desespero, e isto porque o tipo melancólico, triste e acabrunhado por natureza, não encontraria razão suficiente para seguir enfrentando desafios impossíveis, sempre uma vez mais.

Torres Homem afirma que os “Antigos” não só viviam num tempo diferente, como encontravam-se em dissonância com a vida, o que significa dizer que queriam mais do que podiam, do que tinham direito, que eram desmedidos e que não

espaço de experiência e horizonte de expectativa ver KOSELLECK, 2006, p. 305 et. seq. No que diz respeito à noção de *regime de historicidade* podemos ler: “Partant de diverses expériences du temps, le regime d’historicité se voudrait un outil heuristique, aidant à mieux appréhender, non les temps, tous les temps ou le tuot du temps, mais principalement des moments de crise du temps, ici et là, quand viennent, justement, à perdre de leur évidence les articulations du passé, du présent et du futur (...) L’attention, faut-il le répéter, se porte d’abord et surtout sur les catégories qui organisent ces expérience et permettent de les dire, plus précisément encore sur les formes universelles que sont le passe, le présent et le futur (...) Le temps historique, si l’on suit Reinhart Koselleck, est produit par la distance qui se crée entre le champ d’expérience, d’une part, et l’horizon d’attente, d’autre parte: Il est engendre par la tension entre les deux. C’est cette tension que le régime d’historicité se propose d’éclairer, c’est sur cette distance que travaillent ces pages. Plus exactement encore, sur les types de distance et les modes de tension”. (HARTOG, 2003, p. 27-8)

compreendiam que a natureza das criações humanas é a precariedade. Aqui, Torres Homem julga os “Antigos” por não terem sido capazes de compreender o fundamento da existência, o seu caráter de “infortúnio”. A religião e a poesia “Antigas” não teriam percebido que ao homem caberia respeitar o que a vida é, o que significa dizer que, ao fim e ao cabo, toda ação humana deveria ser orientada pelo imperativo da modéstia. Enfim, Torres Homem afirmava que a poesia e a religião dos “Antigos” deveriam ser esquecidas, e isto porque elas inflamariam o homem “Moderno” a desejar e a tentar o que não deveria (o impossível), algo que o levaria, necessariamente, a acumular revéses e a radicalizar sua tristeza, acabando apático ou desesperado⁶.

Segundo Torres Homem, os homens modernos precisavam, a um só tempo, afinar-se à vida, ou seja, seguir insistindo adequadamente, ou ainda, com modéstia e alegria, o que só seria possível através da intensificação da crença no Deus cristão. O crítico afirmara que caberia à poesia “Moderna” uma dupla responsabilidade, a saber: 1- provocar o sentimento de melancolia e 2- intensificar a religião cristã, e isto para que o homem pudesse, por uma lado, compreender sua natureza finita e, por outro, experimentar o Deus cristão, ente que seria perfeito e, portanto, capaz de justificar a existência humana, por mais árida que ela fosse. A medida da eternidade, ou o Deus cristão se preferirmos, era, enfim, a garantia de que a tristeza e o sofrimento humanos eram orientados por uma lógica ininteligível que proporcionaria, ao fim, a justificativa necessária a uma insistência alegre e satisfeita⁷.

No entanto, os poetas “brasileiros”, à excessão de Magalhães, caminhavam “satisfeitos” junto aos “Antigos” e em dissonância com a vida. Esses poetas eram responsáveis pela imitação da tradição greco-romana, e com isto não permitiam que os “brasileiros” conhecessem, através da experimentação da poesia “Moderna”, o que a vida era essencialmente e experimentassem, a um só tempo, a medida da eternidade.

⁶ A compreensão de que a melancolia poderia causar estados como a apatia e o desespero (ação frenética), encontra uma reflexão mais detalhada em ARISTÓTELES, 1998, p. 83 et. seq. Para um estudo mais detido ver PIGEAUD, 2009.

⁷ Nesse sentido, transcrevemos uma passagem esclarecedora de Bossuet: “Não falemos de acaso nem de sorte... É que o acaso, em relação a nossos conselhos incertos, é um desígnio decidido num conselho mais alto, quer dizer, no conselho eterno que reúne todas as causas e todos os efeitos em uma mesma ordem. Desse modo, tudo concorre para o mesmo fim; e é por falta de entender o todo que descobrimos acaso ou irregularidade nos acontecimentos particulares”. (Apud LOPES, 1997, p. 84)

A “doce melancolia” de Magalhães começara, então, um novo tempo entre os “brasileiros”, apresentava a modernidade ao “Brasil” - cuidava de evidenciar o que a vida é e, não obstante, abria a possibilidade para a experimentação de Deus, bem como para a concretização de idéias e costumes necessários ao progresso moral e material do Império do Brasil, senão vejamos:

Entretanto que este movimento remoçava com uma vida toda nova e mais florente que a primeira a literatura européia, os poetas de nossa língua iam muito satisfeitos batendo a estrada sedíça, e dizendo-se inspirados pelas Musas pálidas e decrépitas do Parnaso. Mas eis que um jovem poeta da nova escola, nascido debaixo do céu pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro e de glória, com a cabeça repleta de harmonias e o coração pesado de nobres emoções, acaba de revelar a pobreza da nossa literatura com um volume admirável de poesias. (Torres Homem, 1978, 247)

Torres Homem denunciava a “pobreza da literatura” brasileira, e não se acanhava em sublinhar o papel revolucionário de Magalhães, a saber, a função de oferecer uma educação estética capaz de seduzir os leitores transformando-os de fora para dentro, propiciando, assim, a construção de novos destinos para o Império do Brasil. Segundo o crítico, Magalhães fazia de sua arte a medida precisa para uma transformação efetiva da sociedade, uma transformação capaz de colocar os homens e mulheres da *boa sociedade* em consonância com o que a vida permitia que fosse pretendido e realizado e em afinação com a medida da eternidade⁸. A poesia de Magalhães seria capaz de seduzir os “brasileiros”, fazendo-os agir com alegria e de acordo com as necessidades evidenciadas pela própria vida. Através de uma retórica a um só tempo sóbria e encantadora (fascinante), fundada na “pureza e pompa de versificação” e na “excelente concepção de imagens”, sem o “grandioso extravagante”, próprio à juventude, o poeta seria capaz de seduzir os homens e mulheres da *boa sociedade*, aproximando-os da leitura e fazendo-os agir e pensar de forma adequada.

Profundo sentimento dos segredos do gosto o qual é o bom-senso do gênio, sentimento bem raro nas produções da mocidade, levada sempre para o grandioso extravagante; riqueza, variedade e excelente concepção de imagens, que imprimem um efeito mágico a doce melancolia do poeta; perfume e unção religiosa espalhada sobre as cenas da natureza; elevação dos pensamentos filosóficos, inspirados pela

⁸ A *boa sociedade* significa, conforme Ilmar Rohloff de Mattos: “(...) aqueles que eram livres, proprietários de escravos e representados como brancos”. (MATTOS, 2010, p. 117)

escola idealista alemã e pelas doutrinas do cristianismo; pureza e pompa de versificação; tais são em resumo os méritos dos *Suspiros Poéticos* do Sr. Magalhães. (Torres Homem, 1978, p. 247-248)

O que se afigura no comentário de Torres Homem é que a poesia de Magalhães contava com uma forma sedutora capaz de aproximar os homens e mulheres da *boa sociedade* da leitura e, por conseguinte, de uma vida prática condizente às expectativas de uma existência finita. O crítico e o poeta acreditavam, e isto orientados pelo Idealismo Alemão, em especial por Schiller, que se os “brasileiros” não eram suficientemente independentes para realizar uma revolução moral através da autonomia da razão – esse um projeto propriamente kantiano, eles deveriam, então, agir orientados pelos sentidos, melhor dizendo, pela experiência proporcionada pela poesia (pela literatura em geral)⁹.

O que dissemos até agora pode ser mais bem compreendido através dos seguintes passos: 1) O homem moderno possui um sentimento capaz de fazê-lo compreender o que a vida é em sua dimensão mais fundamental, a saber a melancolia; 2) a vida é, essencialmente, “infortúnio”, o que significa dizer que é um lugar no interior do qual toda realização humana é marcada pelo selo da precariedade; 3) o (verdadeiro) poeta é um ente privilegiado, pois é capaz de se entregar radicalmente à melancolia, à “harmoniosa tristeza”, o que permite que ele perceba o que a vida é mais propriamente e 4) caberia ao (verdadeiro) poeta a missão de disponibilizar as experiências da finitude e da eternidade, a um só tempo (bem como evidenciar as idéias e os costumes adequados).

⁹ Temos aqui um diálogo evidente com Schiller, pois como escreve o filósofo alemão: “A mais urgente necessidade da nossa época parece ser o enobrecimento dos sentimentos e a purificação ética da vontade, pois muito já foi feito pelo esclarecimento do entendimento. Não nos falta tanto em relação ao conhecimento da verdade e do direito quanto em relação à eficácia desse conhecimento para a determinação da vontade, não nos falta tanta *luz* quanto *calor*, tanta cultura filosófica quanto cultura estética. Considero esta última como o mais eficaz instrumento da formação do caráter e, ao mesmo tempo, como aquele que é inteiramente independente do estado político e que, portanto, deve ser mantido mesmo sem a ajuda do Estado”. (Apud BARBOSA, 2004. p. 28). Ver também SCHILLER, 2002 e 2009.

1.1.1.

Torres Homem e a evidência de um poeta entre a assunção da finitude e o desespero

A incerteza da duração da existência, que como um contrapeso conserva-nos suspensos no meio das ilusões da vida, era assunto que naturalmente devia oferecer-se à meditação do poeta. No momento mesmo em que o mundo vacila em torno de nós, em que os mais descorados objetos se tingem de brilhantes cores, em que uma superabundância de vida parece transbordar do nosso seio e vivificar tudo o que nos cerca, a onda rápida da vida vai passando e de quimera em quimera nos lança fora do nada da existência, quando cuidávamos colher a flor prometida pela esperança. (Torres Homem, 1978, p. 250)

Torres Homem evidencia a poética de Magalhães através da leitura dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, e sua preocupação inicial é a de sublinhar o tema da finitude – “a incerteza da duração da existência”, como horizonte doador de sentido a todos os demais esforços do poeta. Se num primeiro momento a existência aparece como um “nada”, a vida mesmo resolve este problema, nos “lançando” para dentro de uma profusão de “brilhantes cores”, num movimento de auto-realização que Torres Homem classifica como sendo resultado de sua “superabundância”. A vida se transformaria, incessantemente, e isto de forma autônoma, ou seja, a despeito do homem e, a um só tempo, entregaria a ele os sentidos, ou ainda as “quimeras” que o animariam e possibilitariam uma existência “esperançosa”.

Segundo Torres Homem, um dos méritos fundamentais da poesia de Magalhães é o de fazer ver que a vida se autocria e isto incessantemente e de forma súbita. Mas o que isto significa mais propriamente? Significa que o poeta está tecendo uma descrição sobre o que é a vida e, conseqüentemente, sobre a forma adequada que o homem deve adotar para bem-viver, aqui está a origem da reflexão prática adotada no interior da Revista Niterói. O ponto chave da poética de Magalhães e de seus companheiros, por influência direta, é a compreensão de que a vida é imprevisível, autônoma e que o homem é, no fundo, uma “nulidade” em meio a tal ordem. Assim sendo, caberia ao homem compreender e assumir sua fragilidade, sua finitude, e procurar viver de forma modesta.

O que Torres Homem destaca é a dinâmica fundamental da existência humana, uma existência que se nutre de “quimeras” (de ilusões), sonhando justo para não ser tragada pelo “infortúnio” terrível que significa a vida. A bem da verdade, estaríamos todos assentados sobre um terreno movediço, “um mundo que vacila em

torno de nós”, pois vive de se autotransformar. Segundo Torres Homem, e isto junto a Magalhães, os homens viveriam em meio a objetos e sentidos que, de uma hora para outra, tornariam-se estranhos, e isto incessantemente, cabendo ao homem resguardar-se dessa dinâmica através da experimentação da medida da eternidade e da criação de sentidos provisórios ou de “quimeras” se preferirmos. Segundo a leitura que Torres Homem faz de Magalhães, a poesia é, além de âmbito fundamental à experiência da eternidade, a arte de construir e conservar sonhos, sonhos que o poeta deve compreender, no entanto, como promessas precárias, fadadas à caducidade. Chegamos, assim, a uma primeira conclusão, qual seja: a de que a existência humana é frágil e que ela depende do poeta, ente especial responsável pela provocação dos homens em geral às experiências da finitude e da eternidade e, também, pela disponibilização de sonhos animadores, o que chamamos, mais acima, de idéias e costumes adequados.

Torres Homem, que até aqui falava da finitude humana, escolhe a poesia *Cântico de Waterloo*, de Gonçalves de Magalhães, para sublinhar, por outro lado, a necessidade de se sonhar, de se realizar feitos, de não se colocar prostrado em meio à insistente reconfiguração oferecida pela vida. Entretanto não se trata de qualquer sonho, de quaisquer sentidos. Os homens comuns têm sonhos apenas comuns, orientados por seus desejos e inclinações, desejos que obliteram a assunção da compreensão adequada da vida. Que sonhos devem ser sonhados, então? Adiantamos - o sonho dos poetas e dos heróis.

A inspiração do poeta compara o Herói de Austerlitz ao Astro da luz, que caminha ao acaso. E na verdade há em Napoleão alguma coisa da imensidade das maiores obras da criação. Surgido de uma ilha, vai sepultar-se em uma outra ilha, no meio dos mares (...) Esse hálito inflamado, que sufoca as falanges inimigas e acende a coragem das suas; esse efeito de orquestra produzido pelos horrores da guerra; essa abóbada de balas, que penetradas de respeito, à maneira de submissos leões, apenas ousam lambe os pés do ginete, - são ardidezas de uma sublime energia e que traçam ao vivo as proporções colossais de gênio do grande homem, diante de cujo sopro se aniquilam todas as humanas resistências e até a natureza física parece curvar-se de respeito. (Torres Homem, 1978, 252-253)

Como podemos ler, Torres Homem acompanha Gonçalves de Magalhães e seu Napoleão Bonaparte. Napoleão aparece como sendo um homem extraordinário, capaz de concretizar tudo o que poderia ter sido levado a cabo por um homem, em

determinado momento, como afirma o crítico – “há em Napoleão alguma coisa da imensidade das maiores obras da criação”¹⁰. O general francês possuiria “hálito inflamado”, ou seja, ânimo forte, apto à experimentação de qualquer dificuldade oferecida pela vida. Seu “hálito”, ou se quisermos, seu ânimo, permitiria a força necessária à reconfiguração de situações delicadas no interior de uma batalha, de virar o jogo digamos assim. Seu ânimo “acende a coragem” de seus comandados, oferecendo o estímulo necessário ao enfrentamento das maiores dificuldades, este seria seu segredo, não desanimar em momento algum. O teatro da guerra é desalentador, os “horrores da guerra” produzem música terrível, forma-se uma “abóbada de balas”, o que significa um céu de balas, um espetáculo em tudo sublime, ou seja, para o qual um homem comum não teria respostas e se posicionaria perplexo, sem nada fazer¹¹. Todavia, Napoleão seria um “grande homem”, um “gênio”, ou melhor, não se prostara em meio aos desafios mais temíveis necessitados pela existência, e seu ânimo prudiziria uma “energia sublime”, capaz de responder de imediato a tais circunstâncias, e os demais homens, estupefatos, paralisados, capitulariam. A própria “natureza física”, relata o poeta, se inclinaria e o céu de balas “à maneira de submissos leões, apenas ousa(ria) lambe os pés do ginete”.

O que está em jogo aqui é a descrição de um homem extraordinário, capaz de

¹⁰ Torna-se evidente a relação entre a compreensão que Gonçalves de Magalhães tem de Napoleão e a figura do herói em Hegel, ou seja, aquele que realiza os sentidos oferecidos por um destino (história – *geschichte*), no interior de uma determinada época, e isto sem que tenha consciência propriamente do realizado, como podemos ler no estudo de Michael Inwood: “A história filosófica. O historiador filosófico usa os resultados dos historiadores originais e reflexivos para interpretar a história como o desenvolvimento racional do espírito do tempo, algo que escapa a ambos os agentes históricos e a outros historiadores. O espírito do mundo, que encarna a IDÉIA, é levado avante pelas paixões de indivíduos, em especial os ‘indivíduos históricos mundiais’ ou heróis, como Alexandre, César e Napoleão, que, apenas com uma tênue consciência de seu desígnio histórico, mas guiados pela ‘astúcia da razão’, impõem com poderosa eficácia o estabelecimento de uma nova época, consubstanciando um novo e mais elevado estágio do espírito, da liberdade e da autoconsciência. Ao contrário de, por exemplo, Kant e Voltaire, Hegel sustentou que tais ‘heróis’ não devem ser avaliados por códigos morais ou ético comuns”. (INWOOD, 1997, p. 162)

¹¹ A noção de sublime que aqui empregamos está de acordo com a filosofia kantiana, pensamento no interior do qual tal conceito significa a própria incapacidade da imaginação em compactar, em dar forma a determinadas manifestações da natureza. Trata-se, portanto, do fracasso da imaginação em sua atividade suplementar a do entendimento, e aí o homem fica atônito desprovido da capacidade de criar, de dar origem a algo determinado, segundo podemos ler: “(...) em CJ (na Crítica do Juízo) ampliou (Kant) o conceito para incluir também o sentimento despertado pelo fracasso da imaginação para compreender o ‘absolutamente grande’, quer em termos de medida (sublime matemático) ou de poder (dinamicamente sublime)”. (CAYGILL, 2000, p. 298) (Grifo nosso)

persistir em meio ao infortúnio e de realizar exatamente aquilo que deveria ser concretizado em tal e tal instante. Aqui aparece, por um lado, a condição terrível da vida, mas por outro, a possibilidade que o homem tem de insistir na vida, concretizando sentidos valiosos. Napoleão é o defensor da liberdade e da razão, aquele que faria a história dos homens ganhar novos rumos, deixando o “obscurantismo” e o “despotismo” para trás e, por conseguinte, a um só tempo, exemplo de que o homem pode e deve insistir na vida, suportando infortúnios e realizando grandes feitos.

Entretanto, o que Torres Homem destaca em sua crítica à poesia de Magalhães sobre Napoleão, é ainda mais sutil, a saber, que o poeta, além de descrever a vida como infortúnio necessário e de sublinhar a possibilidade e a necessidade que o homem tem de insistir em vida árdua, reconhece que, ao fim e ao cabo, Napoleão não passa de uma invenção. Dizendo ainda em outras palavras, Torres Homem afirma que Magalhães estaria consciente de que, em verdade, nenhum homem pode tanto quanto o Napoleão cantado, que ele não passa de um sonho, de uma criação que visa a evidenciar, a um só tempo, o “infortúnio” que vida é e, por outro lado, a possibilidade própria ao homem de se colocar junto à vida realizando feitos grandiosos, e isto não obstante a fragilidade de todos os homens inclusive a do “herói”. O poeta, de acordo com Magalhães e segundo Torres Homem, não passaria de um criador de belos sentidos, um criador que possui a consciência de que a vida é duríssima e que os homens comuns não suportariam tal revelação. Caberia ao poeta então, a partir da consciência de que a vida seria dor e esforço incessantes, proteger-se da natureza, ao estilo de Ulisses, entregando-se à sua própria imaginação, construindo sentidos que ele gostaria que fossem reais, que trariam ânimo a ele mesmo, e, especialmente, aos homens em geral.

O poeta teria consciência de que a vida, a “natureza”, é mais forte do que todo e qualquer homem, que qualquer Napoleão, ao fim. O mérito do poeta estaria, segundo o crítico, em sua modéstia em aceitar a fragilidade como fundamento da condição humana, algo que apareceria a todos os outros como uma espécie de pesadelo insuportável. Mas qual é a função prática desta modéstia? É a partir dela que o poeta seria capaz de afastar-se de suas criações, sem grande aflição, na medida em

que a vida necessitasse novos sonhos. Assim, o poeta aparece como ente privilegiado, capaz de suportar o terrível segredo da existência, transfigurando-o, o que significa dizer, produzindo através da dor e do infortúnio novos sonhos que tornassem a vida de todos possível. Consciente do fundamento da existência humana e do ritmo ideal a uma vida adequada, o poeta colocava-se de acordo com a vida, ou seja, posicionava-se atento às transformações e aos desafios inéditos oferecidos, sempre novamente, pela existência, sem zelo excessivo pelas suas próprias criações, e recunhava respostas e sentidos adequados ao bem de todos (da sociedade), sempre que necessário.

O poeta também “sofre com o espetáculo da vida”, a ele as “musas” não deixam, um só minuto, de segredar a fragilidade da existência, mas a ele cabe insistir com recato na confecção de sonhos que resguardariam a existência serena dos simples mortais e permitiriam que tais homens respondessem de forma adequada a tal e tal circunstância. E, aqui, sublinhamos uma vez mais que não importa, necessariamente, quais são os sonhos em questão, mas sim a força de adequação destes sentidos ao enfrentamento de determinadas circunstâncias. Em outras palavras, a importância do Napoleão de Magalhães e de seu *Cântico de Waterloo* é apenas relativa.

Segundo Torres Homem, importa ao verdadeiro poeta continuar desejando a vida, construindo e fornecendo imagens/orientações para que os homens comuns possam insistir na vida, adequadamente. Aqui vale menos o sonho do poeta do que sua função, que é, especialmente, a de criar condições necessárias à insistência dos homens comuns numa vida terrível e orientá-los através destes ou daqueles sentidos, aqui vale menos algo como um valor intrínseco do canto do poeta do que a sua força pedagógica. Os verdadeiros poetas, segundo o crítico, possuem a consciência de que seus sonhos e heróis não passam de modelos precários à conservação de uma existência adequada. Uma consciência fundamental, pois ela permitiria ao próprio vate a boa-vontade necessária ao esquecimento de sonhos antigos, no tempo certo, e a aventura pragmática em outros novos. Acompanhemos:

Para entoar o cântico desse drama terrível, que se chama a Batalha de Waterloo, donde a mais gigantesca realidade que há passado sobre a terra foi exalar-se como

um sonho na extremidade solitária dos três continentes, o engenhoso vate sufoca por momento os acentos favoritos de seu coração. Aqui não soa mais essa voz docemente gemebunda da Musa, que sofre com o espetáculo da vida; seu entusiasmo parece ascender-se no fogo do raio e o tumulto das armas lhe retine nos versos. (Torres Homem, 1978, p. 251)

Segundo o crítico, Magalhães, ao descrever a Batalha de Waterloo, “drama terrível”, tratava de iludir-se, ou melhor, de afastar-se do canto “gemebundo” das musas, canto que anunciava, incessantemente, a existência humana como “infortúnio”. Tal música era “doce” ao poeta, pois atendia aos “acentos favoritos de seu coração”, ou seja, como já vimos páginas acima, ao tratar da melancolia, havia uma relação de reciprocidade entre a tristeza íntima do poeta (a melancolia) e a lógica da vida, o “infortúnio”. A melancolia do poeta abria a possibilidade para o aparecimento do correlato que seria a própria vida e sua condição mais fundamental, a de ser “infortúnio”, e, desde então, uma alimentaria a outra, em afinação perfeita. Entretanto, Torres Homem percebe algo de fundamental na prosa de Magalhães, a saber, chega uma hora em que o próprio poeta não suporta mais esta afinação, não suporta mais viver triste, consciente de que a existência é esforço e dor incessantes, aí o “vate sufoca por momento os acentos favoritos de seu coração”. Sufocando, “por momento”, tais acentos favoritos, o que diz sua melancolia, o correlato – vida como “infortúnio” – também desaparece, e, então, cresce no poeta um “entusiasmo” que o faz cantar a força e as façanhas dos homens em meio à guerra, “o tumulto das armas lhe retine nos versos”. Aí, Magalhães, segundo o crítico, estaria sonhando, insistindo na vida, e criando, também, imagens e sentidos capazes de resguardar (preservar) o encanto dos homens comuns pela existência.

Magalhães, Torres Homem e Araújo Porto-alegre compreendiam que a vida se configurava sempre de forma a fazer o homem sofrer, mas então o que restaria? Segundo o crítico, a força de Magalhães estaria justo em não capitular a essa compreensão acerca da vida, e orientar-se pela modéstia e pelo par imaginação e fantasia, fazendo a Batalha em questão aparecer como um espetáculo luminoso, no interior do qual os homens resistiam, ou seja, insistiam através dos infortúnios

terríveis aos quais eram apresentados¹².

Torres Homem reconhece em Magalhães uma força capaz de, por um lado, assumir a fragilidade humana, e, a um só tempo, criar estratégias para a insistência na vida. Magalhães não se prostaria perante uma vida imprevisível e árdua, pelo contrário, persistia e fazia de sua poesia um espaço no interior do qual ele mesmo e, sobretudo, o homem comum experimentariam a finitude da vida na medida do suportável, e os últimos recolheriam à poesia sonhos animadores. A força de Magalhães estaria em, por um lado, alertar os homens para o significado terrível da vida, e, por outro, animá-los a continuar. O (verdadeiro) poeta não perderia de vista a compreensão de que seus sonhos estão fadados a se desmanchar em meio ao movimento deveninente da vida. Entretanto, mesmo o (verdadeiro) poeta deveria se afastar, vez por outra, da compreensão do que a vida é mais propriamente, e isto para que pudesse conquistar o ânimo necessário à realização da tarefa árdua de existir, e para que pudesse cumprir a função de compor imagens e sentidos fundamentais à existência esperançosa e adequada dos homens em geral.

Até aqui demos então mais dois passos, a saber: 1) o poeta é um ente privilegiado porque entrevê que a existência humana é finita, uma vez que tudo o que o homem realiza é precário; 2) o poeta verdadeiro é modesto e não desiste da existência por ela ser uma tarefa árdua, que cobra dele esforço incessante; 3) o poeta procura, de tempos em tempos, esquecer as “musas”, o que significa dizer, esquecer a dureza que a vida imputa a todos os mortais, e construir sonhos, valores, a partir de sua imaginação; 4) apenas os sonhos do poeta são adequados, pois eles são erigidos a partir da consciência radical da fragilidade de todo construto humano e 5) os verdadeiros poetas fazem de suas poesias um âmbito ideal no interior do qual o homem comum pode experimentar a vida como infortúnio, encontrando sonhos que o impulsionem a viver com esperança e adequação.

¹² Sobre isto que chamo de espetáculo luminoso, ver a compreensão de *apolíneo* em NIETZSCHE, 1992, 27 et. seq. Ver, também, o elogio de Nietzsche à história, especialmente por ela se tratar de uma ciência capaz de evidenciar exemplos de grandes personagens e grandes realizações, que importavam menos em razão de sua excepcionalidade ou de sua economia interna, mais propriamente, do que em função do estímulo que ofereciam à vida, lembrando ao homem, em qualquer tempo, que era possível ultrapassar os desafios terríveis oferecidos pela vida. NIETZSCHE, 2003, p. 17 et. seq.

1.1.2.

Longe da pátria: saudade, desespero e esperança

As saudades da “pátria” e as reminiscências das impressões da primeira juventude, que mais tarde, depois de uma amarga experiência do mundo e dos homens aparecem como ruínas vistas ao clarão do archote, são para o gênio do senhor Magalhães uma fonte inesgotável de inspirações. No meio de todos os povos, ao longo dos caminhos desertos, no tope das montanhas cobertas de gelo, nos vales sombrios, a lembrança do Brasil faz vibrar todas as cordas do coração do poeta. (Torres Homem, 1978, p. 253)

Torres Homem, ao comentar a poética de Magalhães, tematiza o problema da saudade¹³. A saudade provocada, especialmente, pela distância em relação à “pátria”,

¹³ A noção de saudade que aparece no interior dos escritos de Magalhães, e que se torna sentimento fundamental também às reflexões de seus companheiros, possui um significado próximo ao que podemos encontrar na “tradição passadista” portuguesa desde o Renascimento, passando por Almeida Garret, amigo de Magalhães, de Torres Homem e de Araújo Porto-Alegre, durante o tempo no qual estiveram na França (1833-1836), até Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão e Antonio Carneiro, no século XX.

A saudade é uma espécie de sentimento, de força, que provoca, constantemente e, a um só tempo, a relação entre o eu e o outro, entre o que vive e o que passou, por um lado, e a conquista da identidade do eu, no aqui e agora, por outro. Dizendo de outra maneira, a saudade é uma força que faz aparecer o outro, mas que impulsiona o eu à consciência de si mesmo, pois, na medida mesmo em que faz o outro aparecer e se impor, força o eu a se colocar num movimento de consciência de si e de redefinição. Este movimento é imprevisível e incessante, colocando o eu no interior desta relação de alteridade e de identidade de forma súbita e sempre uma vez mais, o que faz com que a saudade seja uma força capaz de oferecer ao homem a possibilidade de um autoconhecimento inacabado e que se complexifica, pois, como afirma Pinharanda Gomes: “É nostalgia enquanto sentimento de passado longínquo, mas esperança de longínquo futuro (...) a diáde presença/ausência é um necessário da intimidade saudosista; nem saudade se entenderia, caso não houvesse sentimento de contraste entre presença e ausência” (GOMES, 1987, p. 210). Ou ainda: “A saudade é uma *unidade*, mas é também uma *ipseidade*: o conhecimento interior que cada ente tem de si mesmo e a sua relação com o outro fora de si mesmo (...)” (Ibid., p. 210). A saudade é “(...) experiência da intimidade radical do homem (...)” (Ibid.).

Uma segunda característica da saudade é que ela é amor, e amor, aqui, devemos entender através da tradução cristã de *caritas*, o que significa dizer que ela é cuidado, um duplo cuidado vale grifar, cuidado consigo mesmo e com o outro, e isto porque o eu reconhece uma espécie de identidade que unifica ele mesmo ao outro, algo como uma co-pertença. Como anota Pinharanda Gomes - “No saudosismo, a monadologia propõe que a mônadas têm janelas, que olham umas para as outras; e que, cada uma sendo uma na ausência das outras, cada uma é uma pela presença das outras em si mesmas”. (GOMES, 1987, p. 211).

Segue-se daí que a saudade é um sentimento que provoca ação, uma ação que pretende cuidar de si mesmo na relação com o outro, sintetizando o que passou ao que vive. Aparece, assim, o teor político e revolucionário que possui a saudade em jogo. Um sentimento que provoca, incessantemente, a correção do eu pelo outro e vice-versa, num movimento de complexificação constante. Pinharanda Gomes escreve que: “O mesmo é nada sem o outro, e vice-versa. A assunção do *eu* faz-se perante o *tu*; a assunção do mesmo faz-se perante o outro; a relação mesmidade/alteridade supõe a relação de ambos os casos, sob pena de, cindidos um do outro, se tornarem incompreensíveis” (Ibid., p. 210). E, continuando: “A saudade conhece, transitando, ora do subjetivo para o objetivo, ora do objetivo para o subjetivo: interioriza e exterioriza, talvez mais ao ritmo cordial do que ao mando capital, mas

ou seja, em relação aos amigos e familiares e a determinados espaços, causa desalento e torna ainda mais aguda a compreensão de que a vida é sofrimento insistente¹⁴. O que Torres Homem anota é que Magalhães lembra de sua “pátria” na medida mesmo em que sofria a experiência da distância. No exílio, lembrava/produzia uma vida pregressa feliz no que chamara de “pátria” e passara, desde então, a anunciar que a existência poderia ser ainda uma vez mais prazerosa no interior deste espaço privilegiado¹⁵. A saudade faz Magalhães, a um só tempo, desesperar e questionar-se sobre a validade de uma existência dolorosa, por um lado, e, por outro, faz Magalhães recordar dos tempos e espaços nos quais acabara de descobrir/produzir ter sido feliz, nos quais a existência teria valido a pena, e, por fim, faz o poeta conquistar identidade, ou ainda, consciência de si. A distância em relação à “pátria” faz

constitui-se plataforma de encontro da ausência e da presença. Morre na presença e vive na ausência, como amor, que não se ama a si mesmo, mas a outro”. (Ibid.)

A saudade é um sentimento que instaura a necessidade, constante, de novas configurações, por isto é religiosa, no sentido de que é uma força que pretende religar, sintetizar. Ainda segundo Pinharanda Gomes “O fator religioso do saudosismo tem duplo valor – ôntico, porque a saudade é o ato de religação das mônadas que, solitárias, são solidárias; e cultural, porque o saudosismo se destina a afirmar uma religião nacional, separada do romanismo, por isso que o propositos aduz que ‘a saudade é o espírito lusitano na sua supervida, no seu aspecto religioso’”. (Ibid., p. 211)

A saudade é, assim, uma esperança de futuro, de um futuro inédito, forjado no interior de uma relação de síntese, incessante, entre o passado e o presente. Uma esperança de futuro que faz política anota Pinharanda Gomes: “Há um sentimento de algo passado, mas há, de igual modo, um sentimento de algo futuro: tudo está perdido, tudo está para se recuperar (...) ‘religião da saudade’ e a ela teriam de se subordinar a obra social e política da República (portuguesa)” (Ibid., p. 212). Logo, temos a saudade como critério de verdade, transbordando em ativismo – “‘Querer e crer’. Vontade e Amor. Amor operativo, vontade ativa. Ecoam aí os sinais do augustinismo e do franciscanismo, da vontade de mudar o mundo, de reconquistar as fontes perdidas”. (Ibid.)

¹⁴ Magalhães acolhe esta compreensão de pátria junto a Chateaubriand. O pensador francês dedica um ensaio de algumas poucas páginas à pátria, intitulado “Instinto de Pátria”, e isto no interior d’*O Gênio do Cristianismo*, senão acompanhemos: “Ora o instinto exclusivo do homem, o mais belo, o mais moral dos instintos, é o *amor da pátria*. Se esta lei não fosse sustentada por um milagre sempre subsistente e ao qual, como a tantos outros, não prestamos atenção alguma, os homens precipitar-se-iam nas zonas temperadas, deixando o restante do globo deserto (...) É muito de notar-se que quanto mais ingrato é o solo de um país, mais o seu clima é rude; ou, que diz o mesmo, quantas mais perseguições se sofrem num país, mais encantos ele tem para nós. Estranha e sublime coisa, que a desgraça nos prenda, e que o homem, apenas embulhado duma choça, seja o que mais anela o teto paternal! A razão deste fenômeno é que a prodigalidade duma terra mui fértil destrói, enriquecendo-nos, a simplicidade dos vínculos naturais, que se formam em nossas precisões; quando se acaba com o amor dos pais, porque já nos não são precisos, cessa também o amor da pátria. Tudo confirma a verdade desta asserção. Um selvagem quer mais à sua cabana, que um príncipe ao seu palácio (...) Perguntau a um pastor escocês se ele quer trocar a sua sorte com a do mais opulento potentado da terra. Longe de sua tribo querida, vai com ele a saudade dela; por toda a parte se lhe figuram os seus rebanhos, as suas torrentes, as suas nuvens (...)”. (CHATEAUBRIAND, 1960, v.1, p. 144)

¹⁵ Cabe ressaltar que a infelicidade que Magalhães sentira após o exílio de sua pátria era um sentimento, a um só tempo, experimentado pelo poeta e orientado pelas leituras de Chateaubriand. Ver CHATEAUBRIAND, 1960, v. 1, p. 144 et. seq.

Magalhães chorar e alegrar, chorar em razão da distancia que o separava de sua “pátria”, e alegrar em função da presença de seu passado/pátria, que produzira e que o tomara de assalto, a um só tempo. Essa tensão (a própria saudade) forçava sua sobrevivência ainda que em paisagens distantes, não obstante e mesmo em função da ausência física dos amigos, familiares e espaços íntimos, distância que provoca, ao fim, a produção de uma identidade, de um lugar determinado e de uma responsabilidade específica – a de insistir vivendo também em respeito aos seus “compatriotas”. Aí, Magalhães abandona o que podemos chamar de melancolia radical e disponibiliza sua existência à “pátria”. O poeta se equilibrara entre o desespero e o desencanto em relação à vida, e o otimismo e a esperança de voltar e defender sua “pátria”, de fazê-la vigorar e, assim, resguardar o espaço ideal no interior do qual a sua própria existência poderia voltar a ser alegre, propriamente¹⁶. Indo mais adiante:

Este volume de poesia do Sr. Magalhães não é somente uma coleção de belas harmonias, mas também um código de moral na sua expressão a mais sublime, nas suas formas as mais ternas e consoladoras, e cuja luz alumia sem irritar os olhos, como o doce clarão que a lua espalha sobre um dédalo de flores. Ele é próprio a aplacar a necessidade de emoções grosseiras, que a nossa época agita. O sopro do infortúnio, da religião e da filosofia animou esses cantos, onde domina um doloroso entusiasmo por tudo quanto é grande, bom e justo. Parece que a Providência faz sofrer todos os poetas de gênio, a fim que instrua os outros homens com a sublime melodia de seus gemidos; as criaturas mediocres sofrem menos, porque seus queixumes não têm harmonia, e são um desacordo demais entre os sons confusos do mundo moral. (Torres Homem, 1978, p. 253-254)

Torres Homem sublinha que apenas a dor do poeta tem harmonia, o que significa dizer que somente sua dor está de acordo com a vida, que a dor do poeta e não a da maioria dos homens, expressa e é capaz de suportar o que a vida é mais propriamente – “infortúnio”. Apenas aqueles que sofrem pelos motivos corretos, que suportam esse sofrimento, são capazes de produzir, através de sua dor precisa, digamos assim, imagens capazes de provocar a insistência adequada na vida. No entanto, para que o próprio poeta possa contruir textos capazes de provocar os

¹⁶ Para um estudo detido do exílio e da saudade da pátria, ou ainda da nostalgia, ver FRANQUETTI, 2001. Cabe ver, também, a *Odisséia* de Homero e sua noção de *nostos* como força que confere e que sustenta a identidade e a consciência de si e que orienta, que dá norte, ao regresso de Ulisses.

homens em geral a pensar e a agir de forma adequada, a sua dor necessita de uma espécie de companhia decisiva, a saber, é necessário que ela seja seguida pela experiência da eternidade, ou ainda, pela percepção da existência de um ente onipresente, onisciente e onipotente, que constitua razão suficiente à justificação de uma vida, no fundo dolorosa. O poeta precisa experimentar a dor adequada em relação à vida, uma dor provocada pela experiência da finitude, do “infortúnio”, mas precisa, também, ser tocado pela esperança oferecida pela experiência do Deus cristão, ou da eternidade se preferirmos¹⁷. Aí, o poeta torna-se forte o bastante para insistir vivendo com alegria e adequadamente, e mais, é competente o suficiente para construir textos no interior dos quais os homens em geral possam experimentar a dor da finitude e, também, a esperança provocada pela existência de um ente perfeito, e assim seguir tocando suas vidas com alegria e modéstia (adequadamente).

Ainda em outras palavras, a experimentação da vida como “infortúnio” é capaz de fazer aparecer um sentimento de fragilidade radical, aí a existência perde qualquer sentido possível, sentido que só pode ser experimentado, novamente, numa relação com algo diferente do humano, diferente do finito. Ocorre que apenas os poetas seriam capazes de suportar o anúncio do que a vida seria em sua dimensão mais fundamental e, a partir de uma condição de pobreza radicalíssima (que apenas eles poderiam suportar), experimentar a medida da eternidade. Os poetas, através de sua “triste meditação”, ou ainda do que Magalhães chama, aqui, de “filosofia”, seriam capazes de sustentar o peso da vida e de reencantá-la, produzindo, por conseguinte, imagens e sentidos fundamentais à animação dos homens em geral.

Os passos que demos até aqui podem ser resumidos assim: 1) o poeta experimenta fragilidade radical quando compreende aquilo que a vida é em seu fundamento – “infortúnio”; 2) desiste de encontrar justificativa para a existência humana dentro do próprio mundo, ou seja, abandona o finito como medida possível à compreensão de justificativas suficientes para a existência, e isto porque tudo o que é

¹⁷ Mas à frente veremos que é essa dor radical, adequada ao que a vida é mais propriamente, ou ainda, “harmoniosa”, a própria possibilidade de experimentação da medida da eternidade. Em algumas palavras, apenas aqueles que compreendem que a existência humana é necessariamente frágil -, e isto porque o âmbito no interior do qual o homem vive é determinado pelo “infortúnio” -, tem de decidir ou bem pelo par desistência/loucura (no sentido aristotélico), ou bem pela fé/esperança num ente

finito é precário; 3) o poeta experimenta o infinito, que para Magalhães e seus companheiros aparece como sendo a figura do Deus católico; 4) Esse Deus oferece o sentido necessário à existência, reencantando a vida; 5) O poeta, afinado a sua finitude, o que significa dizer, melancólico e, a um só tempo, crédulo em Deus, insiste, sempre novamente, na produção de imagens e sentidos provisórios e fundamentais ao reencantamento de sua própria existência, bem como fundamentais à existência dos homens em geral.

Os verdadeiros poetas, os de “gênio”, sofrem à exaustão. Sofrem mais do que os outros homens, pois entrevêm o que há de mais radical na existência sem quaisquer ilusões, a saber - a dor de ter de fazer sempre novamente (“infortúnio”). As Musas oferecem ao poeta de gênio uma visão privilegiada acerca do que a vida é efetivamente, visão assustadora, peso que eles devem sustentar uma vez mais em cada realização de sua existência, melhor dizendo, em cada algo que criam, em cada “quimera” são alimentados pela lembrança de que tudo o que há está fadado ao fracasso, sempre uma vez mais. Os gênios sustentam tal peso, mas persistem amparados pela mais profunda fé, mais profunda porque nasce justo do mais doloroso dos sofrimentos. Não desistem porque são amparados pela fé, pela crença numa realidade transcendente, que teria incumbido os homens de realizar a tarefa do existir¹⁸. Os poetas também possuem a tarefa de sonhar, de produzir “quimeras” através das quais a vida se torne possível aos homens em geral, para que estes continuem insistindo em existência dolorosa, pois “parece que a Providência faz sofrer todos os poetas de gênio, a fim que instruam os outros homens com a sublime melodia de seus gemidos”. (Torres Homem, p. 253-254)

A “sublime melodia dos gemidos” dos poetas, ou melhor, o canto afinado pela

transcendente que não é exposto às determinações da vida – ao “infortúnio”, mas sim, o próprio ordenador, justo e amoroso (o que diz perfeito), dessa ordem.

¹⁸ A compreensão de que a fé era âmbito ideal à conquista de otimismo e esperança fora colhida por Magalhães e por seus companheiros junto a Chateaubriand, como podemos ler: “Enfim, se empregardes a fé no seu genuíno exercício, se a referirdes inteiramente ao Criador, se a tomais como olhos da inteligência para enxergardes as maravilhas da cidade santa e o império celeste, se a tomardes como enlevo para superardes as penas desta vida, reconhecereis que os livros santos não exaltaram demais esta virtude, quando falaram dos prodígios que por ela podem operar-se. Fé celestial! Fé consoladora! Fazes mais que transportar montanhas: ergues os pesos opressores que afogam o coração humano!”. (CHATEAUBRIAND, 1960, v. 1, p. 58)

compreensão do que a existência significa - “infortúnio” e, a um só tempo, pela fé, é responsável pela “instrução” daqueles que não entendem, ou ainda, que não poderiam suportar o princípio de determinação da realidade, e que se encontram, desavisados, realizando ações em descompasso com o que a própria vida permite. Os homens comuns, “mediócrs”, por outro lado, orientavam-se a partir de determinados sentidos inadequados à vida, iludidos em meio a um real que criam seguro e ideal à realização plena de seus desejos, e os seus “gemidos” não passavam de “queixumes” porque reclamavam, em verdade, a partir de decepções idiossincráticas.¹⁹

Os homens do Império, segundo Torres Homem, e isto junto a Magalhães, não se queixavam da fragilidade e do “infortúnio” que seria a vida, queixa que seria compreendida como razoável vale anotar, mas sim de um insucesso material e/ou político que criam poder superar a qualquer momento. Em desarmonia com o real, não entendiam que seus “princípios” e “hábitos”, aparentemente seguros, estavam oferecendo perigo às suas próprias vidas, bem como expondo toda a sociedade à destruição, ou seja, agiam sem contar com a fragilidade de suas forças para suportar os resultados que, fatalmente, reverberariam de suas ações. Eles viviam orientados por uma moralidade “confusa”, o que significa dizer por uma moralidade construída a partir de uma compreensão equivocada do que é a existência, e orientada por uma pluralidade de valores contraditórios que era atualizada por interesses particulares que nasciam aqui e ali, incessantemente, pois como afirma Torres Homem, “as criaturas

¹⁹ Torres Homem percebe e compartilha da compreensão de Magalhães acerca de parte importante da função do poeta, a saber, a função de fazer da poesia um espaço privilegiado no interior do qual o homem comum é orientado, pelos sentidos, a praticar o que é universalmente justo, e isto porque a poesia afastaria o homem das “emoções grosseiras”, o que é o mesmo que dizer dos desejos, das inclinações, que dizem respeito, tão somente, ao bem momentâneo deste ou daquele homem. Esta compreensão acerca da necessidade de uma espécie de horizonte moral de determinação universal capaz de afastar o homem da busca incessante de realização das requisições mais imediatas necessitadas pelo mundo é recolhida junto ao pensamento kantiano, autor caro ao “Grupo de Paris”. Acompanhemos uma definição precisa da noção de “inclinação” segundo Kant, seguida do comentário de Caygill – “Inclinação é ‘a dependência da faculdade de apetição das sensações (...) a qual, em consequência, indica sempre uma necessidade’ e, para Kant, possuir uma vontade determinada exclusivamente por inclinação é ser desprovido de espontaneidade, reagir meramente a estímulos, a uma condição que Kant descreve como ‘escolha animal (*arbitrium brutum*)’. A escolha humana pode ser afetada mas não determinada por inclinação, a qual, para Kant só serve para debilitar a liberdade da vontade (...) Os objetos da inclinação têm apenas um ‘valor condicionado’; isto é, eles não são desejados ‘por si mesmos’ mas tão-somente porque concorrem para satisfazer fins fora deles, a saber, as necessidades da inclinação. Isso, para Kant, torna-os indignos de servirem como princípios de juízo moral, pois, como não podem ser universalizados, só podem servir como base de imperativos hipotéticos e não categóricos”. (CAYGILL, 2000, p. 196)

mediócrs sofrem menos, porque seus queixumes não têm harmonia e são um desacordo demais entre os sons confusos do mundo moral”. A voz do poeta devia, assim, educar, civilizar os homens em geral, homens “mediócrs”, que não percebiam que suas atitudes punham em perigo sua própria existência, bem como a existência de toda a sociedade. O poeta deveria mostrar, a um só tempo, que o homem não seria capaz de cunhar sentidos definivos, perfeitos, que toda a realização humana era precária e, por outro lado, deveria disponibilizar imagens e sentidos animadores e adequados à insistência numa vida terrível.

Tais homens caminhavam convictos da possibilidade de serem absolutamente realizados, e para isso investiam na concretização de seus desejos mais imediatos, provenientes dos sentidos e não da razão²⁰. Acompanhemos as palavras de Torres

²⁰ Torres Homem, junto a Magalhães, compreende que as ações, especialmente aquelas que nascem no interior da política institucional, devem respeitar à razão, razão que aparece como um exercício reflexivo e dialogal, capaz de fundar enunciados morais com vistas ao universal, ou seja, enunciados fundados na preocupação com a totalidade dos homens. Ainda em outras palavras, Magalhães e seus companheiros estão preocupados com a fundamentação de sentidos que possam ser praticados por todos os homens, sem colocar em risco a sua “pátria”, provocando, pelo contrário, seu progresso moral e material. Aqui observamos, uma vez mais, o diálogo com o pensamento kantiano. Acompanhemos as palavras de Kant sobre o imperativo categórico, citadas por Caygill- “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na sua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca apenas como um meio”. (CAYGILL, 2000, p. 193)

Entretanto, Magalhães e seus companheiros crêm que a arte é um instrumento privilegiado no sentido de orientar a ação dos homens em geral, e isto porque a verdadeira arte seria fundada na razão deste ou daquele homem de gênio e, portanto, de acordo com o imperativo universal descrito acima. Aqui, temos o diálogo do “Grupo de Paris” com o idealismo alemão, especialmente com Schiller. Este e aqueles acreditam, podemos dizer distantes de Kant, na fragilidade da liberdade, ou seja, na fragilidade da própria razão de produzir para si mesma enunciados autônomos com vistas ao universal. Segundo Schiller, por exemplo, conjunturas materiais como a que fora aberta pela Revolução Francesa, impossibilitariam que os homens em geral pudessem conquistar, racionalmente, enunciados que expressassem, mesmo que de forma precária, o que é justo e ordenassem a vida prática. Num tempo de emergência, a arte aparece, então, como veículo capaz de orientar o homem na realização de ações justas (ações fundadas na pretensão à universalidade), sem uma orientação racional originária por parte dos homens em geral.

Mme de Staël dividira com Schiller a convicção de que as coordenadas espaço-temporais influenciariam positiva ou negativamente o exercício autônomo da razão prática. Para a crítica, a Revolução Francesa fora um momento privilegiado no interior do qual a revolução moral pretendida pela filosofia alemã oitocentista, desde Kant, poderia ser empreendida, senão vejamos: “Observando as diferenças características que encontramos entre as obras dos italianos, ingleses, alemães e franceses, pensei poder demonstrar que as instituições políticas e religiosas tinham a maior influência sobre essas constantes diversidades. Enfim, ao contemplar quer as ruínas, quer as esperanças que a Revolução francesa, por assim dizer, mesclou, pensei que importava conhecer a força que esta revolução exerceu sobre as luzes e que efeitos poderiam resultar disso um dia, se a ordem e a liberdade, a moral e a independência republicana se combinassem séria e politicamente”. (STAËL, 1987, p. 99)

Magalhães e seus companheiros se utilizam intensamente de uma retórica repleta de metáforas, analogias, adjetivos e denegações, e isto com o objetivo de comover e de seduzir os homens em geral a agir de forma justa, a despeito de uma decisão racional originária, recurso que alguns críticos, como

Homem:

O Brasil não está hoje para as letras e as ciências. Entre nós quantos talentos passam incógnitos na vida, como esses rios sem nome nas suas solidões! A nossa mocidade tão bela e esperançosa, por falta de direção, de carreira e de espírito público, esgarra-se em falsos caminhos ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens que dirigem os destinos do Brasil, sem compreender as condições de sua missão, parecem ter dado as mãos a todas as influências do mal, para agravar o estado da triste época em que vivemos. (Torres Homem, 1978, p. 254-255)

Caberia aos poetas revelar a condição a partir da qual o homem atuava no mundo, a finitude, e, por conseguinte, disponibilizar imagens, idéias e costumes a partir dos quais os homens pudessem garantir um existir adequado. Todavia, os homens e mulheres da *boa sociedade*, em especial os dirigentes do Estado em construção, estavam convictos de que eram fortíssimos, invencíveis, e insistiam em investir em ações fundadas em desejos “egoístas”. Esses homens pensavam e agiam orientados pela certeza de que poderiam construir uma existência perfeita e mais, investiam suas carreiras na concretização de seus desejos imediatos e particulares. Ao fim, ao entenderem-se invencíveis, assumiam uma postura de auto-suficiência, compreendendo toda a diferença como dispensável, ou melhor, indesejada; “egoístas”, provocavam a decadência do Império. Como podemos ler:

Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas Gazetas que por mandado da sábia e liberal Administração o fogo fora lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da inteligência e da civilização. Ao menos haveria nisto o mérito de um sistema de trevas logicamente combinado e aquela beleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das fúrias. Onde estão esses ilustres regeneradores, que um belo dia declararam à face do país, que o homem nascera filósofo e que o estudo da ciência das ciências era pura quimera? Por detras do homens atuais não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brasil, não é uma exceção e porém sim o estado geral das idéias provenientes do ceticismo moral, da indiferença para o bem e o mal, da nulidade dos caracteres

Antonio Candido, compreenderam como sintoma de “prolixidade”, como podemos ler: “Em Monte Alverne (como em seus “discípulos” Românticos), um grande número de sermões se suspendem por assim dizer no vácuo, sustentados pela palavra vertiginosamente lançada, sem que possamos apreender as linhas nítidas de um objeto lógico ou a marcha concatenada de uma demonstração. A multiplicidade de imagens e conceitos chega então ao limiar da prolixidade e transforma os sermões em vastas paráfrases (...) Esta técnica ampliadora e taceante encontra aliado na embriaguez verbal, no pendor pela imagem altissona, no adjetivo procurado como solução do pensamento (...) Este testemunho de quem viveu ainda na aura da sua glória retoma o entusiasmo dos seus discípulos e auditores, como Porto-Alegre, que lhe fez a oração fúnebre em nome do Instituto Histórico, ou Magalhães, que o glorifica num belo artigo e pelo menos dois cantos de má poesia e ardente preito” (CANDIDO, 1964, p. 305-307). (grifo nosso)

estranhos a todos os nobres sentimentos e votados a um duro egoísmo e ao fim da extinção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. (Torres Homem, 1978, p. 255)

Os gênios, ou ainda os poetas, a quem se devia ouvir, únicos homens capazes de possibilitar a experiência da finitude e, a um só tempo, animar a vida e oferecer enunciados morais adequados a ela, eram vítimas do “orgulho” dos homens em geral, em especial dos falsos poetas e dos dirigentes do Império, que entendiam, por sua vez, que os gênios prejudicavam a realização de seus desejos, e isto “(...) porque nós outros brasileiros não podemos sofrer reputações; nosso orgulho é em extremo susceptível; ele desconfia dos menores sucessos; um nome pronunciado três vezes nos importuna, e irrita”. (Torre Homem, p. 254)

Com os *Suspiros Poéticos*, surgia um gênio, segundo Torres Homem, “abria-se uma era à poesia brasileira” (Torres Homem, p. 254), mas os poetas e os dirigentes imperiais estavam por demais preocupados em realizar seus desejos “egoístas”, envoltos pela ilusão da invencibilidade, despreocupados com o destino da sociedade. Os (verdadeiros) poetas não eram lidos, não encontravam, no Estado em construção, o apoio necessário à sua empresa civilizadora, ao contrário, eram desestimulados. Torres Homem, bem como Magalhães, buscava participar do *espaço público*, apresentando teses e críticas capazes de orientar os espíritos, entretanto, assinalava, a um só tempo, a fragilidade de tal âmbito, exposto às inclinações e apetites de dirigentes e poetas em tudo “egoístas”²¹. Segundo o crítico e o poeta, os dirigentes

²¹ *Espaço público*, aqui, significa, a partir de Kant, um âmbito no interior do qual os mais diferentes temas, entre eles o Estado, a moralidade e a religião são criticados e discutidos, e isto a partir da premissa de que todos os que dele participam são livres, orientados pela medida da razão e da verdade. *Espaço público* é o próprio âmbito que se constitui a partir de um conjunto de “sábios” que fazem uso do que Kant chamou de *uso público* da razão, senão acompanhemos: “Para este esclarecimento [Aufklärung], porém, nada mais exige senão *liberdade*. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, excluir de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: *raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, *mas obedecei!*) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [Aufklärung]? Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: o *uso público* de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [Aufklärung] entre os homens. O *uso privado* da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento [Aufklärung]. Entendo contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto *sábio*, faz dela diante do grande público do *mundo letrado*. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado (...) Em casos tais, não é sem dúvida

relutavam em dividir o governo dos homens com aqueles poucos capazes de animar a vida e de entrever idéias e costumes adequados, pois – “...cada dia que corre, receamos seriamente ler nas gazetas que, por mandado da sábia e liberal administração, o fogo fora lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da inteligência e da civilização”. E aqui vale evidenciar o epíteto de “louco” que Torres Homem atribui àqueles que governavam o Império, o que significa dizer irracionais, ou ainda, animais. Segundo o crítico, os dirigentes do Império eram “loucos” porque seriam incapazes de concretizar a determinação específica do homem, aquilo mesmo que o faria tornar-se homem, a saber, a faculdade da razão, e seguiam governando orientados pelos apetites, o que Kant chamou de *arbitrium brutum*²².

Os dirigentes eram denunciados como sendo dissimulados, ambíguos, equívocos, mas não exatamente porque pretendiam algo bem-determinado, e possuíam, por outro lado, um discurso que pretendia travestir suas posições reais. Mas sim em razão de que em tudo que pretendiam nenhum conjunto determinado e estável de sentidos os orientava, para dizer de outra forma, nada pretendiam em especial. Eram capazes de tomar as decisões as mais paradoxais possíveis, mas só o faziam, pois estavam, em verdade, orientados por desejos “egoístas”, determinados por uma dinâmica de reconfiguração incessante. Viviam sob a determinação dos sentidos que, por sua vez, cambiavam de forma significativa e incessante, eram amorais, e em tudo que desejavam acabavam insatisfeitos sempre uma vez mais. O que temos aqui, no fundo, é a pergunta pela determinação dos sentidos que moviam os dirigentes imperiais ao longo da década de 30, e a resposta oferecida por Torres

permitido raciocinar, mas deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até à sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo”. (KANT, 2005, p. 65-6). Sobre a instauração disso que chamamos aqui de *espaço público*, ver, também, KOSELLECK, 1999 e HABERMAS, 2003. Sobre o conceito de *espaço público* no Império do Brasil ver MOREL, 2005a, SANTOS & FERREIRA, 2009 e NEVES, 2009.

²² Marco Morel anota que a razão era compreendida como medida fundamental aos debates públicos realizados ao longo da década de 30 do Oitocentos. Exaltados, moderados e conservadores utilizavam-se do mesmo expediente para desqualificar uns aos outros, acusavam seus inimigos de serem incapazes de se orientar pela razão, pela inteligência e os identificavam a partir de “metáforas ligadas aos animais”. (MOREL, 2005, p. 83 et. seq.)

Homem e por seus companheiros é a de que em tudo que pretendiam eram orientados pelas inclinações e seguiam descomprometidos com o “bem” e com o “mal”, com o progresso moral e material do Império do Brasil.

O que está em questão é a denúncia de um tipo de vida, o dos dirigentes e dos poetas, ao longo da década de 30. Esse tipo de vida seria determinado por uma vontade desmedida, a saber, a de querer aquilo mesmo que a vida não poderia oferecer - a satisfação completa. Em cada situação, em cada configuração, acabavam insatisfeitos e contrariados e, por conseguinte, se lançavam em direção a qualquer outro plano, contanto que este novo plano promettesse a possibilidade de realização daquilo mesmo que tanto desejavam - a realização plena. A própria Independência, que fora anunciada como a própria inauguração de novos tempos, tempos de liberdade, segundo o autor, tinha sido obra de homens “egoístas”, que, em verdade, apenas perpetuaram a estrutura política obscurantista e “despótica” dos tempos coloniais.

Ao ler as poesias de Magalhães, Torres Homem compreendia que o “duro egoísmo” que vigia no Império, herdado aos colonizadores, teria se tornado um sentimento radical, fundando o “estado geral das idéias”, no qual vigia o “ceticismo moral” e com ele a arbitrariedade. A religião não encontrara espaço possível, pois ela nasceria da modéstia e do amor (*caritas*). O que vai se tornando claro a partir da crítica de Torres Homem aos *Suspiros*, e isto, acreditamos, em afinação com Magalhães, é um certo pessimismo e desconfiança em relação à conquista do progresso moral e material do Império do Brasil, sentimentos que dividem espaço, por sua vez, com seu otimismo e esperança²³. Aliás, aqui encontramos um quadro perfeito dessa tensão de sentimentos, e isto porque Torres Homem anota que o progresso do Império dependia de uma espécie de esgotamento natural promovido pelo paroxismo do “egoísmo”, pois – “do próprio excesso dos males a esperança renascia” (Torres Homem, 1978, p. 255). Em verdade, o otimismo e a esperança de Torres Homem e de Gonçalves de Magalhães na possibilidade de superação do *éthos* “egoísta”, aparecia no interior de uma consciência que cria viver numa sociedade que havia conquistado o mais alto grau de “maldade” e de amoralidade, senão

²³ Devemos a elaboração dessa compreensão a GREENE, 2005.

acompanhemos:

Há alguns anos, bem difíceis eram as circunstâncias do Brasil e da sua Mocidade, mas do próprio excesso dos males a esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado atual pesa sem esperanças como uma massa de ferro sobre todos os bons espíritos, tanto eles são poucos uníssonos com as coisas, que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada Mocidade! Desgraçado Brasil! (Torres Homem, 1978, p. 255-256)

O autor denunciava um presente esvaziado de qualquer alegria, um presente desencantado, que precisava construir um futuro melhor/possível a partir da dissolução radicalíssima do *espaço de experiência*²⁴. Ao fim e ao cabo, o fardo do passado era pesadíssimo, e os acenos para um futuro melhor eram tímidos, o passado era “massa de ferro sobre todos os bons espíritos” e o próprio futuro equilibrava-se entre esperança e desespero.

Chegamos, aqui, portanto, à tensão significativa que fundava o projeto civilizador Romântico, e que Torres Homem evidencia e endossa em consonância a Magalhães, a saber: por um lado, a crítica e a esperança dedicados à civilização do Império do Brasil, e isto a partir da literatura e, por outro lado, o pessimismo e a desconfiança na possibilidade de ultrapassar o modo de ser “egoísta” que orientava os homens e mulheres da *boa sociedade*. Seu discurso transformava-se numa espécie de ladainha que resguardava a esperança na concretização de um futuro determinado pelo progresso moral e material, no entanto, de forma algo desconfiada em relação à força conquistada pelo passado colonial, o que significa o mesmo que dizer pelo “egoísmo”, parecia crer mais na competência de uma força transcendente do que na própria ação dos homens e mulheres que compunham a *boa sociedade*. Torres Homem suplica a Deus que – “Permita que ela (a poesia de Magalhães) não fique solitária no meio de nossa literatura, como uma suntuosa palmeira no meio do deserto” (Torres Homem, 1978, p. 254-255)²⁵. E, ao fim, confirma o pessimismo e o

²⁴ Para as categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* ver KOSELLECK, 2006, p. 305 et. seq.

²⁵ Reproduzimos a passagem na íntegra, e isto porque ela reforça o desespero, ou ainda, o pessimismo que Torres Homem colhe e acentua junto a Magalhães. E, a um só tempo, nos permite entrever que o projeto civilizador do “Grupo de Paris”, ou seja, a sua esperança na revolução do modo de ser egoísta, era acompanhado por um pessimismo fundamental, ou ainda pela desconfiança, senão vejamos: “Esta produção de um novo gênero é destinada a abrir uma era à poesia Brasileira. Permita Deus, que ela não fique solitária no meio da nossa literatura, como uma suntuosa palmeira no meio dos

desespero que insistem em acompanhar seu otimismo e esperança, que, por aqui, aparecem sob um aspecto místico, exclamando – “Desgraçada mocidade! Desgraçado Brasil!”.

desertos. *Apesar de tudo* cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memória dos admiradores das musas o nome do autor dos *Suspiros Poéticos*. Dissemos *apesar de tudo*, porque nós outros Brasileiros não podemos sofrer reputações; nosso orgulho é em extremo suscetível; ele desconfia dos menores sucessos; um nome pronunciado três vezes nos importuna e irrita. O *Brasil* não está hoje para as letras e as ciências. Entre nós quantos talentos passam incógnitos na vida, como esses rios sem nome de suas solidões! A nossa mocidade tão bela e esperançosa, por falta de direção, de carreira e de espírito público esgarra-se em falsos caminhos, ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura”. (Torres Homem, 1978, nº 2, p. 254-255)

1.2.

Magalhães e suas Saudades: um projeto civilizador melancólico marcado pelo pessimismo e pela esperança

1.2.1.

Sobre o prólogo

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um inimigo e armado com o bastão de peregrino errou de cidade em cidade, de ruína em ruína, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de fadiga, elevou até a Deus uma alma piedosa e verteu lágrimas amargas pela injustiça e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro²⁶.

Deparamo-nos com um texto que, logo de início, revela seu fundamento, a saber, a melancolia. Magalhães anota qual é a determinação de suas poesias e, ao mesmo tempo, anuncia para quem escreve. Se dedica àqueles que, como ele, sentiriam uma tristeza íntima e mais, que teriam vivido de “ruína em ruína”, sem “pátria” e que, solitários, teriam encontrado a Deus, ente onipotente (perfeito), capaz de oferecer a convicção de que valeria à pena insistir em uma existência aparentemente terrível, e isto porque haveria uma “ordem providencial que reina na história da Humanidade”.

Magalhães anuncia que seus poemas são endereçados a uma espécie de leitor ideal, aquele que experimentou radicalmente a finitude humana e que se entregou, em seguida, à fé mais radical. Ele poetiza àqueles que se afastaram de sua “pátria”, que perderam amigos, que conheceram as civilizações e suas ruínas, necessárias²⁷.

²⁶ MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. **Suspiros Poéticos e Saudades**. Brasília: UnB, 1999 (1836), p. 40. Essas poesias foram escritas ao longo dos anos de 1833 e 1836, anos nos quais Magalhães e seus companheiros se encontravam em Paris e publicadas, pela primeira vez, em 1836, pouco antes da *Revista Niterói*. Daqui por diante, faremos as devidas referências no corpo do texto.

²⁷ O tema da ruína, da decadência (especialmente dos “heróis” e das grandes civilizações), que aparece como índice mais evidente da finitude humana, é caro aos Românticos em geral, especialmente a Chateaubriand, que escreve no livro quinto da terceira parte de seu *O gênio do Cristianismo*, intitulada “Harmonia da religião cristã com as cenas da Natureza e as paixões do coração humano”: “Um dia quando o viajor passar por baixo dessas arcadas silenciosas, sem descobrir algum dos seus antigos habitantes, não recusará uma lágrima de sensibilidade; e bendirá estes probres religiosos, cujas cinzas não terão escapado à violência do furacão” (Apud CANDIDO, 1964, p. 301). Ainda sobre o problema das “ruínas”, ver a sexta seção do capítulo “Alegoria e drama barroco”, do livro – “A origem do drama barroco alemão”, de Walter Benjamin, na qual as ruínas são compreendidas, a um só tempo, como índice da “transitoriedade humana”, por um lado, e como vestígios da força conformadora própria ao

Escreve àqueles que, sem “pátria”, perceberam-se esgotados, sem saída, sem o conforto de ombros amigos, na mais profunda solidão – “no silêncio da noite”, àqueles que foram, então, capazes de reconhecer que tantas desgraças só poderiam encontrar explicação na existência de um ente perfeito – o Deus católico - responsável pela ordenação do real, e que as “injustiças” e “misérias” sofridas pelo homem, sempre uma vez mais, encontrariam uma lógica (inapreensível) sustentada pela Providência. O poeta escreve, enfim, para “quem meditou sobre a instabilidade das coisas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade”. Magalhães escreve suspiros, “meditações tristes”, que se encontram num exato entre-lugar, entre a melancolia e a assunção da fragilidade humana, por um lado, e a fé numa justificativa transcendente âni­ma a insistir em vida terrível, por outro.

O poeta sem religião e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos aí procuram aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa e a América: e só este bálsamo sagrado devem verter os cânticos dos poetas brasileiros. (Magalhães, 1999, p. 42)

Longe de sua “pátria”, em meio à melancolia e a permanentes “infortúnios” Magalhães “verte lágrimas”, sofre e agoniza, mas “cansado da fadiga” é conquistado pelo discurso transcendente cristão²⁸. Os imperativos cristãos passam a orientá-lo e

homem no interior de uma vida que se transforma incessantemente, por outro. Como podemos ler: “A fachada partida, as colunas despedaçadas, têm a função de proclamar o milagre de que o edifício em si tenha sobrevivido às forças elementares da destruição, do raio e do terremoto. Em sua artificialidade, essas ruínas aparecem como último legado de uma Antigüidade que no solo moderno só pode ser vista, de fato, como um pitoresco monte de escombros (...). Em (Domenico) Ghirlandaio essas ruínas eram acessórios, impecavelmente preservados. Pode-se estudar a evolução dessa tendência na prática engenhosa dos artistas renascentistas de localizar nas ruínas de um templo Antigo as cenas do nascimento e da adoração de Cristo, e não uma manjedoura (...). Agora, transforma-se em fim em si, nos presépios coloridos e plásticos, como bastidores pitorescos ilustrando a transitoriedade da pompa”. (BENJAMIN, 1984, p. 200).

²⁸ A conquista da fé, ou ainda, a experiência da medida da eternidade era descrita por Magalhães como sendo uma espécie de tarefa árdua, conquistada a partir de questionamentos graves e da suportação de sofrimentos radicais. Acompanhemos um poema de Sousa Caldas, autor que influenciara Magalhães, poema no qual comparecem, por um lado, dúvidas e desespero e, por outro lado, a assunção da fé, e isto de forma sempre dialética, trecho que, vale grifar, poderia ter sido escrito pelo próprio Magalhães – “Ó tu, reconcentrado, imenso Oceano/ De desejos ferventes,/ Insaciável coração humano,/ Que debalde com ânsia sempre ardentes/ Forcejas por contentes/ Passar da vida fugitiva e escassa/ Os momentos que a Parca ao longe ameaça (...) Ó infinito, ó idéia soberana/ Eis o termo anelado,/ Que só pode faltar a mente humana!/ Ó Deus! Ó Providência! Assim gravado/ Teu nome sublinhado/ Em letra

ele assume, então, a função de animar e de civilizar os homens e mulheres que padeciam de sofrimentos semelhantes àqueles havia experimentado.

A Poesia, este aroma d'alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes e amaldiçoar os vícios. O poeta, empunhando a lira da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo, e do Belo. (...) se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração e elevar o pensamento nas asas da harmonia até as idéias arquetípicas. (Magalhães, 1999, p. 41-2)

O poeta seria o único capaz de sustentar e de evidenciar a finitude humana de forma radical e de realizar e oferecer, através de “tristes meditações”, a possibilidade de experiência da eternidade. Melancólico e exposto aos “infortúnios” impostos pela vida e, a um só tempo, satisfeito pela experiência da eternidade, o poeta conquistaria a tensão entre pessimismo e esperança, e poderia, assim, insistir de forma adequada na existência, bem como oferecer aos seus leitores o âmbito ideal à experimentação da finitude humana e da medida da eternidade. Portanto, caberia ao poeta a árdua tarefa de compreender o que a vida cobraria ao homem, de suportar tal responsabilidade, de provocar as experiências da finitude e da eternidade, enfim, de educar os homens e mulheres da *boa sociedade*. No entanto, Magalhães entendia que sua tarefa era difícil, e isto porque os homens e mulheres da *boa sociedade* viviam em “devassidão” e “egoísmo”, “orgulhosos” e “loucos”, indiferentes ao seu apelo.

mais que o bronze duradoura,/ No íntimo de nós altivo mora,/ Ó Deus imenso, todo o meu amparo!/
Das mãos ferinas que abater-me intentam,/ E a cada instante de furor redobram,/ Vem libertar-me”.
(Apud CANDIDO, 1964, p. 227 passim)

Acompanhemos, também, as palavras que Antonio Candido endereça a Caldas, e que nós ampliamos e consideramos adequadas, no que se refere ao tema da religião, para tratarmos de Gonçalves de Magalhães – “Ao contrário do que se dá nos outros poetas, a religião não aparece nele apenas como indiscutida fidelidade à verdade revelada, isto é, submissão: é fruto de uma pesquisa interior, em que se corporificam respostas, duramente alcançadas, a perguntas metafísicas. Deste modo, é algo obtido, não (como) um dado pacífico da tradição a que se incorporasse por automatismo ou falta de vibração; é a grande resposta que pôde, ele próprio, dar aos ‘... ásperos conflitos’ (...) se procurarmos na sua leitura, com certa angústia, uma plenitude expressional que nunca vem, é porque sentimos por trás da poesia desse prosador transviado um drama espiritual ausente nos seus contemporâneos, mostrando como, nele, religião foi estado de alma e debate interior (...). Nele, portanto, encontramos realmente a vibração que empenha a personalidade na meditação e na contemplação, refinando no indivíduo certos estados d’ama que o fazem transportar-se além de si próprio e ao mesmo tempo o levam a tomar-se como medida e ponto de referência”. (CANDIDO, 1964, p. 227-230)

Sobre a relação entre Caldas e Magalhães, Candido afirma ainda que – “As qualidades nobres do verso, a dignidade da inspiração fariam de Sousa Caldas o único a influir realmente nos primeiros românticos: Magalhães, que lhe pasticha a CARTA MARÍTIMA e recolhe, na medida das poucas forças, muito do tom religioso (...)”. (Ibid., p. 230)

Insatisfeito, Magalhães critica os poetas “brasileiros”, e isto porque a maioria deles, “egoísta”, se entregara aos deleites e às ilusões proporcionados pelas literaturas grega e romana, ao invés de investir na civilização adequada do Império. Critica, inclusive, a Sousa Caldas, porque teria se dedicado demasiado a traduções e mais, porque educara os homens e mulheres da *boa sociedade* orientando-se por medidas que Magalhães considerava inadequadas ao século XIX, recorrendo a idéias e costumes dos “selvagens” (indígenas)²⁹.

Ora, tal não tem sido o fim da maior parte dos nossos poetas; e o mesmo Caldas, o primeiro dos nossos líricos, tão cheio de saber, e que pudera ter sido o reformador de nossa Poesia, nos seus primores d’arte, nem sempre se apoderou desta idéia. Compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções; e quando ele é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, a que era o homem chamado pela força da inteligência, com que a Providência dos mais seres o distinguira! (Magalhães, 1999, p. 41-2)

Os poetas “brasileiros” seguiam soberbos, cheios de si, amantes da literatura Antiga, ou ainda, de suas idéias e costumes, segundo o poeta. Eles se preocupavam com a forma, satisfeitos com seus traços, na medida mesmo em que iam reencetando as regras estéticas clássicas, praticando o que podemos chamar hoje de “arte pela arte”. Desta maneira, como sublinha Magalhães, os poetas “desprezavam” o valor de seus cantos, não se preocupavam em fazer de suas poesias o âmbito ideal à experimentação da pobreza, da medida da eternidade e da educação moral dos homens e mulheres da *boa sociedade*. Imitavam os gregos e acabavam oferecendo exemplos impossíveis aos homens e mulheres, sentidos que nem mesmo os gregos puderam realizar e que acabaram provocando sua decadência.

²⁹ Trata-se do padre Sousa Caldas, mais ou menos contemporâneo de outros padres como São Carlos, Januário da Cunha Barbosa, Frei Caneca, Ferreira Barreto, Bastos Baraúna, entre outros, e autor das *Poesias Sagradas*, publicada no ano de 1821. Fora punido com cárcere eclesiástico, no reinado de D. Maria I, por delito de opinião. Antonio Candido explicita a relação de proximidade que existira entre Caldas e os primeiros Românticos, acenando para a referência que ele se tornou para estes últimos, em especial em função de se distanciar dos motivos greco-romanos e de privilegiar motivos cristãos, bem como o tema da pátria, mas isto sem evidenciar, vale ressaltar, a crítica de Magalhães a Caldas. Acerca da importância da pátria para Caldas e para os padres poetas seus contemporâneos, vale ler o epitáfio do autor das *Poesias Sagradas*, redigido por Elói Ottoni – “Do Brasil esplendor, da pátria glória,/ Discorrendo, ou falando trovejava,/ O discurso, a dicção, a essência, a forma,/ Tão veloz como os raios s’inflamava” (CANDIDO, 1964, p. 226).

Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado; fingida era a inspiração e artificial o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a Mitologia podia, ou não, influir sobre nós. Contanto que dissessem que as Musas do Hêlicon os inspiravam, que Febo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas e outras tais e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinham feito e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo quem achasse algum velho manto grego e com ele se cobrisse! Antigos e safados ornamentos, de que todos se servem, a ninguém honram. (Magalhães, 1999, p. 42)

O “entusiasmo” dos poetas “brasileiros” seria “artificial”, o que equivale a dizer que aquilo que os movia não era adequado à vida, e não servia nem à sua existência nem a de seus leitores. A “inspiração” dos poetas “brasileiros” era “fingida”, e isto porque eles eram formalistas, porque se dedicaram à imitação da cultura grega e também porque, como já vimos, não evidenciaram a “melancolia moderna”. O resultado, ao fim, era que os poetas “brasileiros” não teriam experimentado e, por conseguinte, não seriam capazes de disponibilizar aos seus leitores a natureza “brasileira”, âmbito ideal à experimentação da finitude e da medida da eternidade, ideal à conquista da justificativa suficiente à insistência adequada numa vida árdua. Seu canto era “fingido” também porque não nascia a partir da melancolia, sentimento próprio à época Moderna e, por conseguinte, não se afinava à tristeza íntima de seus leitores, sendo incapaz de sedução e de compaixão, ou ainda, de sofrer junto e de aliviar aos homens em geral a dor provocada pela experiência de uma vida àrida (“infortúnio”). De acordo com Magalhães:

Quanto à forma, isto é, à construção por assim dizer material das estrofes e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as idéias como elas se apresentaram para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia e da certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com os sons doces e flautados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus tons imitativos e períodos explicativos. (Magalhães, 1999, p. 44)

Em relação aos poetas “brasileiros”, fica uma dupla crítica, a primeira à imitação da idéias e dos costumes “clássicos”, a segunda, ainda mais radical, faz aparecer uma espécie de vício dos poetas - o formalismo, formalismo que através de suas regras estéticas acabava invibializando a experimentação e evidenciação (que no texto aparece como “imitação”, ou se preferirmos, *mimesis*) daquilo que o “coração

comunicava” a todo o momento – a finitude humana. Os poetas “brasileiros” não ouviam os seus “corações”, lugar privilegiado a partir do qual a existência se revelaria³⁰. O formalismo produzira versos perfeitos e harmônicos, “monótonos”, donos de uma força homogeneizadora que forçava e dava ordem aos sentimentos. Por outro lado, o “verdadeiro” poeta deveria fazer a forma aparecer a partir do que o seu “coração” sentisse, a experimentação da vida antecederia, assim, a forma, ditava-a, de acordo com Magalhães. Como consequência, os poetas “brasileiros” não só não compreendiam a existência, isolados em suas métricas perfeitas, como não abriam espaço à possibilidade da experimentação da pobreza e da medida da eternidade, através de suas poesias. Viviam isolados da vida, repletos de sabedoria inútil, inaptos a consolar e a orientar os homens e mulheres da *boa sociedade*, incapazes, ao fim, de garantir progresso moral e material ao Império do Brasil. Magalhães seguia se equilibrando entre pessimismo e desconfiança, por um lado, e otimismo e esperança, por outro, e anotando que o seu “(...) livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo, e continuaremos a publicar outros que já temos feito, e aqueles que fazer poderemos com o tempo”. (Magalhães, 1999, p. 45)

Magalhães destaca que sua poesia seria uma “tentativa” de construir uma sociedade fundada na modéstia, na fé e na “esperança” e no amor pela pátria, ou se preferirmos, no interesse pelo bem comum, o que significaria, por sua vez, a necessária superação do *éthos* “egoísta” e “mesquinho”, que a todos orientava. E, assim, continua:

Tu vais, ó Livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, exceto o egoísmo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai; nós te enviamos, cheio de amor pela Pátria, de entusiasmo por tudo o que é

³⁰ Nos textos de Magalhães e de seus companheiros aparece um deslocamento fisiológico importante, a saber, se no mundo grego e no Renascimento o fígado era considerado o principal órgão do corpo, espaço no interior do qual nascia a melancolia, por exemplo, no Romantismo, por outro lado, o coração passa a ser a parte mais importante do corpo, sendo ele o espaço mesmo a partir do qual a melancolia se manifestava. Sobre a relação entre a fisiologia e o *páthos* da melancolia ver KLIBANSKY; PANOFKY & SAXL, 1991.

grande, e de esperanças em Deus e no futuro. (Magalhães, 1999, p. 45-6)

Numa “pátria” na qual “todas as ambições” estariam despertas e “tudo está gelado exceto o egoísmo”, na qual “a trombeta da mediocridade abala todos os ossos”, na qual os acenos dos três amigos não passam de um “grito no meio da tempestade”, restaria ao poeta ancorar suas esperanças num futuro em tudo distinto do passado e do presente e que dependeria, a um só tempo, da sua poesia e da “esperança em Deus”. Equilibrava-se entre otimismo e pessimismo.

1.2.2.

Infância, melancolia e pessimismo em Magalhães

Ó minha infância! Ó estação das flores!/ De inocente ilusão alva saudosa!/ Inda hoje te apresentas/ Ante mim, como a imagem deleitosa/ De um sonho que encantou-me a fantasia,/ Ou como a aurora de um formoso dia. (Magalhães, 1999, p. 101)

Magalhães oferece, de imediato, uma espécie de ode à infância. A infância aparece ao poeta distante e saudoso como a “estação das flores”, o que significa dizer que aí tudo ganha possibilidade de nascer, que a infância seria o âmbito propício à experimentação “inocente” da vida, ou dizendo ainda de outra forma, o lugar mesmo da realização de uma existência sem preocupações³¹. A infância possibilitaria a experimentação de uma espécie de liberdade radical, no entanto, não passaria de um “sonho”, de uma quimera, e isto porque ela se despediria cedo do homem, ela e a

³¹ Ainda sobre a inocência da infância, Magalhães escreve que: “A vida é plácida e bela/ Para quem a não conhece./ E na cândida inocência/ Qual puro jasmim floresce./ É uma aurora rosada,/ Um sonho delicioso./ Para quem o arcano ignora/ Deste mundo caviloso./ É um mel suave e grato/ Para quem no lar paterno,/ Co’a benção dos seus maiores,/ Recebe a benção do Eterno./ É um celeste tesouro/ Para a tenra criatura,/ Que vive como tu vives,/ Vida dos Anjos tão pura./ Só vive assim a inocência/ De Deus amada e querida!/ Ó inocência! Ó perfume!/ Ó doce orvalho da vida!/ Filha de pais virtuosos,/ Luminosa é tua estrela!/ Vive para ornar o mundo./ Feliz, inocente e bela” (Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 167-168). Outra poesia de Magalhães que nos faz entrever a dicotomia entre inocência (infância) e alegria, por um lado, e velhice e tristeza, por outro, é intitulada - “No álbum de uma Veneziana”, senão acompanhemos: “Bem quisera, ó bela virgem,/ Hoje extrair de meu peito/ Algum suave perfume,/ Em sinal do meu respeito./ Quisera na minha lira/ Cadenciar algum hino./ Com que louvasse os encantos/ Desse teu rosto divino./ Mas temo, temo que o peito,/ De gemer já fatigado,/ Em vez de cantar, exale/ Um suspiro magoado./ Ah! Temo, temo, acredita./ Que a minha fúnebre lira,/ Em vez de entoar um hino./ Só triste nênia desfira./ Ah! Tu cuidas, bela virgem,/ Que é feliz todo o vivente?/ Inda estás no albor da vida,/ Tens uma alma inda inocente./ Não: tu me vês peregrino./ Errando de terra em terra./ Mas, ó virgem, tu não sabes/ Que dor o meu peito encerra”. (MAGALHÃES, 1999, p. 263-264)

própria possibilidade de se viver plenamente satisfeito.

A infância “encanta a fantasia”, ou seja, a infância seria capaz de estimular a faculdade da fantasia a compor imagens perfeitas. Na infância, ou ainda em sua “primavera”, o homem se encontraria orientado, originariamente, pela harmonia e pela satisfação e, em meio a esses sentimentos, a fantasia, faculdade responsável pela produção de belas imagens, encontrara-se estimulada a compor imagens ainda mais belas, ocultando as dores oferecidas pelo real, ação que seria responsável pela intensificação de uma existência perfeita. O poeta dedicou uma poesia inteira à faculdade da fantasia, acompanhemos uma parte dela:

Para dourar a existência/ Deus nos deu a fantasia;/ Quadro vivo, que nos fala,/ D'alma profunda harmonia./ Como um suave perfume,/ Que com tudo se mistura;/ Como o sol que flores cria,/ E enche de vida a Natura./ Como a lâmpada do templo/ Nas trevas sozinha vela,/ Mas se volta a luz do dia/ Não se apaga, e sempre é bela./ Dos pais, do amigo na ausência,/ Ela conserva a lembrança;/ Aviva passados gozos,/ E em nós desperta a esperança./ Por ela sonho acordado,/ Subo ao céu, mil mundos gero;/ Por ela às vezes dormindo/ Mais feliz me considero./ Por ela, meu caro Lima,/ Viverás sempre comigo;/ Por ela sempre a teu lado/ Estará o teu amigo. (Magalhães, 1999, p. 89-90)

A vida seria, por um lado, desafio constante, ela marcaria o homem com a necessidade de lidar, incessantemente, com a perda, afirma o poeta, a perda de um amigo, o seu “caro Lima”, ou ainda de momentos marcantes que vivem sob o regime do já foi. A fantasia é algo como uma potência doada por Deus para que o homem aproxime imagens belas, compondo belos quadros que se sedimentariam como horizonte doador de harmonia e de satisfação, quadros capazes de iluminar a vida, tornando-a possível – a fantasia, uma “lâmpada” que “nas trevas sozinha vela”³².

³² Ainda sobre a fantasia Magalhães anota que – “Um mundo oculto, mais real, mais belo/ Que o mundo exterior, nossa alma encerra./ Aí a fantasia, hábil pintora,/ Ora mil quadros reproduz da terra,/ Ora de outros mil quadros criadora,/ Quadros de alma doçura,/ Instantes nos outorga de ventura./ Ó fantasia, ó único refúgio/ Do mísero proscrito!/ Tu, para consolar o peito aflito,/ Os passados prazeres nos retratas;/ As pandas asas as prisões desatas./ E pelos pátrios ares deslizando,/ Que sublimes visões nos vai pintando!/ Oh! Se é belo, assentado à sombra amiga/ Do pátrio cajueiro/ De frutos esmaltado,/ Onde o saudoso sabiá se abriga,/ Onde pousa o colibri, e o gaturamo;/ Se é doce ouvir terníssimo reclamo/ Do lindo coro alado,/ Da aurora pregoeiro,/ Que à celeste mansão nossa alma eleva;/ Quanto é mais doce, ausente,/ À parca sombra do álamo estrangeiro,/ Ouvindo o rouxinol cantar amores,/ Da Pátria então lembrar-se,/ Lembrar-se de um parente,/ De um amigo da infância, de um remanso,/ onde, fruindo o aroma de mil flores,/ Ao som estrepitoso da corrente,/ Tantas vezes achamos o descanso/ Às infantis fadigas”. (MAGALHÃES, 1999, p. 415-417)

Temos, assim, uma espécie de espaço paradisíaco no qual o homem, durante algum tempo, gozaria de certo privilégio, o privilégio de não entrever aquilo que a vida é realmente, horizonte terrível que lhe imputaria o exercício constante de assunção da finitude, fazendo-o conviver com uma espécie de tristeza constitutiva, a melancolia. Na infância, o homem viveria um cotidiano animadíssimo, em tudo perfeito, e isto porque não conheceria o significado da palavra perda. Tudo que experimentasse rapidamente esqueceria, e isto para se lançar completamente à uma outra ocupação qualquer. A infância seria lugar da experimentação que a tudo “agasta” e torna pálida lembrança.

Ó da infância atrativos lisonjeiros!/ Mentirosos afetos!/ Com que prazer amigos passageiros,/ Inúmeros, na infância contraímos!/ E quão fáceis após os repelimos,/ De ligeiras palavras agastados. (Magalhães, 1999, p. 102)

Tudo na infância é “mentiroso”, não por que não possa ser experimentado radicalmente, mas pelo motivo contrário. Tudo na infância é mentiroso, pois é facilmente superado, pois só é enquanto é, simples assim, pois os instantes não deixam saudade e são superados após leve zanga; na infância ao mais leve ruído de tristeza a fantasia tomava seu lugar e cumpria seu papel plástico. Entretanto, cedo o homem seria apresentado ao sentimento de insatisfação, e isto porque, de repente, perderia parte considerável de sua competência para a fantasia e compreenderia o que a vida necessitara dele, a saber, uma espécie de labor eterno, de labor fadado a reconstruir, dia após dia, novos sentidos apenas precários. A infância é “mentirosa” porque ela é uma espécie de Éden sustentado na afinação perfeita entre a faculdade da fantasia e a atmosfera da harmonia e da satisfação, paraíso protegido da dinâmica radical da vida - da transformação incessante. Cedo, porém, o homem começaria, no entanto, a ser atormentado pelo fantasma da falta e da dor, o que é o mesmo que dizer que, de súbito, o homem passaria a viver no interior da atmosfera da insatisfação, orientado pela melancolia, ao invés da harmonia e da satisfação. Acompanhemos:

Ó, como é lindo/ O tenro arbusto/ Na primavera!/ Como parece/ Que se está rindo,/ Quando o balança/ Zéfiro brando:/ Quando descansa/ O passarinho,/ E modulando/ Doces reclamos, Vai o ar vizinho/ Harmonizando!/ Como é belo esmaltado de flores,/ Exalando balsâmico aroma;/ D’ele em torno voltejam amores,/ E se escondem debaixo da coma./ Mas eis que o adusto/ Vento do norte,/ Soprando forte,/ Já o

abala;/ O tenro arbusto/ Nesse tormento/ Todo se dobra;/ A verde gala/ Amarelece;/ E o duro vento,/ Que em fúria cresce,/ Vai arrancando/ Folha por folha,/ E sobre a terra/ Secas lançando,/ Té que despido/ O deixa enfim./ O tempo assim/ Nos vai roubando/ Gratos prazeres/ Da tenra idade,/ Quantos amigos/ A infância tem;/ Até que vem/ A puberdade/ Com seus perigos;/ E desta sorte/ Chega a velhice,/ Tronco gelado,/ Desamparado;/ Até que a morte,/ Como um tufão,/ Lança-o no chão!/ Oh, quão perto a velhice está da infância!/ E quão perto da infância a morte adeja! (Magalhães, 1999, p. 103-104)

Enfim, através do *topos* da infância, Magalhães torna claro o seu pessimismo em relação à existência³³. A infância seria ligeira, breve, determinada pela decadência. O autor apresenta uma compreensão pessimista acerca da vida, uma vez que o “desamparo”, a “queda” e, por fim, a “morte” cedo se avizinham ao homem. Em verdade, a vida aparece como obedecendo a um sentido linear, que encaminha o homem, num ritmo fugaz, da infância à velhice, o que significa dizer, segundo o poeta, encaminha da perfeição ao “desamparo” seguido da morte – “Oh, quão perto a velhice está da infância!/ E quão perto da infância a morte adeja!”³⁴.

Quando o homem abre os olhos, ao nascer, já está em meio a um mundo “lindo”, perfeito, no interior do qual um suave vento embalança as árvores, repletas de flores, espalhando um “doce aroma” responsável pela sustentação de uma atmosfera de harmonia. Melhor dizendo, neste mundo, que é o mundo da infância, vive-se animado pelo aroma doce das flores, aroma que envia o homem para dentro de um âmbito tomado pela harmonia, pois “doces reclusos,/ vai o ar vizinho/ harmonizando”. “Harmonia” e “amor” compõem o horizonte da infância, logo, todo o realizado resulta, necessariamente, em construtos amorosos e harmônicos. O

³³ Aqui, podemos compreender a presença do *topos* infância como uma tentativa do poeta de construir um horizonte transcendental no interior do qual pudesse se resguardar do pessimismo radical no qual se encontrava. Dizendo ainda de outro modo, uma tentativa de lembrar/construir sentidos capazes de orientá-lo na suportação do presente e na evidenciação de um futuro sedutor; vale anotar que a infância oferecia os sentidos necessários à lembrança/construção de sua/uma pátria, que nada mais é do que um horizonte transcendental. Ver a noção de *brèche* em HARTOG, 2003, p. 12 et. seq. e as noções de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* em KOSELLECK, 2006, p. 305 et. seq.

³⁴ Acerca da compreensão de que a vida é inútil, além de dolorosa e insuportável, cabendo ao homem esperar pela morte, além de um diálogo declarado com Lord Byron, temos a possibilidade do diálogo com Natividade Saldanha, e isto a partir de um poema deste último que poderia ter sido escrito por Magalhães, que diz de uma sensibilidade semelhante, senão vejamos: “Noite, noite sombria, cujo manto/ Rouba aos olhos mortais a luz febéia,/ E em cuja a escuridão medonha e feia/ Mágoa inspira do mocho o triste canto./ Tu avessa ao prazer, sócia do pranto,/ Que rompe do morto a frágil teia,/ Consola um infeliz, que amor anseia,/ E a quem mágoa é prazer, pesar encanto./ Vem, compassiva morte, e com ternura/ Recolhe os ais de uma alma, que suspira,/ Oprimida de angústia e desventura./

problema é que de súbito dá-se uma transformação de horizonte, “mas eis que”, inexplicavelmente, se achega outro vento, este não mais o Zéfiro, brisa suave e fresca, que vem do oeste, mas sim, um vento forte e frio, vindo do norte³⁵. Vento que é forte o suficiente para derrubar arbustos e “a verde gala/ amarelece”. A primavera dá lugar ao outono, as flores caem e o ar já não sopra mais um “doce aroma”, no lugar da “aurora de um formoso dia” tudo se torna frio e cinza.

É o “tempo” quem rouba do homem a infância e com ela a “harmonia” e o “amor” que davam o tom da vida. Logo o tempo passa, e, num piscar de olhos, se passa da infância, ou se quisermos da primavera, à “puberdade” ou ainda ao outono, e deste à “velhice”, inverno rigoroso, puro “desamparo”, até que o sentido “terrível” e volátil da vida se consumaria com a morte. Enfim, da infância à morte algumas estações apenas, da satisfação ao desamparo e deste ao fim em um átimo – “Oh, quão perto a velhice está da infância!/ E quão perto da infância a morte adeja!”. Aqui aparece a descrição algo trágica da vida, segundo o poeta, descrição que evidencia seu pessimismo, atmosfera que, junto à esperança, orientara o poeta quando se encontrava na França, na escrita de suas poesias e de seus artigos para a *Revista Niterói*, tema de nosso próximo capítulo.

O pessimismo de Magalhães se evidencia uma vez mais, se lermos com cuidado seu poema “Preces da Infância”. Trata-se de um poema de onze estrofes, nas quais Magalhães descreve os pedidos e agradecimentos necessários a uma oração infantil. E, claro, o que se evidencia é um Magalhães desesperado, que de alguma

Recebe os ais de um triste, que delira;/ De um triste, que embrenhado em espessura/ Suspirando saudoso arqueja, expira” (Apud CANDIDO, 1964, p. 281).

³⁵ Aqui temos a relação necessária entre clima e literatura, entre frio e apatia. No frio, os dias seriam duríssimos e provocariam no poeta enfado significativo em relação à vida, poeta que se amuaria e preferiria a morte. Esta reflexão está em consonância com o pensamento de Mme. de Staël e sua concepção de “literatura do Norte”, senão acompanhemos: “A imaginação dos homens do norte se lança além da terra, cujos confins habitavam; atravessa as nuvens que orlam seu horizonte e parece representar a obscura passagem da vida à eternidade (...) O clima é certamente uma das principais razões das diferenças que existem entre as imagens que agradam no Norte; e as que amamos relembrar no sul” (STAËL, 1987, p. 101). As próprias imagens que Magalhães utiliza aqui, “brando zéfiro” e “harmonia”, por um lado e, por outro, “vento do Norte”, “soprando forte”, “fúria”, seriam colhidas a partir da leitura e experimentação da tipologia de Staël. Sobre a tipologia da crítica francesa ainda podemos ler: “Os povos do norte se ocupam mais da dor que dos prazeres e sua imaginação nisto é mais fecunda. O espetáculo da natureza exerce sobre eles uma forte influência, da mesma forma que se mostra em seus climas: sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida as diversas circunstâncias da vida podem alterar esta disposição à melancolia, mas somente esta traz a marca do espírito nacional. É

forma ora junto, buscando experimentar, uma vez mais, a saciedade e a harmonia infantis que experimentara/produzira. De início, o poeta evidencia sua perspectiva acerca dos primeiros anos de um homem.

Vós me vedes, Deus Eterno,/ Como eu sou tão pequenina;/ Minha alma é linda inocente,/ Tão pura como a bonina./ Débeis como minhas vozes/ São inda meus pensamentos;/ Do mundo nada conheço,/ Nem prazeres, nem tormentos./ Qual tenro botão de rosa/ Que à sombra da rosa cresce,/ Sem temer o vento, e a chuva,/ De um frouxo raio se aquece;/ (...) Hoje inocente me chamam!/ Oh, como é bela a inocência!/ É a virtude dos Anjos,/ É das virgens a ciência. (Magalhães, 1999, p. 106)

A infância, uma vez mais, aparece como tempo da “inocência”, o que significa dizer da satisfação plena em relação a tudo que a vida oferece, trata-se de um modo de ser que nada reclama e que está inteiro naquilo que o mobiliza, como a “bonina”, ou se quisermos a margarida, que se abre inteira a pedido do Sol. Na infância o homem vive em idílio, não conhece a frustração, medida necessária para que sentidos como “tormento” e o próprio “prazer”, irmãos siameses, se evidenciem. O que está em jogo aqui é que prazer e tormento só fazem sentido se compreendidos a partir de um horizonte a partir do qual ambos já são oferecidos, caso contrário vive-se de maneira estável, no interior de uma mesma atmosfera, no caso a harmonia e a satisfação. Esta é a determinação específica da infância, segundo o poeta, um único tom.

Entretanto, a súplica de Magalhães, que até aqui era orientada pelo agradecimento, passa a ser reclamação, ou melhor, o poeta reclama a/com Deus pela permanência de algo que, curiosamente, já revelara compreender como sendo da ordem do provisório e do fugaz, a saber, a inocência da infância, sua alegria permanente.

Vós, ó Deus, que podeis tudo,/ Concedei-me por piedade/ Que este aroma da inocência/ Me acompanhe em toda idade./ (...) Dai aos meus pais longa vida,/ E àqueles que à minha infância/ Prestam socorros contínuos/ Com tanto amor e constância./ Que felizes, que ditosos/ Por vós, ó Deus, protegidos,/ Passem seus dias, seus anos/ Como astros, sem ser sentidos./ Vigorai minha fraqueza/ Co’a vossa sabedoria./ Ó Deus, ouvi minhas preces,/ Escutai-me neste dia. (Magalhães, 1999, p. 106-107)

preciso procurar num povo, como num homem, seu traço característico: todos os demais são o efeito de mil acasos diferentes; mas só este constitui o seu ser”. (STAËL, 1987, p. 102)

Linhas acima, Magalhães evidenciara a natureza fugaz da vida, afirmando a proximidade entre a infância, a velhice e a morte, a própria fugacidade acompanhada da inevitabilidade da morte, vale lembrar. Nas palavras que acabamos de ler, no entanto, evidencia-se um Magalhães que oferece aos jovens uma estranha ladainha que possui o intento de agradecer e de reclamar, a um só tempo. Encontramo-nos, aqui, em meio a uma aparente contradição: 1- entre a descrição da infância como lugar ideal à realização plena, e a compreensão de que cedo o homem perde, definitivamente, tal possibilidade, sendo lançado num mundo que lhe cobra esforço constante e oferece satisfação apenas parcial e 2- o desejo desesperado de reconquistar o modo de ser infantil. Contradição aparente, pois para Magalhães e seus companheiros não se trata de algo simples como ou ser resignado ou revoltar-se em relação à condição precária do homem. Em tudo que fazem ao longo dos anos 30, desde sua viagem a Paris, os três companheiros se tornam, a um só tempo, resignados e revoltados, ou seja, por um lado aceitam a vida e seu imperativo de dor e de esforço, e mais, colocam-se numa postura ativa, produzindo enunciados positivos, crêdulos na possibilidade de transformação radical do real e, por outro lado, não deixam de prostrar, de desanimar, e com isso, de fazer aparecer uma compreensão pessimista acerca da existência e, ainda, da própria possibilidade de transformação do real que projetam. Aí, desanimados, insatisfeitos e desesperados reclamam a Deus a reconquista da harmonia e da satisfação que experimentaram à época da infância, mas isto já conscientes da impossibilidade de obter sucesso em suas preces.

Na medida mesmo em que iam construindo projetos para o Império do Brasil, planos que propunham transformações significativas, acabavam provando de certa resistência, o que os fazia desanimar ainda mais. Não à toa, Magalhães suplica por algo que compreende não poder mais experimentar – a harmonia e a alegria perfeitas específicas à infância, e mais, desesperado, reivindica vida longa para aqueles que tanto ama, reclamando por um espécie de “proteção” especial, em última instância impossível, para que seus pais “passem seus dias, seus anos/ como astros, sem ser sentidos”.

O que está em jogo aqui é uma compreensão do mundo que não sustenta aquilo mesmo que entrevê, a saber, que a vida seria no fundo, dolorosa. A melancolia

é intensificada e faz aparecer pessimismo e desconfiança significativos³⁶.

1.2.3. Sobre a velhice

Magalhães continua evidenciando seu pessimismo e anota que a velhice, dia seguinte da infância é resultado de uma vida dura, dolorosa, terrível.

Longa foi a viagem;/ Assaz lutastes; descansai agora./ Depois de haver vingado
alpestre monte/ Desde o albor da manhã, o peregrino/ Afadigado desce,/ E envolto
em trevas vai pousar no vale. (Magalhães, 1999, p. 123)

Permanece o tom pessimista a que nos referimos. “Longa foi a viagem”, não por que o tempo passara lentamente e a vida permitira ao homem uma existência satisfeita, todo o contrário aliás. “Longa foi a viagem”, pois sua determinação específica é a dureza, a vida seria uma espécie de deserto no interior do qual caberia ao homem suportar o peso que é o de ter de fazer sempre novamente, dia após dia, e isto sem nenhuma justificativa. Magalhães, desesperado, como que descreve a vida de trás para frente e o que vemos é sua ânsia em justificar toda a existência pelo “descanso” decisivo. A vida, ela mesma, não é, ao fim, nada interessante, ela é o império do labor, da preocupação e do sofrimento, se há algo que a justifica é a morte e o descanso prometidos a cada instante, assim, o fim é o sentido mais fundamental para a vida, segundo o poeta³⁷.

³⁶ Devo esta possibilidade de interpretação à análise que Leandro Konder faz dos trabalhos de Kafka em seu livro – “Kafka. Vida e Obra” e ao seu estudo da obra de Walter Benjamin – “Um marxismo da melancolia”.

³⁷ Aqui a vida aparece, de acordo com o poeta, como sendo um vale de lágrimas, no qual a determinação específica do homem é chorar e sofrer, ou nas palavras de Magalhães “suspirar”. Acompanhemos sua poesia – “Por que estou triste?” – “Ah! Não queiras saber por que suspiro;/ Por que geme minha alma, como a rola,/ Que outro canto não tem senão queixumes/ Com que magoa os ares./ Ah! Não me inquiras... Se chegar tu podes/ Ao través dos meus olhos à minha alma,/ Veraz que o rosto meu assaz explica/ O que nela se passa./ (...) Eis de meu coração a fida imagem./ Repetidos pesares pouco a pouco,/ Males amontoados desde a infância/ A existência me azedam./ Procuo em balde no festim da vida/ Um lugar para mim. Se uno meu canto/ Ao hino da alegria, a voz me falta./ E o coração suspira./ (...) E eu, ó destino! se de Amor intento/ Terno o nome entoar, rebelde a lira/ Só suspiros exala, e as cordas gemem/ Ao toque de meu dedo./ Suspirar, suspirar... Tal é meu fardo!/ Por que o céu fez-me assim? Ao céu pergunta,/ Por que dele ao sol ígneos fulgores,/ E palidez à lua?/ (...) Eis da Natura o quadro! Isto harmonia,/ Isto beleza e perfeição se chama!/ Eu completo a harmonia da Natura/ Co’os meus tristes suspiros./ Vê agora se à lei posso eximir-me/ Que a suspirar me obriga?... Ó alma minha,/ Arpeja a que possuis única fibra,/ Exala teus suspiros” (Magalhães, Suspiros Poéticos e

Ao poeta, a natureza aparece como perfeita, o oposto do humano. Ela permanece em seu esplendor e o homem existe em decadência progressiva, até que experimenta a velhice e com ela a morte. A velhice é o fim doloroso que traz consigo o valor que resta a Magalhães e a seus companheiros - o “descanso”, e isto porque a alegria originária, sempiterna que marca a infância, não passa de um sopro suave, em tudo ligeiro.

Para vós basta, ó Velhice!/ Inda o sol tem resplendores,/ Inda a noite tem estrelas,/ Inda a lua alvos fulgores./ Inda os prados reverdecem,/ E de florzinhas se arreiam,/ Inda, suspensos nos ramos,/ Os passarinhos gorjeiam./ Inda o zéfiro sereno,/ Cheio de aroma e doçura,/ Fruindo o néctar das flores,/ Na madrugada murmura./ Inda a cascata ruidosa/ Entre seixos se despenha;/ Inda o som da sua queda/ Ressoa ao longe na brenha./ Inda os regatos deslizam,/ As feras nos bosques rugem,/ E lambendo a branca areia,/ Nas praias as ondas mugem./ Tudo vida inda respira;/ A terra não está mudada;/ Vós só marchais, ó Velhice,/ Triste, débil e curvada. (Magalhães, 1999, p. 124-125)

Em verdade, o pessimismo de Magalhães o orienta na construção de uma certa concepção antropológica, a saber, o homem aparece como um ente fragilíssimo, marcado pela necessidade de ter de construir sentidos incessantemente, e isto por que sua existência é determinada por transformações ininterruptas, e isto sem justificativa suficiente, vale lembrar³⁸. O homem sofre transformações constantes que imputam pobreza ainda mais significativa, e isto ligeiro e inevitável. O seu destino é a velhice e a morte, aquela ainda mais brutal que esta, vale sublinhar, porque a morte oferece o “descanso” definitivo. Haja o que houver, a natureza retrata os mesmos quadros, ela não se transforma radicalmente, não sofre, não definha, já o homem vai se “curvando” a cada dia ou a cada estação se preferirmos. Acompanhemos:

Saudades, p. 283-287). Ou ainda outra poesia – “A flor suspiro” – “Eu amo as flores/ Que mudamente/ Paixões explicam/ Que o peito sente./ Amo a saudade;/ O amor-perfeito;/ Mas o suspiro trago no peito” (MAGALHÃES, 1999, p. 289)

³⁸ A poesia - “O riso da fortuna” - é importante para compreendermos o desânimo e a apatia que animam o poeta – “Não te rias, ó fortuna!/ Teu riso me é suspeito;/ Contra a desgraça não clamo;/ Não quero ser venturoso./ Vai-te, ó fortuna,/ Não me atormentes;/ Já te não creio;/ Em tudo mentes./ Enquanto te procurava/ Andei errados caminhos;/ E das rosas que murcharam/ Só me restam os espinhos./ Vai-te, ó fortuna,/ Não me atormentes;/ Já te não creio;/ Em tudo mentes./ Por coisa tão transitória/ É loucura amofinar-nos;/ Os bens que hoje nos outorgas,/ (...) Com bem pouco me contento;/ Conformei-me co’a desgraça;/ Já me tenho por ditoso,/ Já rejeito a tua graça./ (...) Não sei o que é a ventura,/ Nem sei se sou desgraçado./ Por bens que podem ser males,/ Eu não troco o meu estado./ (...) Rápidos passam os dias,/ E a cada passo que damos,/ À morte, que é sempre certa,/ Ligeiramente marchamos./ (...) Só é ditoso na terra/ Quem vive em paz com sua alma;/ Quem das penas que aqui sofre,/ Só do céu espera a palma”. (Ibid., p. 211 passim)

A noite eterna vos estende os braços,/ Ah! Preparai-vos para o sono eterno./ (...) Sob o peso da fronte encarnecida,/ Já se curva e vacila o vosso porte,/ Qual co'os flocos de neve a frágil hâstea;/ Entoastes o cântico da vida,/ Entoai vosso cântico de morte/ Como o cândido cisne,/ Que indo descer à escuridão do lago,/ Cantando diz-lhe adeus na fatal hora,/ Para nunca mais ver raiar a aurora./ Basta! É hora das preces, Ó Velhice!/ Para o mundo acabastes./ Vossa alma resgatai do barro impuro;/ O céu, que alma vos deu, pede vossa alma,/ E a terra vosso corpo está pedindo;/ Ah! dai à terra o que vos deu a terra!/ Mas ah, não choreis!/ E por que chorais?/ Se vós não sabeis/ Nem o que ganhais,/ Nem o que perdeis./ Perdeis a terra, é certo; mas que importa,/ Se celeste esperança vos conforta!/ Viver é sonhar,/ Sonhar é dormir;/ Deveis acordar,/ Para ao céu subir,/ E no céu velar./ Acordai; sossegai o aflito peito,/ Que ides deixar o amargurado leito./ O pranto enxuga,/ Bani o temor;/ O nome entoai/ Do Eterno Senhor;/ E a ele voai. (Magalhães, 1999, p. 126-128)

E, desesperado, o poeta anota:

Não, não é sangue; é fel envenenando,/ Que em minhas veias gira./ Não, não é vida; são espinhos hirtos,/ São hervados acúleos, que incessantes/ O coração me pungem./ Não, não é ar; é o hálito da morte,/ Que o peito me comprime./ Não são do mundo as cenas que me envolvem;/ São as cenas do inferno. (Magalhães, 1999, p. 149)

O poeta revela o pessimismo e o desespero que o orientam. Afirma que, ao invés de sangue, o que alimenta seu coração é ódio, “fel”, mal-humor. Sente, dia-a-dia, “espinhos” inteiriçados, ríspidos, verdadeiras estacas pontiagudas, impregnadas de veneno, a furar seu coração, espinhos intratáveis. A todo o momento, sempre que respira, sente a morte que “comprime” ainda mais seu “peito”. Enfim, revela viver em sofrimento incessante, num martírio próprio ao “inferno” cristão, espaço no qual as almas pecadoras experimentariam o abandono definitivo. Aqui, Magalhães descreve a própria vida como sendo um âmbito no interior do qual as almas sofrem castigos dolorosos e eternos, definitivamente afastadas de Deus. Até que questiona a Deus acerca da necessidade de se insistir numa vida terrível³⁹.

³⁹ Outra poesia que evidencia a tristeza profunda, o pessimismo mesmo que ia orientando Magalhães, e na qual também questiona a necessidade de sua existência é a que intitula - “Para que vim eu ao mundo” - acompanhemos - “(...) Cada qual tem sua sorte;/ Um foi para a dor gerado,/ E outro pela ventura/ Ao nascer foi embalado./ Quanto mais penso, mais creio/ Neste mistério profundo;/ E a mim mesmo então pergunto:/ Para que vim eu ao mundo?/ Como resposta esperando,/ Escuto silencioso;/ No coração, que palpita,/ Murmura um som lutuoso./ Soa essa voz em meu peito/ Como em caverna profunda,/ Como um suspiro exalado/ Pela vaga gemebunda./ Para a dor, me diz, nasceste;/ Para a dor,

É possível, meu Deus, que tanto sofra/ Um mísero mortal, e qu'inda viva?/ Queres ver do teu servo/ A alma, de padecer já calejada,/ Sem murmurar, sem blasfemar, té onde/ A paciência leve?/ Em mim acaso novo Jó preparas? Ou o meu coração não é de humano,/ Ou a dor já o tem empedernido/ Co'o reiterado combate. (Magalhães, 1999, p. 150)

Magalhães se confessa frágil para continuar suportando uma vida que descreve ser infernal, e suplica a Deus pela abreviação de sua existência – “Ó meu senhor, pequeno é o meu peito,/ Para conter um coração repleto/ De tantas aflições, de angústias tantas./ Tira-me a própria vida (...)” (Magalhães, 1999, p. 150)

Classifica os homens como “infantis”, e isto porque seriam “ vaidosos” e criam que a sabedoria necessária à instauração de uma vida alegre e satisfeita não só era possível como estaria disponível nos “livros” e, por conseguinte, viravam as costas para os “conselhos” daqueles que em “velhice” colheram valorosa “experiência”, aqueles que experimentaram a existência e perceberam que ela é “infortúnio”⁴⁰. Os homens e mulheres da *boa sociedade* julgavam-se “sábios”, e isto porque criam deter o conhecimento necessário ao enfrentamento da vida e, como resultado, armava-se uma “terrível tempestade” sobre o céu do Império, ou seja, os homens e mulheres crentes em tudo saber, “repeliam-se” e “debatiam-se”, desconhecendo, no fundo, a força “terrível” da vida, do “Ser”. Acompanhemos:

Ó infantil vaidade!/ Vós, ó jovens, cuidais que sabeis de tudo,/ As páginas de um livro apenas lendo/ Dos velhos desprezais os sãos conselhos,/ E orgulhosos dizeis: - Hoje a velhice/ Lições de tomar da juventude;/ Hoje de nossos pais acima estamos/ Moço sou, como vós sábio julguei-me;/ Como vós iludi-me./ Ontem fagueira a sorte se mostrava,/ Ria-se a Natureza,/ E em sacros laços de amizade estreita/ Os homens se apertavam./ Hoje terrível tempestade brama,/ Os homens se repelem, se debatem./ Como rábidas feras nas florestas./ Misterioso enigma,/ Inexplicável Ser, capaz de tudo,/ Fonte de vícios, de virtudes fonte,/ Que edificas, que assolas, e que sempre/ De ruína avante marchas,/ Como um Gênio de morte,/ Dize, o que és tu, ó homem! (Magalhães, 1999, p. 153-154)

para o tormento:/ Teus males só terão termo/ Co'o teu último momento”. (MAGALHÃES, 1999, p. 249-250)

⁴⁰ Vale ressaltar que no poema “A mocidade”, Magalhães faz um elogio à juventude, à juventude que se arriscara a contrariar as “brancas cabeças da velhice” em nome da pátria. Mais uma pista, vale grifar, que nos ajuda a compreender a tensão entre pessimismo e apatia, por um lado, e esperança e ímpeto, por outro, tensão que acompanha a Magalhães bem como a seus companheiros, senão vejamos – “Gigante do porvir, ó Mocidade!/ Erguei a fronte ativa/ Entre as brancas cabeças da velhice;/ Como ao sopro vital da primavera/ O pimpolho gentil se desabrocha/ Entre os já secos e curvados troncos”. (MAGALHÃES, 1999, p. 109)

Magalhães, em aflição, ora e pede a Deus pela sua morte, e quando agradece pela vida o faz porque considera que ela seria o âmbito ideal no interior do qual sofreria o suficiente à expiação de seus pecados, e isto em proveito de uma vida transcendente. Está confuso e roga pela abreviação de suas dores, pelo “descanso” definitivo. Desesperado, afirma que a vida é, em última instância, um vale de lágrimas, ou um inferno, e reclama pela vida eterna, ou se quisermos pela satisfação perfeita, e isto num outro mundo⁴¹.

1.2.4.

Da consolação ou de uma religiosidade imanente

Que tens? De que te queixas, desgraçado?/ É da Pátria a saudade que te aflige?/ São os erros do homem? São teus erros,/ Que pesam sobre ti? És criminoso?/ Aborreces a vida? A morte queres?/ (...) Não; não sou desgraçado. Estas profundas/ Dores que me aguilhoam d'alma os seios,/ São os sinais de uma lição de mundo./ Sinto a dor, mas sou grato à Providência,/ Que destarte me instrui, como mãe terna,/ Que só para ensinar o filho pune./ No mais íntimo d'alma o virtuoso/ Acha quem o console na desgraça./ Desgraçado és tu só, tu miserável,/ Tu, que não do assassino o punhal temes,/ Mas o punhal da própria consciência. (Magalhães, 1999, p. 157-158)

Aqui, podemos testemunhar o otimismo que também funda a religiosidade e a visão de mundo de Magalhães, uma religiosidade que não permitiria ao homem desejar a própria morte. Aí o homem não aparece como sendo um “desgraçado” e o mundo não seria um vale de lágrimas, e o que está em jogo é uma espécie de reconhecimento de que a dor é parte constitutiva da vida, ela aparece como caminho necessário à própria assunção da alegria, a dor aparece como “lição de mundo” oferecida por Deus, para a qual o homem deveria posicionar-se “grato”. A dor é

⁴¹ Esta religiosidade, que anseia por um mundo transcendente, pós-morte, no qual a paz e a felicidade estariam asseguradas, o que nos leva a compreender a vida como sendo um “vale de lágrimas”, foi colhida junto a Chateaubriand, como podemos ler – “Concebida para as nossas misérias e necessidades, a religião cristã oferece-nos permanentemente o duplo quadro dos pesares da terra e das alegrias celestiais e, por este modo, produz no coração uma fonte de males presentes e de esperanças longínquas de onde provêm fantasias inesgotáveis. O cristão considera-se sempre um viajante que atravessa um vale de lágrimas aqui na terra e que só terá repouso no túmulo. O mundo não é o objeto dos seus desejos, porque ele sabe que ‘o homem poucos dias vive’ e que este objeto lhe escaparia em pouco tempo” (CHATEAUBRIAND, 1992, p. 68). Ou ainda: “A religião cristã, ajustada às nossas misérias e necessidades, oferece-nos incessantemente o duplo quadro das tristezas da terra e das alegrias do céu, e destarte abre no coração uma fonte de males presentes e de esperanças longínquas, donde derivam inesgotáveis abstrações. O cristão considera-se sempre um viajante que vai aqui passando por vales de lágrimas, sem outro repousar que o da sepultura. O mundo não é objeto de seus votos, porque sabe que o *homem vive poucos dias*, e que este objeto depressa lhe fugiria”. (CHATEAUBRIAND, 1960, v. 1, p. 275)

“punição” propedêutica, ou melhor, prepara o caminho para a alegria neste mundo, mesmo que precária. Os homens, por sua vez, não devem ser compreendidos como pecadores incapazes de regeneração, pelo contrário, há sempre homens capazes de “consolar”, capazes de oferecer amor, homens de boa-vontade. Aqui, o poeta entende que o homem que se compreende como “desgraçado”, não passa de um ente incapaz da modéstia necessária para conquistar a alegria neste mundo através do único caminho disponível, a saber, a dor. O homem seria uma criatura que se aperfeiçoaria através da dor e do trabalho constantes, senão vejamos:

Lei é da Humanidade, e não do acaso;/ Sofrer, sempre sofrer é seu destino./ A Natureza o homem bruto cria,/ O mundo o aperfeiçoa/ Com dores e trabalhos./ Como se brunem com o atrito os seixos,/ No revolver das ondas,/ Ou como o crisol, à chama exposta,/ Se purifica a prata,/ Destarte, entregue à dor, doma-se o homem. (Magalhães, 1999, p. 158)

A “humanidade” obedeceria a uma única lei, a saber, a inevitabilidade da “dor” e do “trabalho”. Dizendo ainda de outra forma, os homens necessitariam aprender com as experiências da perda e da insatisfação, uma espécie de ter de fazer sempre novamente, que não permite descanso prolongado. Aí, justo aí, onde se sofre e se reconstrói sentidos incessantemente, é que o homem abriria o espaço necessário à conquista da alegria, mas tudo isto sempre uma vez mais. O mundo ganha novo sentido, é reencantado, ou melhor, passa a ser um âmbito desejado no qual o homem pode e deve se aperfeiçoar, conduta que renderia alegria e satisfação⁴².

⁴² Esta compreensão assume o mundo como espaço aberto à dor e, também, à conquista da alegria, da felicidade, afasta Magalhães de Chateaubriand. Devo esta interpretação à leitura que Hannah Arendt faz sobre o problema do amor em Santo Agostinho, em especial a sua compreensão de que, segundo Agostinho, o mundo possui grande valor na medida mesmo em que ele é caminho necessário à conquista da felicidade, ou ainda, da beatitude, e isto através do exercício da virtude da caridade, como podemos ler: “A via da beatitude que é o amor vai do uso (*uti*) à fruição. O objeto do uso determina-se do próprio objeto da fruição (*fruentum*). ‘Aquilo de que devemos fruir faz-nos felizes. Aquilo que devemos usar ajuda-nos no nosso esforço para alcançar a beatitude’. A caridade, ligada ao bem supremo, só tem relação com o mundo enquanto o mundo serve o seu fim último. No uso do mundo, o mundo é posto em relação com Deus. Utilizado o mundo perde a sua autonomia para o homem, e, subitamente, também o risco de se ver votado à cobiça do homem. A justa relação com o mundo é o uso: ‘É preciso usar o mundo e não fruí-lo’”. (ARENDT, S.d., p. 37). Segundo Cassirer, vale ressaltar, Santo Tomás de Aquino radicalizara a compreensão de que caberia ao homem pensar e agir em nome de seu aperfeiçoamento, a despeito de sua natureza decaída e de sua fragilidade constitutiva, como

Nossos olhos lancemos ao passado,/ E co'o fanal da história descobramos/ Quantos martírios nossos pais sofreram./ Tudo o que vemos nada é mais que a luta/ Da verdade, e do erro./ A verdade, que herdada hoje gozamos,/ Assaz regada foi com sangue humano./ Por nós dezoito séculos lutaram,/ E nós pelo porvir lutamos hoje./ Não é fora do mundo,/ Engolfado em prazeres que embriagam,/ Em brando leite lânguido estendido,/ Rodeado de escravas, que o incensam,/ Como um Rei do Oriente; nem na mesa/ De esplêndido banquete, qual Luculo,/ Que se colhem lições da experiência./ Não; engana-se aquele, que Epicuro/ Mal interpreta, e diz – Eia, gozemos;/ A vida no prazer cifra-se toda. (Magalhães, 1999, p. 159-161)

O passado tem uma função pragmática, a de lembrar que muitos homens enfrentaram desafios impossíveis e que persistiram em nome do “porvir”. Ele é utilizado pelo poeta com o intuito de animar o seu leitor, que seria convocado à insistência na vida a partir do sentimento de responsabilidade. A vida aparece como um jogo de erro e acerto, no qual o mal ia vencendo e o homem deveria, por sua vez, se posicionar diligente e atento, afastando-se dos “prazeres que embriagam”, ou melhor, da própria compreensão de que se pode ser plenamente feliz. Aqui podemos encontrar, aliás, um dos motivos centrais da crítica de Magalhães e de seus companheiros à escravidão, a saber, ela não passa de uma instituição que protege o homem daquilo mesmo através do que ele pode alcançar alegria consistente, bem como agradar a Deus e conquistar a salvação, a dor e o trabalho. A escravidão seria um dos males mais significativos do Império do Brasil, e isto porque impossibilitaria o homem de conquistar o verdadeiro prazer, o prazer conquistado, sempre uma vez mais, à experiência, à dor e ao trabalho. E continuando:

É nos cárceres só, é nos perigos,/ Quando ao exílio marcha o justo Aristides,/ Quando Homero um chorado pão esmola,/ Quando no cárcer Galileu medita,/ Quando do trono avito um Rei baqueia:/ A experiência então a voz levanta:/ Sólon, Sólon, Sólon, bem m'o dizias!/ Do passado a lembrança é morta idéia:/ A experiência só, a experiência,/ Dura, severa mestra,/ Por caminhos de dores, entre espinhos,/ Guia o incerto passo/ Do mortal que viaja sobre a terra./ A dor é da verdade companheira;/ Quem busca a experiência, a dor encontra. (Magalhães, 1999, p. 161-162)

A vida, “viagem incerta” segundo o poeta, vive de se autoconsumir e de se

afirma: “A despeito da queda, portanto, o homem não perdeu a faculdade de usar as suas forças devidamente, preparando-se assim para a sua própria salvação. Ele não desempenha um papel passivo no grande drama religioso; a sua contribuição ativa é reclamada, e, na verdade, é indispensável. Nessa concepção, a vida política do homem ganhou uma nova dignidade. O Estado terreno e a Cidade de Deus já não são pólos opostos; relacionam-se e completam-se um ao outro”. (CASSIRER, 2003, p. 144).

autocontradizer, transformando-se sempre uma vez mais e fazendo aparecer configurações marcadas pela contingência, situações que precisam de atenção e cuidado específicos. Seria necessário, então, experimentar o presente para se aprender lições atualizadas, adequadas às necessidades inéditas, método pelo qual “Sólon” teria se imortalizado.

Ao reencantar a vida, propondo-a como um lugar no qual dor e alegria se complementam, Magalhães está propondo uma revolução da sociedade, um movimento no interior do qual o trabalho (o esforço) e a dor passam a ser elementos necessários à conquista de uma vida alegre. Aí, não é mais permitido ao homem reclamar e desejar o “descanso” definitivo.

Por que pois lamentar se a dor é útil?/ Se ela é núncia de um mal, de que nos cumpre/ Fugir, ou evitar assaltos novos?/ O fogo que ao infante o dedo queima,/ A refletir o ensina, enquanto os mimos/ Da terna mãe mil vezes o corrompem. (Magalhães, 1999, p.162)

Os passos que devemos seguir são: 1) ao homem cabe assumir a dor e o trabalho (o esforço); 2) através da dor e do esforço o homem compreenderia sua situação frágil, o que o levaria à experiência Deus, ou da medida da eternidade se preferirmos; 3) Deus se transformaria em horizonte doador de sentidos, o que significa dizer que o homem conquistaria o sentido necessário à concreção de uma vida “esperançosa” e alegre. E tudo isto, vale anotar, através da poesia. Acompanhem as próximas palavras de Magalhães:

Oh, desgraçado aquele/ Que jamais suportou uma só mágoa/ E que de gozo em gozo vê seus dias/ Correr tranqüilamente;/ Como a flor nasce, e morre,/ Mas como a flor também nada conhece;/ Existe, mas não vive,/ Que é, sem dor, o prazer uma quimera./ Para vermos a luz, que ânsias, que dores/ Não sofrem nossas mães? Mas nesse instante/ As dores maternais, nascendo, herdamos./ Glória, fama, saber dores nos custam;/ E quem sabe se à dor põe termo a morte?/ Como é feliz aquele que levanta/ Seu espírito a Deus, e com fé pura,/ No meio da tormenta,/ Que o mundo sem cessar contra nós arma,/ Do céu auxílio espera,/ Enquanto sem conforto, entregue à raiva,/ Blasfema o ímpio contra Deus, e os homens./ Feliz que assoberba a iníqua sorte,/ E, para o consolar, acha a virtude,/ Que benéfica brilha,/ Como em negra solidão plácido lume/ Alma esperança gera, prometendo/ Asilo ao peregrino afadigado. (Magalhães, 1999, p.162-164)

A vida aparece como sendo uma “tormenta” constante - “que o mundo sem

cessar contra nós arma”. No interior desta vida, não cabe ao homem reclamar, “blasfemar”, contra Deus ou contra seu semelhante. O que deve fazer é colocar-se numa postura de aceitação do que a vida é mais propriamente, essa – “tormenta” incessante, e, por conseguinte, buscar construir um conhecimento razoável para que a existência se torne, aqui e ali, possível. Ao homem caberia aceitar a dor e o trabalho como meios através dos quais poderia colher novas experiências que possibilitariam maior adequação em relação à natureza e aos outros homens. Aí, no reconhecimento e na assunção da pobreza, tornaria-se possível a experimentação da eternidade e daria-se o aparecimento de um novo horizonte transcendental doador de sentidos, único horizonte no interior do qual seria possível a fundação de uma existência adequada e alegre.

Feliz, feliz mil vezes, quem tranqüilo/ Não houve o apuridar da consciência,/ E um só crime exprobar-lhe!/ E no leito da paz, ou na masmorra,/ Não vê punhais em sonhos, nem fantasmas./ Mesmo quando os ruins dores lhe causem,/ Como Guatimozín atado, e posto/ Sobre estendidas, chamejantes brasas,/ Com os olhos no céu, sereno exclama:/ Num leito estou de rosas!/ Entre afiadas rodas, açoitado/ Com lâminas de ferro;/ Na cadeia, no circo, e na fogueira,/ Ou alvo da calúnia,/ O justo não sta só, Deus é com ele./ Cadeias, circo, infâmia, fogo, e morte,/ Tudo supera o justo./ Como as nuvens peçadas de vapores/ Exalados da terra/ Do coruscante sol a face cobrem,/ E por um pouco a Natureza enlutam;/ Mas depois da tremenda tempestade,/ De mais belo cetim o céu se arreia,/ E o sol raios dardeja mais brilhantes,/ Assim depois da angústia, e da calúnia/ A inocência triunfa acrisolada. (Magalhães, 1999, p 164-165)

O homem reencanta o mundo ao reconhecer sua finitude constitutiva e experimentar a Deus como sentido necessário e suficiente à insistência na vida. Temos, assim, um mundo revalorizado a partir da eternidade, ou seja, o homem enfrenta cada desafio oferecido pela vida, buscando ser feliz neste mundo, orientado, em última instância, por uma experiência transcendente – “feliz! Feliz mil vezes, (...) tranqüilo”, pois o “céu orienta”.

Aqui, Magalhães mais otimista e esperançoso, assume uma religião imanente e exorta através de sua poesia a necessidade de o homem viver uma vida ativa, lutando, incessantemente, buscando superar seus desafios, a cada vez novamente. Aí o homem pode sofrer revéses como a prisão ou mesmo a morte, mas isto é o preço necessário à conquista da felicidade nesta vida, bem como à salvação eterna, pois é tão somente depois da “tempestade”, insistente, que aparecem dias melhores, ou se

quisermos a “inocência”, sempre fugidia. Aliás, ao fim fim e ao cabo, quem poderia provar que após a morte a dor e o esforço não seriam mais necessários – “E quem sabe se à dor põe termo a morte?” (Magalhães, 1999, p. 163)

A isto, à proposta de Magalhães de viver serenamente buscando superar os desafios impostos pela vida, trata-se viver com os olhos no céu.

Ah! não nos lamentemos;/ Que quanto mais se sofre mais se alcança./ A dor só para o iníquo é um tormento./ De Zeno as leis seguindo,/ Como se a não sentíssemos, vivamos;/ Deus existe, e nos vê; Deus só nos julga. (Magalhães, 1999, 165-166)

1.2.5.

A assunção da finitude humana

Quando dos gelos, que alcantis coroam,/ Vê a enchente rolar em cataratas,/ Por cem partes abrindo largo leito,/ Fragas, e pinheirais desmoronando; Quando vê as cidades enterradas/ A seus pés na planície,/ e negros pontos/ Aqui, e ali, moverem-se sem ordem,/ Como abelhas em torno da colméia;/ O homem então se abate; um suor frio,/ Qual o suor que o moribundo coa,/ Rega-lhe o corpo extático; sua alma,/ Como um sutil vapor, que o lírio exala,/ Ferido pelo raio matutino,/ Da terra se levanta; e o corpo algente/ Qual um combro de pó morto parece.../ Ela está no infinito! (Magalhães, 1999, p.78)

Magalhães descreve a natureza, ou melhor, o homem em meio à natureza experimentando sua imprevisibilidade e potência. O movimento do poeta é o de reencantamento do mundo através da natureza, quero dizer, pretende fazer de sua poesia um âmbito no qual os homens e mulheres da *boa sociedade* pudessem se surpreender, a partir do qual as certezas e procedimentos habituais fossem postos em questão, abrindo espaço ao estranhamento e à experiência da pobreza e da mística.

O homem precisaria ser contraposto àquilo que seria sua verdadeira essência, a saber, a finitude, a pobreza. A estratégia de Magalhães é a de trazer a natureza para a cidade, forçando o leitor de suas poesias a saltar de sua cotidianidade e imergir num horizonte desconhecido. Era necessário construir uma rede textual capaz de lançar seu leitor para dentro do sentimento de finitude, para isto ele precisava experimentar um ambiente estranho e mágico. Se num primeiro momento os olhos humanos,

protegidos no cume de um despenhadeiro, percebem gelo, num segundo momento, de repente, o gelo se transforma em água e “rola em cataratas”. A catarata se abre em mais de “cem partes”, o que significa em incontáveis e incontroláveis quedas-d’água. Os homens e mulheres da *boa sociedade*, iludidos pela promessa de viver em um mundo domesticado, experimentam um espetáculo imensurável através dos *Suspiros*.

As árvores desmoronam e o homem assiste passivo à destruição de cidades inteiras, testemunha a morte de outros muitos, e isto sem nada poder fazer. “A seus pés” tudo é “negro”, o que nos revela sua incapacidade de discernir, de compreender através da razão o fato que vivencia, ele não é capaz de explicar o que vê, menos ainda de se colocar numa atitude ativa, na ânsia de salvar seus semelhantes. Enfim, tudo se move “sem ordem”, ou melhor, sem uma ordem apreensível, e o homem, estupefato, segue protegido por sobre a planície. “O homem então se abate”, pois se vê incapaz de produzir conceitos capazes de explicar a imediatez e a força da enchente que presencia, bem como porque experimenta a dor e o infortúnio de outros muitos semelhantes, entende que poderia ser ele, dá-se assim um “suor frio”, já não está tão seguro, e isto porque pode se imaginar lá embaixo, à mercê da natureza incontrolável. Suor de “morimbundo”, de quem, com o livro em riste, se encontra à beira da morte, de quem experimenta a finitude.

Em meio a esta situação sublime, o homem se encontra apavorado e sua “alma”, a partir da mais profunda dor e da sensação de finitude, conquista uma espécie de leveza, ela é lançada ao “infinito”, espaço que só pode ser acessado se o homem reconhece, decisivamente, que é frágil. Assim, o leitor experimenta, com fervor, uma força especial que resguardaria a explicação para a necessidade de se insistir em uma vida marcada por infortúnios imprevisíveis e inultrapassáveis.

É a voz do Universo! – voz terrível,/ Porém harmoniosa, que proclama/ a existência de um Ser, que de si mesmo,/ De sua onisciência, e eterna força,/ Tudo tirou, quanto o Universo encerra.

Os céus, os mundos, o Oceano, a terra/ É um vasto hieróglifo, é a forma/ Simbólica do Ser aos olhos do homem./ O movimento harmônico dos orbes/ É o hino eterno e místico, que narra/ Altamente de um Deus a onipotência./ Tudo revela Deus, - e Deus é tudo. (Magalhães, 1999, p 79)

O céu, a terra e o mar se movem a partir de uma lógica incompreensível ao homem. A natureza aparece como uma “voz terrível”, que vem lembrar ao leitor a sua

condição finita. O universo se move aos olhos do homem de forma violenta e ininteligível, estrutura que vira e mexe destrói civilizações inteiras, deixando ruínas e mais ruínas. E, por outro lado, pequena é a ciência humana, anota o poeta, pois tudo se dá a partir de uma precisa harmonia, de uma lógica interna, imperceptível e autônoma. Tudo o que aparece é criação de uma força eterna, de um ente que não nasceu e que nunca morrerá, e que é motor primeiro, que está na base da fundação de tudo quanto é. Um Deus perfeito – “onisciente” e “onipotente” que quer ser ouvido e que fala através da natureza. Sua fala diz ao homem, insistentemente, que ele é pobreza, e que sua tarefa é a de assumir tal condição e colocar-se prostrado mediante a perfeição divina, para que, somente então, possa conquistar o sentido necessário à assunção da serenidade e da alegria, à assunção do próprio ânimo pela vida.

De tal grandeza sotoposto ao peso,/ Como se o esmagasse ingente mole,/ O homem se aniquila, e desaparece,/ Qual no profundo pego um grão de areia./
É aqui, ó meu Deus, calcando nuvens,/ Parecendo tocar o céu co’a fronte,/ Que eu reconheço a imensidade tua./ Existe este Universo, existe o homem./ Porque de todo o Ser tu és a origem. (Magalhães, 1999, p. 79-80)

Somente através da experimentação dos infortúnios terríveis oferecidos pela vida, é que o homem assume sua fragilidade e se expõe ao infinito e, assim, conquista a verdadeira necessidade religiosa. Religião que trata de assegurar uma vida menos árida, oferecendo o sentido suficiente à insistência modesta e alegre. “Sotoposto ao peso” que é a existência, “o homem se aniquila e desaparece”, o que significa dizer que a ilusão humana de autonomia e de poder dá lugar à modéstia. Lançado no infinito pela compreensão de sua pobreza, o homem “reconhece a imensidade” divina, ou seja, a grandiosidade de um ente que a tudo sabe, que tudo pode e que em tudo que acontece faz-se presente – “existe este Universo, existe o homem. Porque de todo Ser tu és a origem”⁴³. É nesse Deus que o próprio Magalhães passa a confiar,

⁴³ Encontramos uma correspondência entre as palavras de Magalhães e as de Goethe – “Tudo, tudo repleto de milhares de formas; e os homens, depois, protegendo-se juntos em arremedos de casas e, em pensamento, reinando sobre o vasto Universo! Pobre louco, que consideras tudo tão insignificante, sendo tu tão ínfimo. – Da montanha inacessível, por sobre o deserto que nenhum pé trilhou, até os confins do oceano desconhecido sopra o espírito do eterno Criador que se regozija por cada grão de pó que sente a sua presença e que vive. – Ah! Naquele tempo, quantas vezes ansiei transportar-me para as praias do imenso oceano nas asas do grou que passava voando lá no alto naquela direção, beber da taça borbulhante do infinito as volúpias da vida que dilatam do coração e sentir um só instante, na

experiência que torna possível a assunção do otimismo e da esperança, ou melhor, a própria fundação da tensão entre pessimismo e otimismo. Aliás, não devemos esquecer que o poeta está exilado, longe de sua “pátria” e mais, compreende que ela está corrompida e entregue a homens e mulheres “egoístas”, responsáveis por constantes e intensas revoltas e rebeliões – falamos do período regencial ⁴⁴.

Remontando nosso caminho, percebemos que o primeiro movimento de Magalhães, e isto junto a seus companheiros, é o de fundar, através de seus textos, um espaço no qual os homens e mulheres da *boa sociedade* pudessem saltar de sua cotidianidade, de sua vida “egoísta” e “mediocre”, aparentemente segura, para experimentar a natureza, lugar privilegiado no qual o homem sentiria, com o vigor devido, sua fragilidade em relação à vida. Seus leitores, através destes textos, experimentariam a dúvida e a perplexidade de estar contraposto a forças que não só não conhecem como não podem enfrentrar.

Ó arrojado pensamento humano,/ Por mais que em teu socorro os astros chames,/ Por mais que sua luz o sol te empreste,/ Seu ouro a terra, o céu a imensidade,/ Os rios a corrente, os campos as flores,/ Suas asas o raio, os sons a lira,/ E a noite seu mistério, ao fim se tudo/ Invocado por ti, a ti se unisse,/ Não puderas ainda em teus transportes/ Os louvores tecer do Onipotente. (Magalhães, 1999, 82)

Asinha ala-me ao céu; na etérea placa,/ Vendo o sol de mais perto, talvez possa,/ Com sua luz benéfica animado,/ Altíssimo entoar um hino excelso,/ Digno de Jeová, que eterno escuta/ Dos angélicos coros a harmonia./ Abre-te, ó céu azul, que a mortais olhos,/ A mansão do Senhor zeloso ocultas! Abre-te ó céu azul; deixa minha alma/ Saciar-se co’a luz da Sião santa. (Magalhães, 1999, p. 81)

O primeiro trecho nos revela, a um só tempo, a força e os limites da razão. O pensamento é “arrojado” e, em alguma instância, capaz de desvendar os mistérios que fundam a vida. Entretanto, toda reflexão acerca do que a vida é em sua dimensão

veemência represada do meu peito, uma gota da bem-aventurança desse ser que tudo gera em si e por si”. (GOETHE, 1992, p. 42)

⁴⁴ Sobre o período regencial como sendo uma conjuntura espaço-temporal determinada por debates políticos intensos e por “revoltas” e “rebeliões”, âmbito marcado pela desconfiança, podemos ler as palavras de Ilmar Rohloff de Mattos comentando o panfleto de Justiniano José da Rocha: “(...) o período da Ação foi o período de predomínio do *princípio democrático*, destendendo-se de 1822 a 1836. Nele o jornalista conservador distingue dois momentos: luta e triunfo, separados pela Abdicação. No primeiro momento, ao lado do nacionalismo exacerbado, a desconfiança do poder: ‘havia homens que por amor da liberdade viviam em permanente desconfiança da autoridade’. No segundo, a conquista do Poder pela Liberdade, chegando à exageração; ‘estava senhora do governo a democracia;

mais basal, não passa de um pensamento incapaz de oferecer ao homem a possibilidade de experimentação da existência como finitude e, a partir da pobreza mais radical, lançar o homem a Deus fazendo-o conquistar o sentido necessário à assunção alegre da vida.

É a poesia que vai se constituir em âmbito privilegiado à experimentação radical da existência como “infortúnio”. Ela será o campo de experimentação no qual o homem vai, mais do que falar sobre, sentir sua pequenez e conquistar, assim, a necessidade de “tecer louvores ao Onipotente”, de estabelecer uma relação fundamental com um ente perfeito que seria capaz de justificar a vida e de garantir uma paga justa a todos aqueles que se aventurassem em meio às agruras, incessantes, da existência. Aí, a razão aparece como limitada, não sendo capaz de elevar o homem a Deus. A poesia, por outro lado, ofereceria ao homem a possibilidade de experimentar a sua fragilidade radical e de, por conseguinte, vivenciar a medida da eternidade. A poesia lança o homem aos céus, “ala-o” e o faz ver “o sol de mais perto”. Ela coloca o homem em contato direto com a perfeição, fazendo-o experimentar um tanto dela que seja.

Através da poesia a “luz benéfica (do sol) anima” ao homem, faz recobrar a alegria necessária para insistir em vida árida. Através da poesia o “céu azul” se abriria e então o homem poderia provar da única medida capaz de curar suas mágoas e fazê-lo persistir. Os homens necessitariam “saciar-se co’a luz” divina para continuar existindo, para resistir à tentação da prostração, da apatia, ou mesmo da ação desesperada. A poesia ganha a função de lugar privilegiado à experimentação da finitude radical e da conquista da necessidade de Deus para que a vida seja tanto possível quanto alegre.

A poesia de Magalhães possuiria a função precípua de oferecer aos homens e mulheres da *boa sociedade* a possibilidade de experimentar sua pobreza e, em seguida, de conquistar a necessidade de Deus. O poeta faria com que seus leitores experimentassem a pobreza, a medida da eternidade e conquistassem, enfim, a alegria e a modéstia necessárias à insistência na vida, oferecendo, a um só tempo, um projeto

a câmara dos deputados formava como seu grande conselho diretor: regência, ministério, tudo era ela””. (MATTOS, 2004, p. 146-147)

moral cristão que deveria ser levado a cabo. Esta seria a revolução proposta por Magalhães e seus companheiros a uma sociedade que seria orientada por um duro “egoísmo”.

Mas, ó Deus, que missão tens confiado/ A este fraco ser, que sobre a terra/ Entre os mais seres como um rei se ostenta,/ E único para ti erguendo os olhos,/ Parece teu rival? ... Missão augusta/ É sem dúvida a sua; e o seu destino/ Não é o d'alimária!... A Natureza/ Obedece ao seu mando, como se ele,/ Entre Deus e a terra colocado,/ Órgão fosse das leis da Providência.

Tu convertes os bosques em cidades (...);/ Toda a terra está cheia com teu nome;/ Um século transmite a outro século/ Dos teus feitos a história portentosa;/ Tu só marchas, tu só te desenvolves,/ E inda não recuaste de fadiga!/ Com que sinal selou tua fronte/ A mão do Criador? – Donde descendes?/ Quem tu és? Quem tu és, que podes tanto? Porque és do Criador a obra-prima,/ Porque transluz em ti o seu transunto. É a Deus, só a Deus, que tu refletes,/ Como do sol a luz reflete a lua. (Magalhães, 1999, p. 84-5)

O poeta apresenta a hierarquia fundamental que existiria entre Deus e o homem, fazendo-o aparecer como uma espécie de realizador dos sentidos oferecidos por Deus. A existência humana passa a ser tratada como uma “obra-prima”, como uma aventura dotada de sentido. Neste momento há dois acontecimentos extraordinários, o primeiro é que o mundo passa a ser um lugar interessante, o segundo é que a morte biológica, que antes era motivo de desespero, passa a ser um acontecimento necessário, que, ao fim, libertaria a alma para “entrar (com os dois pés) na Eternidade”. O que está em jogo no projeto de Magalhães e de seus companheiros é uma valorização do mundo, mundo que deveria ser experimentado como uma dádiva divina, como uma oportunidade de se levar a cabo a própria perfeição, mesmo que fosse através da dor e do esforço, e isto acrescido da noção de que, ao fim e ao cabo, todo o esforço seria justificado não apenas pela conquista da felicidade, como, também, pela promessa de uma vida menos dolorosa em outra instância, após a morte.

Nas barreiras da morte tudo esbarra;/ Menos o homem, que atravessa airoso,/ Aí o mortal corpo abandonando,/ Para no seio entrar da Eternidade;/ Assim o viajador o pó sacode,/ E deixa o companheiro de viagem,/ Manto todo coberto de poeira,/ Quando à cidade desejada chega./ A alma não morre, porque Deus não morre. (Magalhães, 1999, p. 86)

Ao homem caberia a necessidade da assunção de Deus, passando, por

consequente, à revalorização do mundo, e isto porque ele teria constatado uma dupla possibilidade de ser feliz, uma neste mundo, em meio à dor e ao esforço, e isto porque a existência humana seria uma “obra prima” que deveria ser intensificada, e a outra, após a morte, na “cidade desejada”.

1.2.6.

O cristianismo na poesia e a tensão entre pessimismo e esperança

Mal a Natura se abre a inteligência,/ E o primo pensamento a alma desperta,/ Logo a idéia de Deus d'ela se apossa,/ E a origem sua, e o seu destino aclara./ Súbito um fogo, mais que o sol brilhante/ Que as gerações dos trópicos abrasa,/ Mais veemente que os vulcões da terra,/ N'alma se ateia fogo inexaurível,/ Casto fogo de amor, que interno a lavra,/ E a Deus a sobe em espontâneo culto. (Magalhães, 1999, p. 91-2)

A intuição de Deus, da eternidade, aparece de forma mais radical na relação que o homem estabelece com a natureza. Frente a frente à natureza o homem é surpreendido por situações e mistérios incontornáveis, que assinalam sua fragilidade. Neste momento, convencido de sua finitude, o homem pensa e recorre a uma força perfeita, capaz de justificar uma vida terrível. Trata-se de uma experiência imprevisível e “inexaurível”, o que significa dizer que não pode ser antecipada e que, uma vez realizada, abre um novo horizonte transcendental.

Aquilo que permite ao homem a relação com Deus, não é exatamente a natureza, a natureza aparece como um espaço ideal que abre a possibilidade para tal relação. A força que apresenta, propriamente, o homem a Deus é o amor, ou se quisermos, junto a Platão, o *eros*. Em ambas as descrições, a relação entre homem e eternidade se dá de forma repentina, o que significa que se trata de uma experiência que não pode ser nem prevista nem controlada pelo homem. A tarefa do homem é a de colocar-se no espaço ideal no interior do qual a relação com a eternidade seja possível, no qual o amor possa evidenciar-se. Experiência súbita, bem como transcendental, o que significa que uma vez realizada abre-se a partir dela um novo horizonte doador de sentidos, horizonte que nunca se esgota, garantindo, sempre uma vez mais, a lembrança de Deus. O que está em jogo, aqui, é acenar para a única

possibilidade de uma revolução radical da sociedade imperial – a experimentação da eternidade –, evidenciando o âmbito no interior do qual ela poderia acontecer – a natureza. É através da experimentação de Deus, na natureza, que o imperfeito é tomado à perfeição. Aqui, somos apresentados ao sentido da revolução social proposta por Magalhães e seus amigos, a saber, a abertura de um novo horizonte transcendental doador de sentidos, um horizonte qualitativamente diferente, e isto porque não se encontraria fundado na finitude humana, o que significa no mundo e em seus sentidos “egoístas”, bem como possuiria a força necessária à sua conservação.

Segundo Magalhães, os homens e mulheres da *boa sociedade* precisariam experimentar a finitude humana, bem como a eternidade, para conquistar a possibilidade de construir um *éthos* adequado à vida, fundado na serenidade, na modéstia e no amor à pátria. Entretanto, segundo o poeta, a experiência da natureza através da poesia ainda era um método insuficiente à civilização do Império do Brasil.

Mas no amoroso êxtase não pára,/ A interna adoração só lhe não basta,/ Não se farta de amor, que amor sagrado/ É invencível, poderosa força,/ Que o espírito levanta ao infinito,/ Como a atração os orbes equilibra/ Na imensidade, a que escapar não podem./ Deve o espaço conter a sacra imagem/ De sua adoração, devem os filhos,/ Os netos devem nas futuras eras,/ Vendo essa imagem, aforar o Eterno./ Mas, ó homem, que ousado intento é esse?/ Erguer um templo a Deus! (Magalhães, 1999, p. 92-3)

Para que o Império fosse civilizado seria necessário mais do que a presentificação da natureza através da poesia, seria necessário construir templos religiosos no interior dos quais os homens e mulheres da *boa sociedade*, bem como seus “filhos e netos” pudessem ser devidamente orientados, tomados pelas mãos e encaminhados didaticamente à realização da experiência da finitude e da eternidade. Segundo Magalhães Deus aceitaria esse “tributo”.

Mas, ó homem, que ousado intento é esse?/ Erguer um templo a Deus!... Que! Porventura/ Templo o espaço não é digno do Eterno?/ As montanhas, o mar, os céus, os astros/ Assaz não ornem do Senhor o templo?/ Ou temes que em tão vasto santuário,/ Nesse profundo abismo do infinito,/ Vê-lo teus olhos míopes não possam?/ Como possível é que espaço estreito/ Abranja o Criador, que enche o Universo?/ Mas pagas um tributo; - Ele to aceita. (Magalhães, 1999, p. 93)

O que está em jogo é a definição do âmbito ideal no interior do qual seria

possível experimentar a eternidade, e este espaço seria, num primeiro momento, a natureza. O homem, em meio à natureza, se encontraria, sempre uma vez mais, frente a frente a mistérios insolúveis e perigos inultrapassáveis. Aí, exposto, o homem compreenderia sua fragilidade radical e experimentaria a Deus como ente necessário à aplacação de seu desespero. Entretanto, ocorre que os homens e mulheres da *boa sociedade* encontravam-se “míopes”, o que significa dizer que estavam impossibilitados de empreender o caminho que vai do reconhecimento da finitude à assunção de Deus, através da experimentação da natureza. Aqui, o poeta se questiona sobre a possibilidade de provocar homens e mulheres “egoístas”, “míopes” e “loucos” a realizar uma experiência que exigiria disponibilidade (generosidade).

Segundo Magalhães, a presentificação da natureza através da poesia, apenas, não seria capaz de provocar homens e mulheres “egoístas” à assunção das experiências da finitude e da eternidade, era preciso fundar igrejas. Caberia aos homens em geral erguer “Templos” ao “Senhor” e aos poetas, ao que podemos ver, fazer de seus textos espaço privilegiado à experimentação do Deus católico, e isto através da presentificação dos seus símbolos, dos seus dogmas e dos seus imperativos. Magalhães concretizaria a civilização da *boa sociedade* provocando os homens e mulheres a experimentar a pobreza humana e a medida da eternidade e a pensar e a agir de forma justa também através da tematização das instituições católicas em suas poesias.

Obreiro do Senhor, eia, trabalha,/ Sem descanso trabalha dia, e noite;/ Que teu Deus não repousa um só instante,/ Para a ordem manter de tantos mundos./ Ah, se ele um só minuto repousar,/ Que seria de ti, deste Universo?/ Ao fim teu templo ergueste; reuniste/ Tudo o que há de mais belo sobre a terra,/ E séculos no trabalho se passaram!/ Tudo aqui fala, tudo aqui revela/ A força oculta que sustenta o homem,/ E o destino imortal da eternidade. (Magalhães, 1999, p. 94)

Magalhães exorta os homens em geral a “trabalhar”, junto a Deus, pela segurança do mundo, “sem descanso, dia e noite”, e isto porque escreve para uma sociedade corrompida, composta por homens e mulheres “míopes” e “egoístas”, incapazes de experimentar a Deus através dos acenos “obscuros” e exigentes da natureza. Fazia-se necessária a construção de espaços evidentes, o que significa didáticos, nos quais tudo “fala”, “tudo revela”, a saber os “templos” e a própria

poesia. Os homens e mulheres da *boa sociedade* teriam se tornado incapazes de ir em busca da pobreza e da eternidade, incapazes de abandonar suas cidades e certezas e de se lançar num ambiente tão hostil quanto a natureza, nem mesmo mediatizados e assegurados, ao fim, pela linguagem. Eram incapazes, pois se sentiam assegurados no interior de seus projetos e conquistas “egoístas”. Restava ao poeta pessimista e desconfiado insistir na civilização da *boa sociedade* através da presentificação da natureza e das idéias e costumes cristãos⁴⁵.

A religião católica deveria ser cuidada, pois a *boa sociedade* estaria doente, seus homens e mulheres já não seriam mais capazes de realizar a experiência da finitude e da eternidade através da natureza, e isto nem de maneira autônoma nem protegidos pela linguagem poética, na mão inversa, segundo o poeta, seus contemporâneos tratavam de construir um mundo aparentemente seguro, sem sofrimento e sem dor, no qual eram pequenos déspotas.

O poeta movia-se orientado, a um só tempo, pelo otimismo e pela esperança, por um lado, e pelo pessimismo e desconfiança por outro. Se Magalhães encontrava-se mobilizado em torno de um projeto de civilização da sociedade imperial, o fantasma do fracasso acompanhava-o de perto, e punha-se, então, a exaltar a necessidade do trabalho humano para a concretização do plano divino. Ao sublinhar a necessidade da ação humana em nome da concretização do que deveria ser, Magalhães não só pretende mobilizar os homens e mulheres da *boa sociedade* no sentido de levar a cabo a “obra prima” de Deus, orientando-os à concretização dos sentidos “verdadeiros” e “justos”, como já se encontra no interior de uma atmosfera pessimista, que compreendia que o próprio Império poderia acumular revéses. O que está em questão, aqui, é uma percepção desconfiada que reivindica a intervenção do homem no sentido de realizar o plano divino, mas isto porque o poeta já se encontrava no interior de um horizonte algo dessacralizado, o que significa num mundo que permitia entrever o sentido - fracasso. Dizendo ainda em outras palavras,

⁴⁵ Para tornar ainda mais evidente a presença das insituições católicas na poesia de Magalhães acompanhemos a sua descrição, que podemos dizer barroca, de uma Igreja – “A rigidez do mármore, e a brancura,/ Duração, e pureza simbolizam;/ A larga base, a altura, a esbelta forma,/ A agulha, cuja ponta as nuvens rompe,/ E parece querer fugir do espaço;/ A áurea Virgem, que brilha em seu fastígio,/ E este povo de estátuas, que a rodeiam,/ Todas de branco mármore polido,/ Que a glória do Senhor perene cantam (...)”. (MAGALHÃES, 1999, p. 94)

é porque desconfia, seriamente, da possibilidade de êxito de seu projeto e do destino do próprio Império do Brasil, que Magalhães anota a necessidade do “trabalho” humano junto a Deus, ou ainda, já não era mais possível crer na realização autônoma e necessária da história, ou ainda, no destino faustoso e necessário do Império.

No fundo, o homem também entra em cena como uma espécie de resposta lógica à desconfiança de que o Império, ou ainda, seu destino faustoso, poderia sossobrar, e isto porque Magalhães não poderia creditar a Deus, ser perfeito que trabalhava “dia e noite”, o ponto de determinação de qualquer fracasso. O poeta encontrava-se, em verdade, dividido entre a compreensão de que a história se concretizaria obedecendo à lógica do progresso necessário, e, por outro lado, a interpretação de que a história seria um âmbito no interior do qual o fracasso e a ruína se apresentariam como possibilidade. Magalhães encontrava-se, então, otimista e esperançoso e, a um só tempo, pessimista e desconfiado em relação à significância de sua própria existência e de sua poesia e receoso no tocante à possibilidade de civilizar o Império.

Ao homem raro que experimentara a eternidade, caberia mobilizar-se no sentido de expandir o cristianismo, o mais rápido possível, pois através de sua força pedagógica os homens e mulheres da *boa sociedade*, “egoístas” e avessos à experimentação da natureza e da natureza através da poesia, poderiam ser encaminhados à experiência da finitude humana e da medida da eternidade e, por conseguinte, apresentados aos sentidos da modéstia e do amor à pátria.

Assim é que o espírito celeste,/ Que a massa humana anima, e nela impera,/ De seu Deus concebendo a idéia pura,/ Da terra se desprende, se sublima,/ E do sagrado amor nas ígneas asas/ Sobe ao seio do Eterno, que o gerara./ Assim é que das lâmpadas do templo/ Pirâmides de fogo se levantam,/ E se perdem nos ares, qual se perde/ O pensamento humano no infinito./ Santa Religião, sublime, augusta, Tu a idéia de Deus esclareceste,/ Idéia que, nas trevas que envolviam/ A alma humana, brilhou como um relampo/ Divina inspiração, tu só podias/ O espírito subir ao seu Princípio,/ A despeito do mundo, e dos sentidos/ Nem sempre verdadeiros. Tu revelas/ Sacras verdades aos humanos úteis,/ Que fora de teu grêmio embalde o homem/ Orgulhoso procura; ao desgraçado/ Oculta mão estendes caridosa:/ Sempre consoladora, afável sempre,/ Que mal há, que em ti cura não ache. (Magalhães, 1999, p. 95-6)

À diferença da natureza, em origem desafiadora e indomável, a religião católica era “sempre consoladora, afável”, ideal à sedução dos homens e mulheres

“egoístas” e “orgulhosos” que compunham a *boa sociedade*. No interior da experiência católica, o pensamento humano “se perde no infinito”, e isto suave e imperceptivelmente, contraindo, a partir de então, a eternidade como horizonte doador de sentidos à existência. Num momento o homem é orientado pelas referências “egoístas” de sua civilização, noutro, entregue à força pedagógica e suave dos símbolos do cristianismo, também presentificados e disponibilizados através da poesia, ele é apresentado à sua finitude e, em seguida, catapultado à perfeição, passando a compreender a vida como âmbito pleno de sentido no qual se deveria insistir de forma adequada, ou ainda, com modéstia e amor.

Através da poesia, a religião cristã resguardaria ao homem a possibilidade de experimentação da alegria e da serenidade, sentimentos impossíveis no interior de uma existência “orgulhosa” e “egoísta”, que procuraria, a todo o momento, a satisfação perfeita. Dizendo ainda de outra maneira, a poesia, junto à religião cristã, facilitaria as experiências da finitude e da eternidade, pois a provocariam através de símbolos “consoladores” e singelos”. Não sem motivo, os “selvagens” teriam se rendido imediatamente à pregação/poesia dos jesuítas, afirma Magalhães.

Ao som de tua voz misteriosa/ Os errantes selvagens suspenderam/ As mãos de sangue tintas, e prostrados/ Sobre a terra, até ali inculta e brava,/ A insólita voz tua repetiram/ Em espontâneo arroubo. – A Natureza/ Riu-se então, quando viu pela vez prima/ Um homem abraçar um outro homem,/ E em socorro comum viver juntos. (Magalhães, 1999, p. 96-7)

O que está em jogo no texto de Magalhães é a função reencantadora da religião através da poesia, e isto no interior de uma sociedade corrompida, “egoísta”. Ou seja, a possibilidade que o cristianismo ofereceria ao homem de, em meio a determinadas situações desfavoráveis, aparentemente definitivas, ganhar novo ânimo, alegria suficiente para insistir nas coisas do mundo, pois – “que mal há que em ti (religião) cura não ache?”⁴⁶. A cura é a própria possibilidade de redenção no interior da vida, ali onde o homem se encontra em meio a situações para as quais não entrevê

⁴⁶ Sobre a relação entre religião e poesia no Romantismo Safranski afirma que: “Nesse pronunciamento reconhecemos que o Romantismo mantém uma relação latente com a religião. Ele faz parte do movimento de busca que se estendeu sem pausa durante duzentos anos, que queria colocar algo diante do mundo desencantado pela secularização. É, entre muitos que também o são, também uma continuação da religião com meios estéticos”. (SAFRANSKI, 2010, p. 17)

saída possível. “A despeito do mundo”, não obstante os significados e sentidos construídos a partir de um modo de ser “egoísta” e “orgulhoso”, o cristianismo, além da natureza, através da poesia, seria capaz de enviar o homem doente para fora dos “sentidos”, revelando aquilo que é, as “sacras verdades”. A Igreja teria sido a única capaz de “civilizar” os indígenas, o que significa dizer encaminhá-los, mostrando a postura necessária ao homem no mundo, a saber, o abandono do “egoísmo” e do “orgulho”, e isto em favor da alegria, da modéstia e do amor. A religião cristã fora responsável, pela primeira vez no “Brasil”, segundo a poesia de Magalhães, por “um homem abraçar o outro homem,/ E em socorro comum viver juntos”. Aqui, O projeto civilizador de Magalhães pode ser mais bem compreendido, a saber, provocar a experimentação da finitude e da medida da eternidade, através da presentificação da natureza e das instituições católicas, forçando o seu leitor, os homens e mulheres “egoístas” da *boa sociedade*, à assunção do modo de ser do amor, ao interesse precípua pelo bem comum. Como podemos ler:

Quis o homem tecer os teus louvores,/ E a primeira palavra foi um hino,/ O primeiro discurso poesia./ E o homem, que até ali solto vagava,/ Fraco, impotente entre animais ferozes,/ Pelo místico cântico atraído,/ A bronca penedia abandonando,/ A viver começou em sociedade. (Magalhães, 1999, p. 98)

Magalhães está preocupado com certa recondução, a recondução do homem a um modo de vida a partir do qual a existência alegre fosse possível, e aqui podemos ir mais a frente tematizando mais detidamente os problemas da modéstia e do amor. Segundo o autor, o homem viveria num mundo deveniente, ou seja, numa vida terrível, que não cessaria de se transformar, fazendo ruir, mais dia menos dia, tudo o que fosse realizado. Para que a vida do homem fosse suportável em meio ao devir, seria preciso compreender que sua existência era frágil e que, por conseguinte, perdas seriam inevitáveis. Ele deveria compreender, em verdade, 1- que havia um ente qualitativamente distinto que orientava a história e que guardara melhores dias e 2- que a vida só se tornaria possível a partir do amor cristão, melhor dizendo, da relação de amizade e de compaixão entre os homens e mulheres em essência fracos, pobres, situação na qual uns ajudariam os outros a suportar a dor da perda constante e do esforço sempre uma vez mais necessário, minorando os efeitos da fragilidade humana

em relação ao devir; trata-se da necessidade de se “viver em sociedade”.

A religião cristã seria ideal à condução do homem à alegria e ao amor, elementos fundamentais à vida ativa, melhor dizendo, a religião faria o homem experimentar sua finitude, mas ofereceria, imediatamente, a medida da eternidade, o que significa dizer que ao mesmo tempo em que a religião (através da poesia) revelava ao homem sua fragilidade no interior de um mundo que não cessaria de se autocontradizer e de se consumir, ela doava um sentido fundamental, a saber, a compreensão de que tudo o que ocorria, por mais *nonsense* que parecesse, possuía um *télos* justo. Assim, o homem passaria a existir nos limites de um horizonte que é o da própria eternidade, transformando a experiência da existência em parte constitutiva da eternidade – temos a alegria. Ao mesmo tempo, a religião não permitiria que o homem esquecesse de sua fragilidade, convencendo-o, sempre uma vez mais, da necessidade de uma vida fundada no amor, melhor dizendo, ela faria o homem compreender que a vida alegre só seria possível se o homem, justo em função de sua finitude, dividisse o peso da existência com seus companheiros de aventura, todos irmãos em pobreza e expostos a mistérios e desafios impossíveis

Magalhães afirma o amor cristão, ou seja, entende que o “egoísmo” acaba enfraquecendo a possibilidade de o homem lidar de forma adequada com a vida. Originalmente, o homem seria fraco para lidar com a dinâmica devida que fundaria a vida, assim, ele teria de unir-se aos outros, de dedicar-se aos outros antes de tudo, e construir uma sociedade no interior da qual o principal objetivo era o bem da comunidade, da “pátria”. Segundo o autor, uma comunidade amorosa seria capaz de combater e “depôr” “tiranos”, de fundar “nações” e “cidades”, de fazer “florescer” as “ciências” e “artes”.

Santa Religião, amor divino,/ Que benefícios sobre a terra espalhas!/ Quanto é misterioso o Ser que inflamas!/ De quanto ele é capaz! Vejo donzelas,/ Roboradas por ti, vencer a morte!/ Vejo feros tiranos destronados,/ Vejo nações erguidas, e cidades,/ Seus louros a teus pés heróis deporem,/ As Ciências e as Artes florescem/ Firme a Moral, as Leis, a Liberdade,/ E, a Humanidade inteira que te abraça,? E te proclama como Mãe de tudo. (Magalhães, 1999, 98-9)

1.3.

A poesia tutora da razão

Todos te adoram, sim, meu Deus, mas como?/ Este no sol te vê, na lua aquele,/ Qual um touro te crê, qual um tirano:/ E entre si disputando a preferência,/ Todos ufanos conhecer-te julgam. (Magalhães, 1999, p. 70)

A poesia aparece, no pensamento de Magalhães, como horizonte privilegiado a partir do qual seria possível experimentar a pobreza e a eternidade. Ela orientaria a razão, orientaria o homem em tempos sombrios, nos quais o pensamento se encontrava determinado pelo “egoísmo”.

Magalhães fala de uma época doente, que se teria perdido de Deus. Trata-se de um desencontro especial, porém. Os homens não teriam esquecido de Deus, pelo contrário, o viam por toda a parte, uns no “sol”, outros na “lua”, o entreviam e nele criam até sinceramente, de todo o coração, transformando-se em “touros” e “tiranos”. O problema denunciado pelo poeta não é, propriamente, o do afastamento de Deus, mas o de certa proximidade excessiva, podemos dizer. Todos se “ufanavam” de conhecer algo que, ao fim e ao cabo, não podia ser conhecido.

Magalhães denuncia um tempo sem medida, esta seria a principal característica de sua época, do período regencial. Sem medida significa, nesse caso, sem um horizonte unificador responsável pela orientação de todos. O que se testemunharia, então, era um tempo de múltiplos nortes. Uns se orientavam pelo “sol” outros pela “lua”, o que significa, cada um existia e concretizava sentidos no interior de um horizonte particular, o que resultaria, segundo o poeta, na produção de imperativos distintos e equivocados.

Esses homens que viviam de forma “egoísta” se entregavam a quaisquer imperativos capazes de garantir sua satisfação imediata, sem refletir detidamente acerca do que os orientava. Comportavam-se como “touros”, como “tiranos”, devotados a imperativos contraditórios, enfim “confusos”. Neste âmbito, a razão não seria capaz de perceber que estava sendo orientada pelos instintos, e afastada da evidência dos enunciados universais que deveriam norteá-la.

A poesia seria responsável pela revolução de uma sociedade desordenada, na qual vigorariam valores os mais diferentes e arbitrários, valores que não eram

percebidos como produções “egoístas”, e que acabavam lutando, cegamente, entre si, no sentido de assumir a condição de universalidade. Ao longo do período regencial a razão se encontrava obliterada, orientada pelas inclinações. Em verdade, faltaria aos homens e mulheres da *boa sociedade*, e especial, um horizonte moral determinado, capaz de fornecer os sentidos necessários à domesticação dos apetites e a conquista do progresso moral e material.

No céu rutula o sol, e sobre a terra/ Caem seus raios como chuva de ouro:/ Mas cada flor, um raio recebendo,/ De um esmalte diverso se colora./ Ó tu, qu'eu amo como casta virgem!/ Sim, tu és como Deus, diva Poesia!/ Sim, tu és como o sol!.. Por toda parte/ Cultos te rendem de uma zona à outra;/ (...) Qual da verdade o Anjo,/ Que tudo vê com olhos luminosos/ Tua voz semelhante a uma torrente/ Tudo abala, e consigo arrasta tudo./ Ó Poesia, ó vida da Natura! Ó suave perfume/ D'alma humana exalado!/ Ó vital harmonia do Universo!/ Tu não és um fantasma da beleza,/ Falaz sonho de mente delirante,/ E da mentira a deusa;/ Tu não habitas só da Grécia os montes,/ Nem só de Febo a luz te inspira o canto! (Magalhães, 1999, p. 70 et. seq.)

A poesia é comparada a “Deus”, ao “sol”, a um “anjo” que “tudo vê com olhos luminosos”. A poesia é como o sol, é o horizonte ideal capaz de permitir ao homem certa experiência do real – a experiência da compactação da pluralidade de sentidos que o real oferecera sempre uma vez mais -, ela possibilitaria ao homem a organização do real, a poesia – “anjo, que tudo vê com olhos luminosos (...) tudo abala, e consigo arrasta tudo”. Ser Deus, sol ou anjo que tudo vê é uma e a mesma coisa, e isto porque o que está em questão é uma revolução na forma dos homens se comportarem em meio ao real. Ao invés de passivos, repetindo sentidos e experimentando inclinações, os homens ganham, através da poesia, a possibilidade de conquistar uma postura adequada em relação ao real, evidenciando unidades de sentido capazes de oferecer a força interpretativa necessária à sua ordenação, mesmo que precária.

A poesia não é um “falaz sonho de mente delirante”, pelo contrário, ela é um âmbito ideal à experimentação da pobreza e de Deus, ou se quisermos da eternidade, bem como repositório de exemplos “luminosos”, capaz de oferecer a medida necessária à fundação de uma existência adequada. Ela aparece como uma crítica acentuada à crença de que o visto é determinado pelo real, como se não fossem necessários princípios capazes de determinar algo que, *a priori*, é pura

transformação⁴⁷. Até então, os homens estariam se comportando como “delirantes”, como defensores de idéias e costumes pouco ou nada adequadas ao real sempre devenida. Mas a crítica do poeta se agudiza, e o poeta afirma que para se conquistar a verdadeira luz, ou seja, para se fazer uma poesia capaz de determinar o real, seria necessário afastar-se de toda a “confusão” armada pelos homens e mulheres da *boa sociedade* e de instaurar modos de ser e critérios morais adequados à sua conformação problemática. Acompanhemos:

De alvo manto coberta, roçagante,/ Lá no meio da noite, quando a lua/ Só para os mortos alvejar parece,/ Como a lanterna fúnebre do claustro,/ Tu, encostada à Cruz do cemitério,/ Como o anjo da morte,/ Ao som de uma harpa suspirando exalas/ De quando em quando teus sagrados salmos./ Quando tu pausas, gemebundo o vento/ Vai também entre os lúgubres ciprestes/ Teus últimos acentos murmurando. (Magalhães, 1999, p. 72)

A poesia em seu “manto alvo”, como a lua em “meio à noite”, tem como cenário o cemitério e como platéia os mortos. Ou seja, é preciso estar morto para o mundo que vigora, para suas concepções, para que se possa compor uma poesia de acordo com as requisições mais recônditas e essenciais do real, pois conforme podemos acompanhar - “mal não fazem os mortos;/ Só entre os vivos o temor é justo” (Magalhães, 1999, p. 169 et. seq.). É preciso morrer, ou ainda, afastar-se da civilização “confusa” e equivocada cuidada pelos homens e mulheres da *boa sociedade*, e aqui podemos compreender a paixão do poeta por Bayron. A poesia e a “lanterna fúnebre do claustro” repercutem uma mesma experiência, a da dúvida, a da retração perante o mundo. Não à toa o poeta tinha o sonho, em sua juventude, de se tornar padre, desejava desde muito cedo, antes mesmo da viagem à França, afastar-se de um real que parecia em tudo claudicar.

No cemitério, o poeta conquistaria a possibilidade de experimentar radicalmente a pobreza humana, entre mortos experimentaria a frugalidade de tudo o que existe, e isto porque estaria à procura de um sentido radical capaz de justificar e de determinar uma vida árida em fundamento, que ia se transformando em tarefa ainda mais difícil em função das “confusões” provocadas pelos homens e mulheres

⁴⁷ Devo esta compreensão à leitura do prefácio à segunda edição da “Crítica da Razão Pura”, de Kant.

“egoístas”⁴⁸.

O som da poesia é “lutuoso”, é tardio, celebra a morte de uma civilização doente, “egoísta”. Ela nasce longe da *boa sociedade* e chega depois, sua função é a de orientar os homens e mulheres a concretizarem idéias e costumes até então inéditos, concernentes à vida, ou ainda, fundados na modéstia e no amor. Enfim, a poesia faz renascer, ressucita, pois “Nas cavas sepulcrais som lutuoso/ De tua voz reboa./ Dirias que animados por teu canto,/ Os mirrados cadáveres se elevam/ Do fundo dos jazigos,/ E sobre as lousas curvos,/ Cantam n’um coro o místico estribilho”. (Magalhães, 1999, p. 73)

Enfim, o poeta, afastado de uma sociedade amoral, ou ainda “egoísta”, próximo aos mortos, seria capaz de realizar as experiências da finitude e da eternidade e de compreender, por conseguinte, quais eram os imperativos que deveriam ser concretizados para que a vida árida se tornasse também alegre. Ele faria de seus cantos âmbito privilegiado àquelas experiências e capaz de orientar os homens e mulheres da *boa sociedade* a pensar e a agir de forma justa, ou ainda, a partir de sentimentos como a alegria (“riso”), a “prudência”, o “vigor”, a

⁴⁸ Magalhães escreve um poema para descrever aquilo que sentira ao visitar a sepultura de Filinto Elísio. O poeta evidencia sua sensação de finitude e, por conseguinte, a experimentação da eternidade. Enfim, o cemitério como lugar especial à assunção da pobreza e à experiência da medida do eterno, lugar no interior do qual a poesia e a própria vida se tornavam possíveis – “Eis-me fora do mundo,/ Nas solidões dos mortos,/ No império do silêncio, e da tristeza,/ De campas, e ciprestes rodeado!/ Cenas aqui não há que aprazar possam/ Aos sentidos daqueles, que embebidos/ Nas ilusões do mundo, a morte temem,/ Como o completo termo da existência;/ Cegos, que a luz não virão do infinito!/ À sombra destas árvores chorosas,/ Encostado a um sepulcro,/ Ócio não pasta o rico em sesta amena;/ Nem quem o vero bem no engano cifra/ Deste vale de angústias./ À dor esta mansão é consagrada,/ E à saudade, e às lágrimas dos vivos,/ Que a Deus, e à Eternidade a mente sobem/ Aqui, sim, ó minha alma, aqui te exalta;/ Solta as prisões do barro que te oprime,/ E vaga sem horror na imensidade./ Estas ruas de túmulos soberbos,/ Que cidade figuram,/ Só corruptos cadáveres habitam./ Poeira, nomes, e ossos desencarnados./ Os mortos que nos mármore repousam,/ Não te encham de terror; nem os gemidos/ De alguma triste esposa, ou mãe saudosa;/ Nem do vento o murmúrio,/ Que merencório soa entre os ciprestes./ Nada temas, minha alma;/ Preconceitos da infância te não gelem;/ Não; sem susto vagueia;/ Mal não fazem os mortos;/ Só entre os vivos o temor é justo (...)” (Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 169-171). Sobre a experimentação radical da finitude forçada pela presença em um cemitério, também podemos ler o seguinte trecho – “Quem, penetrando as negras catacumbas,/ Escondidas da terra nas entranhas,/ Dos mártires cristãos leitos de morte,/ Onde não entra o sol, nem entra a lua,/ E só pequena luz, na mão do guia,/ Trêmula, moribunda bruxoleia,/ Como pálida estrela, ou como um olho/ Do Gênio habitador daquelas trevas;/ Quem não se enche de horror? Quem falar pode?/ Só ver, e emudecer; a língua é fraca;/ As grandes comoções não se descrevem./ Como é tão eloquente a lisa pedra/ Que só diz: - Aqui jaz Torquato Tasso!/ Quando todos os mármore ligados,/ Inda assim receber não poderiam/ Seus versos imortais por epitáfio!/ Assim eu, receando dizer pouco,/ Não podendo pintar tanta grandeza,/ Eloquente serei nada dizendo”. (MAGALHÃES, 1999, p. 229-230)

“clemência”, o “amor” e a “constância e o “pudor”, ou ainda, a modéstia. Como podemos ler:

Ó mágico Nume,/ Que minha alma adora,/ Do céu sacro lume,/ Que abrasa e vigora/ O meu coração!/ Tu és o perfume/ E o esmalte das flores,/ Dos sóis os fulgores,/ Dos céus a harmonia,/ Do raio o clarão!/ Tú és a alegria/ De uma alma piedosa,/ E a voz lutuosa,/ A voz d’agonia,/ Que escapa do peito,/ De quem vai ao leito/ À terra baixar. Tu és dos desertos/ O som lamentoso,/ E o eco choroso/ Das vagas do mar./ Tu és inocência,/ E o riso da infância,/ Do velho a prudência,/ Do moço o vigor,/ Do herói a clemência,/ Do amor a constância,/ Da bela o pudor. (Magalhães, 1999, p. 74-5)

1.3.1.

O vate entre a genialidade e a infâmia

Por que cantas, ó Vate? Por que cantas?/ Qual é a tua missão? O que és tu mesmo?/ Para ti nada é morto, nada é mudo?/ Co’o sol, e o céu, e a terra, e a noite falas./ Tudo te escuta; e para responder-te,/ Do passado o cadáver se remove,/ E do túmulo seu a fronte eleva;/ O presente te atende; e no futuro/ Eternos vão soar os teus acentos! (Magalhães, 1999, p. 61)

O vate canta, pois tem uma missão, é o que julga Magalhães. Trata-se, então, de compreender a missão do vate, e, a um só tempo, o seu método. Sobre o método, o trecho acima é eloquente, ele assinala uma espécie de cuidado constante necessário ao poeta. O vate tem de colocar-se numa postura de atenção, pois deve experimentar cada situação, “nada é morto, nada é mudo”. O vate deve auscultar a natureza, buscando compreender seus sinais, ele fala “Co’o sol, e o céu, e a terra, e a noite”. O poeta também inquire o passado, buscando integrá-lo no presente em nome do futuro. A natureza e o passado se apresentam, assim, como os dois principais interlocutores do vate. Mas qual seria o sentido deste cuidado com a natureza?

Umás vezes soberbo, impetuoso,/ Qual a águia que sublime o céu devassa,/ E do céu sobre a terra os olhos desce/ Teu ígneo, alado gênio, no ar suspenso:/ Não, ó mortais, não vos pertenco, (exclama)/ Eu sou órgão de um Deus; um Deus me inspira;/ Seu intérprete sou; ó terra! Ouvi-me. (Magalhães, 1999, p. 62)

Outras vezes, nas selvas meditando,/ Sobre um tronco assentado, junto ao rio,/ Que embalança da lua a argêntea cópia;/ Como entre as folhas sussurrante vento/ Gemer parece, e de algum mal carpir-se,/ Tu gemes, e co’o verme te comparas,/ Que arrasta pelo chão a inútil vida;/ E vês nas águas, que a teus pés deslizam,/ a imagem de teus dias fugitivos. (Magalhães, 1999, p. 63)

Percebemos dois momentos no trecho acima, no primeiro o poeta aparece como uma espécie de representante divino na terra, como parte especialíssima da natureza, no segundo momento dá-se algo como uma consciência, que se compreende como um elemento da natureza, todavia, um ente em tudo frágil. Aqui aparece o valor da natureza para os primeiros Românticos, qual seja uma espécie de aceno que aponta para a finitude dos homens em geral, inclusive do vate. Investigando a natureza, reconstituindo as suas relações, o vate acolhe a compreensão de que mesmo ele pode sucumbir ao infortúnio que a vida seria, tornando-se “egoísta”, por exemplo.

No primeiro trecho, o poeta é apresentado como “soberbo” e “impetuoso”, um ente perfeito dotado de “asas”, capaz de vôos “sublimes”, como a “águia”. O poeta não estaria submetido, sequer, à força da gravidade, pois está “no ar suspenso”. E isto porque é a criatura mais bem acabada entre todas as outras que compõem a natureza. É extensão de Deus, por ele inspirado, seu “intérprete”, aquele que tudo vê e que, para o bem da humanidade, precisa ser “ouvido”. Enfim, o poeta seria um ente especial entre os outros, bem como superior aos homens em geral. É “mágico”, o que significa “genial”, é capaz de criar sentidos capazes de animar os homens e de provocar o progresso moral e material de sua “pátria”. A ele é confiado o poder de orientar os homens, bem como de julgá-los, em verdade, um “déspota” que salva e que condena com soberania, senão vejamos:

Do mágico poder depositário,/ Qual um gênio entre os homens te apresentas./ Ante ti não há rei, nem há vassalo./ Tu nos homens só vês virtude, ou vício./ Como um déspota, ufano em teus delírios,/ Uns cercas de imortal auréola tua./ Outros condenas ao opróbrio, e à morte. (Magalhães, 1999, p. 62)

O segundo trecho destacado mais acima descreve o poeta como frágil se comparado a outros entes da natureza, como o “rio”, a “selva”, a “lua” e o “verme”. O vate se sente cuidadoso em meio à selva, e isso não porque deseja conhecer exatamente isso que é a natureza, estabelecendo em relação a ela uma atitude puramente objetiva. Olhando para a natureza o vate não pretende produzir um conhecimento geométrico, autônomo e capaz de providenciar sua domesticação. O vate não tem interesse em evidenciar a totalidade conformativa que a natureza constitui, e por fim, antecipar-se a ela, corrigindo-a, mas pretende compreender a

existência humana através da natureza, ou ainda, pretende entrever a sua própria determinação. A natureza aparece, assim, como um espaço privilegiado através do qual o vate compreende sua pobreza, “gênio” e “verme”, a um só tempo.

Através da observação atenta dos demais entes que compõem a natureza, o vate modula a percepção de si mesmo, um “gênio” que revela os mistérios fundamentais do universo, bem como um ente fraco e exposto a derrotas e à corrupção. Em verdade, o que está em jogo aqui é a compreensão, através da observação e da experimentação da natureza, de que o vate é, junto aos homens em geral, originariamente exposto ao erro. E continua:

Canta, ó Vate! Sagrados são teus cantos!/ Canta, que o céu te inspira, o céu te inflama;/ Canta, que apesar seu, te escuta o mundo,/ E o vício de te ouvir treme de medo./ Não, não és um mortal quando tu cantas;/ És o arcanjo da justiça eterna!/ Lâmina acesa, fulminante empunhas,/ Com que prostras por terra a fronte ao crime,/ Com outra mão elevas o homem justo (...)/ Ah, não profanes o teu gênio, ó Vate! (...)/ As riquezas que a terra o avaro oferece,/ Mais valor para ti que o céu não tenham; (...)/ No dia em que da lira sons forçados/ Venderes ao tirano em troco de ouro,/ Nesse dia o céu deixa de inspirar-te:/ Quebra essa lira, e cessa de ser Vate (...)/ Opróbrio ao Vate que profana a lira!/ Opróbrio, infâmia a quem insulta o Vate. (Magalhães, 1999, p. 65)

Segundo Magalhães, para que a civilização da *boa sociedade* se concretizasse, os poetas precisavam compreender que, apesar de sua proximidade em relação a Deus, sua natureza era, em origem, corrompida, e que eles deveriam se resguardar de seus instintos e apetites e do mundo “egoísta” no interior do qual se encontravam. E segue alertando e clamando: “Ah, não profanes o teu gênio, ó Vate!/ O incenso só no altar queimar-se deve!/ Em lago impuro não se banha o cisne,/ Que manchar teme a cândida plumagem./ Imita o cisne; e como sempre as flamas/ Sobem ao céu, ao céu teus hinos subam”. (Magalhães, 1999, p. 66)

Magalhães reconhecia a dificuldade desta tarefa, e isto porque os poetas, como todos os homens, ou ainda mais em função de sua percepção privilegiada do que a vida é em fundamento, estavam expostos às inclinações e aos valores liberados por uma sociedade “egoísta”. Os poetas “brasileiros”, objeto privilegiado de Magalhães e de seus companheiros, viviam no interior de uma sociedade tomada pelos “vícios”, pelo “egoísmo”, pelo “despotismo”, cabendo a todos atenção permanente para com o lugar a partir do qual produziam seus cantos. Deviam insistir

em desconfiar de si mesmos e da sociedade na qual viviam, e ir buscar junto à natureza as experiências e compreensões necessárias à determinação de sentidos adequados à vida. O que Magalhães e seus amigos percebiam era que os poetas “brasileiros” perdiam-se em meio à *boa sociedade* e faziam dela horizonte doador de sentidos para seus cantos, ou melhor, existiam e faziam poesia a partir da observância da significância que seu mundo “egoísta” disponibilizava.

Ao “verdadeiro” poeta caberia o reconhecimento de que aquele que “profana(sse) a lira”, ou melhor, que repercutisse os valores da *boa sociedade*, cometeria “infâmia”. Entretanto, não se tratava de uma identificação simples, pois aqueles mesmos que, num determinado momento, evidenciavam a pobreza humana e ofereciam a possibilidade de experimentação da eternidade aos homens em geral, encontravam-se expostos às idéias e aos costumes doados pelo mundo corrompido no qual viviam. Magalhães seguia desconfiado, ou melhor, entre pessimismo e esperança, e isto porque os poetas, entes especiais e fundamentais à civilização do Império, encontravam-se expostos e descuidados e iam concretizando sentidos fundados a partir do modo de ser do “egoísmo”.

1.4.

A viagem à França e as saudades

Magalhães parte rumo à França, no ano de 1833, viagem decisiva para a fundação de um projeto que visava a reencantar o mundo e produzir, ao fim e ao cabo, uma sociedade cristã, fundada na modéstia e no amor à pátria. Em verdade, nos anos imediatamente anteriores a sua partida, Magalhães encontrava-se profundamente pessimista em relação à possibilidade de os homens em geral insistirem na vida e de conquistar alegria e realizações significativas, não à toa consultou Monte Alverne sobre a possibilidade de se retirar do mundo, enclausurando-se. É, no entanto, no momento mesmo em que se afasta do que considera ser sua “pátria”, no próprio movimento de exílio, que sente a necessidade de continuar vivendo, que experimenta e produz alegrias passadas e, então, guarda certa distância dos poetas ingleses e passa a pensar o mundo como passível de ser usado para a alegria. Somente aí nasce seu projeto de intervenção e de transformação sociais, ou melhor, aí nasce a própria tensão entre pessimismo e desconfiança, por um lado, e otimismo e esperança, por outro. Após o exílio, Magalhães abandona seu pessimismo radical e passa a ser, a um só tempo, pessimista e esperançoso. Acompanhem as lembranças produzidas pelo poeta em relação a sua partida rumo à França, e isto já a caminho, já iniciado seu exílio.

Adeus, ó Pátria amada,/ Terra saudosa, onde eu abri meus olhos/ Pela vez prima ao sol americano;/ Onde nos braços maternos suspenso,/ O teu amor co'a vida/ No albor dos anos meus fruí gostoso./ Ó margens do Janeiro,/ Eu me ausento de vós com mágoa e pranto!/ Adeus, brilhante céu da terra minha!/ Adeus, ó serras que vinguei difícil!/ Adeus, sombras várzeas,/ Que vezes passei meditando./ Adeus, augustas torres/ Do templo, onde lavei-me do pecado!/ O som funéreo dos sagrados bronzes/ Ainda vem magoar os meus ouvidos,/ E n'alma despertar-me/ Tristíssimas, cruéis reminiscências./ Eis ali a montanha/ Cujos pés beija o mar que em flor se esbarra./ Quantas vezes ali triste, sentado,/ Minha alma no infinito se espraiava,/ Os olhos vagueando/ Sobre este mar, que deve hoje levar-me! (Magalhães, 1999, p. 353-354)

É em meio à “mágoa e pranto” que o poeta se despede do Rio de Janeiro. No caminho experimentar/produzir, novamente, lugares e companhias que até então se encontravam obscurecidos pela dinâmica da cotidianidade. Magalhães, em agonia e prostração mediante a vida em sua dinâmica transformadora, tornara-se insensível em relação a tudo aquilo que o permitia sustentar a própria existência, e isto porque era

só tristeza. Na perda, porém, conquista intimidade, a partir da distância experimenta/produz seu passado.

O tom de seus versos muda, não é mais o do pessimismo e da tristeza radicais. Agora, passa a testemunhar sua alegria, fala de sua “pátria”, espaço no interior do qual “abriu seus olhos”, ganhou a vida. E, aqui, o momento original de diferenciação, a saber, o “abrir os olhos”, o que significa tomar parte da vida, aparece como possibilidade de experimentar alegria. O nascimento, que é o movimento do não-ser ao ser, é relatado pelo poeta como possibilidade de experimentação de momentos agradáveis, e, por conseguinte, agradece a sua “pátria”, que por “amor co’a vida” protegeu-o em “braços maternos suspensos”, os braços de sua mãe, e permitiu que ele pudesse, “no albor dos anos”, “fruir gostoso”, conquistar momentos alegres.

A partida em direção à Europa arranca a ele um conjunto de lembranças que, até então, encontrava-se obliterado no interior de uma vida solitária dedicada ao sofrimento, à dor causada por certa compreensão do que a existência seria em essência – dor e esforço sem sentido. Sua mãe, seu “sol”, suas “serras” e “várzeas”, suas “torres do templo”, “montanhas” e seu “mar”, aparecem na medida mesmo em que são arrancados ao poeta pelo distanciamento e pela saudade. Magalhães lembra do que fora fundamental, de seus passeios pelas “serras” e “montanhas”, passeios nos quais meditara e encontrara companhia necessária à aplacação de “tristeza” pontiaguda. Nos “Templos” experimentara, uma vez mais, os cultos de Monte Alverne, cultos a partir dos quais era lançado à intuição de Deus, do eterno, e, assim conquistava novos ares para viver uma vida que considerava “terrível”⁴⁹. “Reminiscências tristíssimas” porque o faziam sentir mais forte a distância, o exílio, mas que, a um só tempo, permitiam ao poeta compreender a alegria que poderia nascer da própria vida, nascer de cada bom encontro, de cada passeio ou missa, de cada olhar “sobre o mar” no qual sua “alma no infinito se espalhava”. Em sua

⁴⁹ Sobre a importância de Monte Alverne para Magalhães podemos ler a poesia intitulada “Ao meu mestre e amigo” – “Eis-me em Roma! Da Pátria tão distante! Inda de vós conservo tal lembrança/ Que às vezes se me antolha a imagem vossa/ A ela me dirijo, falo, escuto/ E cuido que ela me ouve, e me responde/ Como de um tão bom mestre, tão amigo/ Poderá o discípulo esquecer-se?/ Quantas vezes aqui, nos sacros templos/ Ouço santas palavras destes padres/ Cuido ver-vos no púlpito elevado/ Mas desconheço as vozes, e nem sinto/ Bater-me o coração dilacerado/ Da grave dor cristã; nem em transportes/ Subir minha alma ao céu como um eflúvio/ Da flor erguido; então saudoso exclamo/ Quem me dera inda ouvir o grande Alverne!/. (MAGALHÃES, 1999, p. 227-228)

despedida experimentava, novamente, dores radicais, bem como entrevia a importância de alguns elementos para a insistência na existência. Sua “pátria”, o que significa, aqui, sua mãe, montanhas e várzeas, templos e mares, ganhava evidência na medida mesmo em que fazia aparecer momentos no interior dos quais o poeta renascia e conquistava a alegria necessária à insistência na vida, agora mesmo à distância. Aqui e ali sofria, entretanto, experimentava, a um só tempo, a eternidade, o “infinito”, e reencantava, mesmo que por tempo determinado, sua existência. Tocava sua vida entre esperança e pessimismo.

Provocado pela memória, o poeta descobria e produzia carinho pela sua “pátria”, por gratidão e amor aos seus pais e amigos, à sua natureza e à sua cidade, se punha numa postura ativa, de enfrentamento, anunciando que sua “pátria” estaria repleta de “traidores”, “raça espúria” que precisava ser civilizada ou mesmo destruída em nome do bem comum. Passara a lutar, em verdade, pela conservação do âmbito pelo qual nutria gratidão e, também, no interior do qual poderia experimentar, uma vez mais, junto aos seus “compatriotas”, a alegria fundamental à suportação e à insistência adequada na vida.

Sim, eu te deixo,   Pátria;/ E deixo-te lutando co’as procelas,/ Que no teu horizonte se abalroam./ Ah! quanta dor o cora o me punge,/ Por ver alguns teus filhos,/ Baldos de pundonor, como te olvidam./ Teus filhos... Ah! cubramos,/ Se algum há, com desprezo o seu opróbrio./ Feras serpentes que entre mansas aves/ Se aqueceram nos ovos, e mal nascem/ Dilaceram os filhos,/ E as próprias aves que lhes deram a vida./ Mal volos sic rios,/ Raça espúria, sem pátria, ermos de brio,/ Já traidores alfanges afiando,/ O ensejo s  aguardam favorável/ De ensop -los no sangue/ Daqueles a quem bens e honra devem./ N    pavor, nem susto/ De aos p s calcado ser de intrusos Neros,/ Nem de rojo levado ao cadaf lso,/ Que hoje arrancar-me de teu grêmio pode;/ Nem a ambi o me acena/ Qu’eu v  mercadejar por longes terras./ N , eu não temo a morte,/ Nem dos tiranos temo a catadura;/ Sei firme assoberbar adversos fados;/ Que o varão, que o dever toma por norte,/ Sempre a pátria antolhando,/ Morte honrosa prefere à vida escrava. (Magalhães, 1999, p. 355-356)

Segundo Magalhães, sua “pátria” estava infestada de inimigos “malévolos”, de “sic rios”, ou seja, assassinos de aluguel, dispostos a cometer toda sorte de crimes. Aqui encontramos a denúncia recorrente do poeta, a saber, o Império do Brasil estava repleto de homens “maus”, o que significa, neste contexto, homens que não cuidam do bem comum, a não ser de interesses “egoístas”. “Traidores”, incapazes de guardar admira o e respeito por aqueles “a quem bens e honra devem”. Em verdade, não

cultivavam nenhum valor em especial, e estavam preocupados com a realização de seus desejos arbitrários mais imediatos. O Império encontrava-se povoado por “tiranos”, a quem declarava guerra – “que o varão, que o dever toma por norte,/ Sempre a pátria antolhando,/ Morte honrosa prefere à vida escrava”.

O poeta anotava que a sua “pátria” corria risco significativo, e isto porque possuía inimigos ferozes, impervisíveis e “ambiciosos” que não possuíam convicção alguma, “intrusos Neros” capazes de destruir a todos, não importara o partido, inclusive a si mesmos. Magalhães dedica, então, a sua vida à “pátria”, e isto porque compreende que sua própria existência, bem como a de seus amigos, irmãos e pais, seus “compatriotas” em geral, dependia da conservação desse âmbito no interior do qual se tornava possível a suportação e o reencantamento da vida; espaço ideal à conquista do ânimo necessário ao próprio enfrentamento e civilização dos homens e mulheres “egoístas” que “atraíam” a sua “pátria”.

Amor da sapiência,/ Desejo de colher lições do mundo/ Me leva às margens do soberbo Sena,/ Para, se me não for avessa a sorte,/ Ante o altar da Pátria/ Meus serviços prestar vir respeitoso./ A ti me voto inteiro,/ Tu és o meu amor, minha alma é tua./ Só para te ofertar flores cultivo/ Nos mágicos jardins da Poesia;/ Se te apraz teu aroma,/ Ah! como fico de prazer ufano! (Magalhães, 1999, p. 356-357)

Magalhães quer se lançar ao mundo – “desejo de colher lições do mundo/ me leva às margens do soberbo Sena”. E isto, com o intuito de colher lições razoáveis, lições capazes de oferecer a possibilidade de voltar a sua “pátria” e lutar contra os homens “maus”, “egoístas”, que insistiam em provocar sua decadência⁵⁰. O poeta encontra na “pátria” uma razão para viver, ou ainda melhor, o motivo de sua poesia, e isto, como já mencionamos, porque nela encontrou, através da saudade, a alegria necessária ao reencantamento do mundo. Sua “pátria” passa a ser seu “amor”, o que significa dizer que ela é as asas que o permitem experimentar estímulo radical, a ela Magalhães dedica sua poesia. Todavia o tom pessimista, que também chamamos de desconfinça, fazia-se mais uma vez, e a um só tempo, presente, mostrando, em verdade, seu aspecto de horizonte doador de sentido para toda e qualquer reflexão e

⁵⁰ Um poeta melancólico como Borges de Barros, escreve, antes de Magalhães, uma espécie de justificativa acerca da necessidade de ir à Europa, em relação à qual as palavras de Magalhães em muito se assemelham – “De luzes sua pátria carecia,/ Ir procurá-las seu dever lhe ordena,/ E julgando que a pátria assim servia,/ Pouco lhe parecerem riscos, pena”. (Apud CANDIDO, 1964, p. 295)

ação, e isto porque, mesmo em meio a um gesto impetuoso, em meio a uma declaração de amor à pátria, na qual o poeta evidencia seu desejo de lutar por ela até a morte, Magalhães, em tudo desconfiado, roga pela intervenção divina.

Ah! praza a Deus que a nuvem,/ Que obumbra ora teu céu, tão belo sempre,/ A cólera do Eterno não desabe/ Sobre as tristes cabeças de teus filhos!/ Ah! praza a Deus que nunca/ Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!/ Ó Senhor, tu protejes/ O povo que se vota à Liberdade;/ A Liberdade é dom que nem tu mesmo/ Aos homens tiras; como um mortal ousa,/ Erguido pó da terra,/ Eclipsar os teus dons, manchar teu nome? (Magalhães, 1999, p. 357)

Não eram poucos os homens “maus” e “egoístas”, que, segundo Magalhães, impossibilitavam o reencantamento do mundo e a fundação de uma sociedade apta a perseverar e a progredir no interior de uma vida terrível, uma sociedade alegre orientada por modéstia e por amor, ao contrário, aliás, o “céu” da “pátria” encontrava-se nebuloso, incapaz de aparecer em todo seu resplendor e de orientar o homem a assumir sua finitude e experimentar, por conseguinte, a medida da eternidade, o “céu” da “pátria” encontrava-se “obumbrado”, coberto de sombras. E Magalhães assinalava a necessidade de se lutar, de colocar-se num movimento de conquista do que deveria ser, e isto sob a pena de tornar-se vítima de uma corruptela qualquer de “Nero”, ou melhor, ser vítima da ruína completa, do desaparecimento de todos, sem exceção. Nada garantia, ao fim, que a proteção da “pátria” fosse possível, por isto o poeta roga a Deus e pede que— “A cólera do Eterno não desabe/ Sobre as tristes cabeças de teus filhos!/ Ah! praza a Deus que nunca/ Teu Anjo tutelar fuja a teus lares!”.

O que sublinhamos é a permanência do pessimismo em Magalhães, uma disposição afetiva que também acompanha cada linha dos seus escritos, inclusive nos momentos radicalmente marcados pela anunciação de certa alegria e esperança na civilização de sua “pátria”. Aqui falamos de dada tensão explicada pela quebra na convicção de que o mundo caminharia, necessariamente, em direção ao progresso, a despeito do homem. Magalhães e seus companheiros se movimentam no sentido de produzir condições de possibilidade para a conquista do progresso moral e material de sua “pátria”, no entanto, mesmo esperançosos permanecem desconfiados e pessimistas.

Em cada proposta positiva em favor do progresso da “pátria” permanecia o sentimento de desconfiança acerca da possibilidade de êxito, desconfiança que transformava, boa parte dos escritos do poeta, em ladainha – “Ó Senhor, tu protejes/ O povo que se vota à Liberdade”. Oração que possui duas características que só podem ser bem compreendidas se as lemos a partir da chave do pessimismo como sendo um de seus horizontes doadores de sentido. A primeira característica é o tom desafiador da prosa do poeta, próprio à retórica barroca, à retórica de um Vieira, por exemplo⁵¹. Magalhães, não pela primeira vez, desafia a Deus, afirmando algo que nem a perfeição seria capaz de negar ao homem, aqui a liberdade – “A Liberdade é dom que nem tu mesmo/ Aos homens tiras (...)”, e isto justo porque ainda apostava na possibilidade de civilizar o Império, uma aposta que temia, no entanto, que os homens e mulheres da *boa sociedade* tivessem perdido a “liberdade”, ou ainda, a autonomia da razão e da vontade necessária à superação das inclinações, e isto em nome do bem comum.

A segunda característica, anunciada na mesma passagem, é a de que Magalhães está evidenciando a tarefa humana de constituir uma vida estável, uma tarefa que exigiria ao homem esforço significativo, pois, se caso falha-se, o próprio Império decairia. Como acompanhamos páginas atrás, quando o poeta comentava sobre a importância do cristianismo, a responsabilidade pela existência do homem recaía nos ombros do próprio homem, e isto porque Deus sempre havia feito sua parte. Enfim, se Magalhães afirma que o mundo é uma responsabilidade dos homens, porque Deus já fizera e continuava realizando sua parte “dia e noite”, o faz porque acredita na possibilidade do homem cumprir a parte que lhe cabe na conquista do

⁵¹ Acompanhemos o tom de desafio que funda a oração de Vieira: “Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa e eu vieira a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome – *Propter nomen tuum* – razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este pressuposto vos hei de argüir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambei vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós e a acusar as dilatações de vossa justiça, ou as desatenções de vossa misericórdia: *Quare abdormis? quare ablivisceris?* Não será esta vez a primeira em que sofrestes semelhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda que também vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me há de dar vossa mesma graça as razões com que vos hei de argüir, a eficácia com que vos hei de apertar e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da

progresso da humanidade e, a um só tempo, porque nutre uma desconfiança radical em relação ao êxito dessa tarefa. Magalhães segue, em verdade, em sua postura tensionada entre o pessimismo e a desconfiança, por um lado, e o otimismo e a esperança na possibilidade do progresso moral e material do Império do Brasil, por outro.

Cara Pátria, sem susto/ Tua fonte levanta majestosa,/ Como tuas montanhas, e teus bosques!/ Não sejas só no mundo conhecida/ Por teus ricos tesouros,/ Pelos prodígios da sem par Natura./ Ó Pátria, avante marcha;/ Já em teu seio encerras Varões dignos/ De renome imortal; não te envergonhes/ De cingir-lhe as fronte, de apontá-los./ São eles que te escoram,/ E que te hão de elevar à Eternidade. (Magalhães, 1999, p. 358)

Magalhães faz ver que não deseja que o Império do Brasil seja reconhecido apenas em função de seus “ricos tesouros” e de sua natureza. Esta natureza não garante, por si mesma, a construção de uma “pátria” ordenada e capaz de progresso moral e material. Aos homens e mulheres da *boa sociedade* seria necessário um movimento no sentido de aproximar-se da natureza, de auscultá-la e de permitir, por fim, que ela os orientasse no sentido de reconhecer sua finitude e de experimentar a medida oferecida pela eternidade, cabendo a eles, ainda, as tarefas de concretizar os imperativos morais universais, em especial o amor, e de produzir, junto à natureza, as riquezas necessárias ao progresso moral e material. E continua:

As solitárias ondas/ Que hoje sonoras tuas praias beijam,/ Já outrora, não pedras, não espuma,/ Mas cadáv’res, e sangue arremessaram,/ Cadáveres, e sangue/ Dos nascidos nos teus sagrados bosques./ Se inimigos ousarem,/ Armados contra ti, em frágeis lenhos,/ Expelir o trovão, o raio, e a morte,/ Abrir-se-ão estes mares a sorvê-los;/ Seus lívidos cadáveres/ Tuas areias juncarão de novo. (Magalhães, 1999, p. 358- 359)

Esperançoso, Magalhães sublinha uma espécie de co-existência, de um lado estariam os poucos homens que compreenderiam os caminhos adequados que deveriam ser trilhados, os “Varões dignos”, que à sua época a “pátria” “já encerrava”, do outro lado os homens “maus”, “egoístas”. Aqui reaparece algo como uma confiança no presente e no futuro, um presente que traria, além dos homens capazes de realizar a revolução moral pretendida, uma espécie de calma - “solitárias ondas

causa, suprirão os da Virgem Santíssima, em cuja ajuda principalmente confio”. (VIEIRA, 1960, p. 20-1)

que hoje sonoras tuas praias beijam”, e isto ao contrário das ondas do passado, que faziam aparecer os “cadáveres” e o “sangue” dos “brasileiros”, os “nascidos nos sagrados bosques”. Aqui, Magalhães se remete ao passado, à época colonial, evidenciando-o como um momento no qual imperava o “egoísmo” e a “maldade”. O presente, diferentemente do passado, já se apresentava como um âmbito propício às transformações necessárias ao progresso do Império do Brasil. E o poeta dá mais um passo no sentido de sublinhar uma postura otimista e esperançosa, a saber, vaticina a queda necessária dos inimigos da “pátria”, pois caso ousem “armados contra ti (contra a “pátria”), em frágeis lenhos,/ expelir o trovão, o raio, e a morte,/ abrir-se-ão estes mares a sorvê-los;/ seus lívidos cadáveres/ tuas areias juncarão de novo”. (Grifo nosso)

Acompanhamos um Magalhães esperançoso, talvez em seu momento mais confiante, pois se antes havia destacado a necessidade de o homem saber concretizar a natureza, transformando-se em sintonia com ela, agora parece crer numa atividade autônoma da natureza, que, de alguma forma, protegeria, necessariamente, àqueles que se colocassem no justo caminho. Se Magalhães revela a necessidade de o homem colocar-se numa postura transformadora do real, o que o faz correr riscos significativos, inclusive o risco de perder a vida, pois o próprio autor revela que está disposto a morrer pela “pátria” – “não, eu não temo a morte,/ nem dos tiranos eu temo a catadura (...)”, evidencia, a um só tempo, poucas linhas depois, algo como uma força interna e autônoma à própria natureza, que tenderia a um fim, a saber, a destruição dos inimigos da “pátria”.

No entanto, se bem compreendida, a esperança do poeta numa espécie de assunção necessária do progresso de sua “pátria” aparece menos como uma convicção do que como uma desejo, e isto porque, também pessimista e desconfiado, Magalhães espera que seja assim, espera que a natureza, na hora de maior aflição, possa destruir seus inimigos. Termina o poema, que tem como tema fundamental sua despedida da “pátria”, com uma espécie de oração, com uma nova ladainha fundada em desejo e temor, e isto porque não pode assegurar o triunfo de sua “pátria”. Ao fim, parece satisfeito em se assegurar da possibilidade de retornar à sua “pátria”, mesmo que por algum tempo apenas, para experimentar, uma vez ainda, o amor de seus pais, a visão

de seu mar, de suas montanhas e de sua igreja, a voz de seu padre Monte Alverne. Em meio à possibilidade de tantas batalhas e da derrota fatal, aparece a esperança-ladainha de ao menos voltar e de apenas vivenciar tudo ainda uma vez mais.

Como serei ditoso/ Se dado ainda me for correr teus campos,/ Beijar de anosos pais as mãos rugosas,/ Abraçar os amigos, e arroubado/ Nesse celeste instante/ Novos, ó Pátria, cânticos tecer-te. (Magalhães, 1999, p. 360)

1.4.1. O amor pela pátria

Magalhães já havia sido tomado pela saudade e, a partir dela, sua vida ganhara novo horizonte. Desde então, o existir recebia sentido, um sentido orientado pela defesa daquilo mesmo que possibilitaria a ele e aos outros homens resistir às “agruras” do mundo e experimentar a medida do eterno, a saber, a “pátria” - os pais, as montanhas e mares, a igreja etc. Os *Suspiros*, escritos desde a partida de Magalhães para a Europa, são constituídos no interior de uma experiência de estranhamento radical que devemos acompanhar mais detidamente, experiência capaz de reencantar a vida, fazendo a existência aparecer como algo válido, algo capaz de oferecer alegria. Após idas e vindas, Magalhães conquista, através do exílio, da saudade da “pátria”, uma alegria substancial, que vai dividir espaço com o seu pessimismo, realizando um verdadeiro *tour de force*. Acompanhemos:

Desaparece o sol, o céu negreja,/ O rígido aquilão em fúrias brama,/ E em cada vaga a morte armada se ergue./ Hei de eu morrer, ó Pátria,/ Sem que um suspiro teu sequer mereça?/ Sem que minha existência útil te fosse?/ E este mar cavará o meu sepulcro?/ Meu corpo rolará entregue às ondas,/ Té que os marinhos tigres o devorem?/ Não terei uma campa, um epitáfio,/ Onde no dia aos mortos consagrado/ As lágrimas de amigo se deslizem? (Magalhães, 1999, p. 367)

O poeta relata sua experiência na travessia do Atlântico, num dia sem sol de céu cinzento. O mar “brama”, o que significa dizer que as ondas se movimentam violentamente, em “fúria”, e o poeta revela o quanto está preocupado com um possível desastre, com o desastre e com uma morte terrível, aí Magalhães começa a se afastar de seu arranjo com a morte. Magalhães descreve, com riqueza de detalhes, o medo que o assoma. Seu corpo “rolaria entregue as ondas”, até que fosse “devorado”

pelos “marinhos tigrés”, os tubarões. Não teria direito, sequer, a um enterro digno, o que significa em sua “pátria”, não teria direito à visita de seus “amigos” e familiares. Mas algo mais se coloca através do texto de Magalhães, continuemos.

A tempestade que enfrenta o faz temer a morte e querer a vida, entretanto, não se trata de qualquer vida. Aqui recorremos novamente ao poema transcrito acima, e percebemos que, se por um lado o poeta descreve o medo que possui da morte, e isto junto ao seu desejo de continuar vivo, não o faz a partir de uma preocupação exclusiva consigo mesmo, todo o contrário, aliás. A preocupação que possui para consigo mesmo aparece como desdobramento do amor que contraíra desde sua partida para com o que chamara de “pátria”. Gostaria de continuar vivendo para retornar à sua “pátria” e para “lutar” por ela, diz – “hei de morrer, ó Pátria,/ sem que um suspiro teu sequer mereça”. Quer viver pela “pátria” mesmo que sem glórias, pois é isto que classifica como sendo uma existência significativa, “útil”.

Eu estava tranqüilo.../ Como um brando regato serpenteia/ Entre florida, perfumada relva,/ Ou como a lua plácida fulgura/ Na abóbada celeste,/ Reclamada de nítidas estrelas,/ Assim os dias meus se devolviam/ Em suaves vigílias, brandos sonos./ Tinha um pai, uma mãe, irmãos, amigos;/ De baixo de meus passos se movia,/ Sem qu’eu sentisse, a terra;/ Ora de humana voz ternas cadências/ As passageiras mágoas me adoçavam;/ Ora coberto com dósseis de folhas,/ Que em chuveiros de flores me cobriam,/ Terno cantava ao som da flauta agreste/ Que o sabiá simula./ Se no cume da serra a tempestade/ Caliginosos braços estendia;/ Se nas torres dos templos se esbarravam/ Lampejantes coriscos;/ Na paterna mansão, ermo de susto,/ Escutava o trovão, e o hino excelso/ Que entoavam meus pais venerabundos./ Oh! Com que rapidez tudo se muda!/ O homem nem prevê próximos males! (Magalhães, 1999, p. 368-369)

Aqui, Magalhães descreve/ressignifica seu passado, e isto a partir de sua experiência do exílio. Ele descreve seus infortúnios e, ao mesmo tempo, os sentidos essenciais à superação de tais momentos, sentidos oferecidos pela sua “pátria”. Ele anota que vivera, ao fim e ao cabo, uma vida “tranqüila”, e isto não porque era idílica, livre de quaisquer problemas, pelo contrário, sua existência era marcada por “mágoas”, por “tempestades” e “trovões”, reconhece. Todavia, sublinha, também, que algumas pessoas e espaços, mesmo que até então não percebidos, ofereceram a ele a própria possibilidade de superação e de conquista de momentos alegres.

Já na Europa, sua existência seguia sendo assaltada, insistentemente, pela dor e pela “mágoa”, mas algo permitia sua reabilitação, conservava seu ânimo. Sua

“pátria”, a um só tempo lembrada e produzida, fornecia a possibilidade da alegria e o desejo de insistir. Lembrara de seus pais, que o apresentaram à religião católica através de orações que lhe ensinaram a venerar a Deus, seus pais que “venerabundos”, “entoavam hino excelso”. Revivia, também, a companhia de seus “irmãos” e “amigos”, presenças que o auxiliavam no sentido de sustentar as agruras que vivia na Europa, bem como recordava a natureza, as “relvas” “floridas” e “perfumadas”, o “céu” e as “estrelas”, o canto do “sabiá”, a cidade e os “templos” nos quais o poeta teria encontrado suporte necessário ao reencantamento da vida, mesmo à distância, ou melhor, porque à distância. E relata, com detalhes, a experiência da tempestade terrível que enfrentara em alto-mar a caminho da França.

(...) Sem que sequer um só prazer desfrute,/ Tudo é horror, e um vasto cemitério./ De cada lado gigantes vagas,/ Irritadas elevam-se, curvando/ Sobre o navio que sem tino vaga./ Negras nuvens do sol a face enlutam;/ Soltos trovões se embatem, troam, bramam;/ Rijo sibila o vento nas enxárcias;/ Ante a proa em montanhas espumosas/ Se pulveriza o mar, roncando horrísono;/ Gemendo as vergas beijam/ A onda que se empola, ou já se afunda,/ Quais débeis canas que o tufão acurva./ Que horror, ó céus! Que sorte nos aguarda. (Magalhães, 1999, p. 369)

No “Oceano”, distante da “pátria”, tudo é “cemitério”, “horror”, morte, ou seja, a possibilidade de ser arrancado à alegria provocada pela companhia dos parentes e amigos. No “Oceano”, bem como na “pátria”, há “tempestades” e “trovões”, entretanto apenas na “pátria” o poeta encontrava “braços estendidos”. Magalhães continua descrevendo o naufrágio que ia vitimando-o, bem como sua reação de temor e desespero e, por conseguinte, a conquista, de súbito, de seu amor pela existência desde a “pátria”.

Procuo embalde, cintilar não vejo/ Santelmo de esperança;/ Só vejo a morte abrir a foz medonha/ Em cada vaga, que engolir promete/ O lenho, surdo à voz do palinuro./ As velas ferram desmaiados nautas,/ Rouqueja o capitão, soa a buzina,/ Mulheres tremem, criancinhas choram,/ E sobre a bomba passageiros curvos/ Arquejando se afanam./ (...) Ó meu Deus! Ó meu Deus, teus olhos volve/ Sobre os filhos dos homens./ É verdade, Senhor, eles ingratos/ No tempo da bonança se esqueciam/ Da tua onipotência;/ Ousamos, ímpios, profanar teu nome;/ Mas piedade, Senhor, hoje invocamos. (Magalhães, 1999, p. 370-371)

Numa situação de tamanha emergência, Magalhães experimenta a finitude, a incapacidade de contornar o provável naufrágio, no qual “mulheres” e “crianças”, aparentemente frágeis e inocentes, encontravam-se, sem razão alguma disponível, à

beira de morte terrível. Magalhães pensa na única possibilidade de salvação, a saber, a salvação provocada por um ente diferente de todos os demais que ali se encontravam - um ente infinito e “onipotente”. Magalhães pede “piedade” pelos que se “esqueceram” de Deus, bem como por aqueles, que, como ele mesmo, até duvidaram de Deus, os “ímpios”. O poeta lembra do passado e de sua postura desafiadora em relação a Deus, tempos nos quais andou se perguntando pela realidade de Deus. Em meio ao desastre anunciado, implorava a Deus pela salvação – “mas piedade, Senhor, hoje invocamos”.

Como filhos rebeldes,/ Que os são conselhos paternais desprezam,/ Zombam mesmo dos pais, e de delírio/ Em delírio à desgraça se encaminham;/ E quando já no poço da miséria/ Lhes brada a consciência,/ Então os pais invocam;/ E se os pais os não salvam, ali morrem./ Tu és pai, ó meu Deus! Misericórdia! (Magalhães, 1999, p. 371)

Magalhães, no que chamamos de situação de emergência, “no poço da miséria”, descreve a posição comum aos homens de sua época no Império do Brasil, a saber, a “rebeldia” e o “desprezo” em relação a Deus, ou melhor, a falsa percepção de que eram autosuficientes, fortes o bastante para solucionar os problemas oferecidos pela vida, um “delírio” anota o poeta. Magalhães grita por “misericórdia”, através de suas insistentes exclamações. De súbito, segundo faz ver, dá-se calma...

Um sopro de teus lábios foi bastante/ Para armar contra nós a tempestade;/ Um sopro de teus lábios/ Basta para acalmá-la./ A tua voz, Senhor, tudo se humilha,/ O mar, a terra, o céu, o vento, o raio;/ Fala, seremos salvos. (Magalhães, 1999, p. 371-372)

O autor dos *Suspiros Poéticos* tem a percepção de que Deus havia respondido às suas preces, e Deus, ou se quisermos a eternidade, aparece como a única possibilidade de reencantamento do real, mesmo em meio a situações as mais definitivas possíveis, e isto porque Deus era compreendido, pelo poeta, como “onipotente”. Deus, aqui, ao contrário de ser aquele que assegura uma boa vida num outro mundo, passa a ser o único ente capaz de assegurar a continuidade da vida neste mundo. Uma vida alegre, em primeiro lugar, porque passa a ser orientada por um ente em tudo poderoso, a partir do qual tudo faria sentido, e, em segundo lugar, porque se compreenderia a partir de então, graças ao exílio e à saudade, que havia um âmbito privilegiado no interior do qual se tornaria possível suportar as agruras da vida, a

saber - a “pátria”. Por isto o poeta colocara sua vida a serviço de Deus e da “pátria”, àquele porque ofereceria um sentido, mesmo que nada claro, à vida, à pátria porque seria o lugar no qual sentia-se protegido. O poeta segue descrevendo o seu amor esperançoso pela existência e pela “pátria”.

Amaina o vento, o mar se tranqüiliza!.../ Maravilha de Deus!... As nuvens subam/ A teus pés os meus hinos,/ Hinos acesos nos transportes d'alma;/ Voem de mundo em mundo, de astro em astro,/ De um Anjo a outro, até que se harmonizem,/ E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças./ Glória! Glória ao Senhor! Estamos salvos!/ Desaparece a morte,/ Raia o sol, ri-se o céu, o mar se aplanar!/ Glória! Glória ao Senhor! estamos salvos!/ Afaga-me a esperança,/ Que renasce no fundo da minha alma,/ Como a fênix das cinzas./ Ó Pátria, serei teu; minha existência/ Ao louvor de meu Deus, a teus louvores/ De ora avante a consagro. (Magalhães, 1999, p. 372-373)

1.5. Sobre o conceito de pátria

1.5.1. A natureza

Em poema feito, já em Paris, algum tempo depois dos primeiros versos marcados pelo estranhamento radical da partida, bem como pela travessia traumática do Atlântico, Magalhães nos oferece a possibilidade de entender, amiúde, como significava o conceito de “pátria”, senão vejamos:

Longe do belo céu da Pátria minha,/ Que a mente me acendia,/ Em tempo mais feliz,
em q'eu cantava/ das palmeiras à sombra os pátrios feitos;/ Sem mais ouvir o vago
som dos bosques,/ Nem o bramido fúnebre das ondas,/ Que n'alma me excitavam/
Altos, sublimes turbilhões de idéias;/ Com que cântico novo/ O Dia saudarei da
Liberdade?/ Ausente do saudoso, pátrio ninho,/ Em regiões tão mortas,/ Para mim
sem encantos, e atrativos,/ Gela-se o estro ao peregrino vate./ Tu também, que nos
trópicos te ostentas/ Fulgurante de luz, e rei dos astros,/ Tu, ó sol, neste céu teu brilho
perdes. (Magalhães, 1999, p. 375-376)

Aqui, o poeta descreve o que compreende como “pátria”, ela é um conjunto de sentidos determinado pelo “céu”, por “palmeiras” e “bosques”, por “ondas” e pelo “sol”. Entretanto, não se trata de qualquer céu, nem de qualquer palmeira, bosque, ondas e sol, o que está em jogo aqui não é a perfeição deste ou daquele ente, mas a combinação perfeita de um em relação ao outro. Dizendo ainda de outra forma, partes da Europa, como a Suíça e a Grécia, por exemplo, também possuiriam sol primoroso e céu límpido, entretanto, lá não existiria a combinação perfeita entre os entes naturais, um não seria para o outro⁵². Cada ente que compunha a sua “pátria” se

⁵² Segundo o poeta, a natureza na Suíça era “belíssima”, “sol faiscante”, “montes” e “bosques de pinheiros”, que compõem “campos férteis”. Entretanto, “belíssima” era perfeita demais, incapaz de oferecer a possibilidade da experiência do “vazio” e do “fúnebre”, ou seja, parece que tal natureza enredava o homem em suas belas formas, de modo a fazê-lo esquecer de suas dores mais profundas, ao fim e ao cabo, o resultado era uma espécie de “prazer fugitivo”, incapaz de fazer o homem experimentar, com a segurança devida, as dores necessárias à assunção da experiência de sua pobreza, passo fundamental à compreensão do eterno, única fonte autêntica de alegria, de satisfação significativa. A natureza suíça era bela demais, seus entes eram formosos em demasia, e o homem acabara sempre enredado pelo sonho da satisfação, ou melhor, vivia entre a promessa da satisfação plena e a decepção necessária, entre a promessa do céu e a experimentação do inferno. Acompanhemos boa parte de seu poema intitulado “A Suíça” – “Tal como o caçador afadigado,/ Depois de em vão correr ingratos montes,/ Se ao fim vê belo pássaro que pouisa/ Sobre um tronco do bosque,/ Alegre e duvidoso a arma prepara;/ E quando cuida já que é presa sua,/ Manso o vê que se escapa, e que desliza/ Nos leves ares co'as talhantes plumas,/ Triste desesperado à casa volta:/ Ou como terno amante, que de longe/ O bem amado avista, passeando/ No jardim de seus pais; contente investe,/ Já em doces idéias

apresentaria da forma mais esplendida necessária à experimentação da finitude e da eternidade, o céu era “belo”, as palmeiras ofereciam a “sombra” ideal para um sol “fulgurante”, os bosques reverberavam um som “vago”, que seduzia a imaginação daquele que está em seu interior, e o “bramido” das ondas dariam o toque “fúnebre” necessário a uma espécie de serenidade também fundamental. Todos estes elementos se combinariam de maneira a fornecer o âmbito ideal à reflexão acerca da existência e de suas questões fundamentais e, também, à experimentação da finitude e da medida da eternidade, espaço “que a mente me acendia”. A “pátria” seria o lugar ideal para o exercício daquilo mesmo que permitiria ao homem existir no interior de uma vida terrível, qual seja, a reflexão e a experiência da finitude e da eternidade. Ela é vaga e fúnebre o suficiente, bela e fulgurante o bastante, tudo isto na medida exata para não paralisar o homem em função de dor ou alegrias excessivas⁵³.

Mas o poeta não está em sua “pátria”, está noutro lugar, em outras “regiões”, e estas não podem ser sua “pátria”, quase não podem ser “pátria” alguma, pois são “regiões” donde o sol não vai ao encontro da sombra, e o silêncio e o ruído estão divorciados, espaços donde ora falta o toque fúnebre ora ele é excessivo, lugares desprovidos de medida, de equilíbrio. A “pátria” é, ao fim e ao cabo, o âmbito do exato, da medida, no interior do qual se torna possível manter-se atento à vida em sua dinâmica radical de transformação incessante, e, ao mesmo tempo, permite o “brando sono”.

engolfado;/ E quando perto chega,/ E cuida ir desfrutar gratos momentos,/ Ela modesta e temerosa, os olhos/ Brandamente volvendo, se retira,/ E o malfadado deixa/ Entregue à dor, carpindo-se saudoso;/ Assim eu, ó belíssima Suíça,/ Vi teus montes, teus bosques de pinheiros,/ Teus campos férteis co’ o suor dos homens;/ Vi teu lago tranqüilo, onde se espalha,/ De cima desse trono de alabastro,/ O sol, mal que amanhece faiscante,/ Assim jovem guerreiro de ouro armado,/ No polido pavês atento se olha,/ E contempla seu garbo, antes que saia/ A discorrer os campos, coruscantes,/ Vi a tua cidade de Genebra,/ Tão linda como o lírio junto d’água,/ Tão graciosa como pura virgem,/ Que a roca empunha, e que maneia o fuso./ Vi-te, e meu coração portas abria/ Ao prazer fugitivo,/ Que mais ligeiro corre que o teu Ródano./ Alma alegria a mente me orvalhava,/ Tão seca de pesares;/ E a saudade da Pátria que me punge,/ Como que adormecida, menos dura,/ A farpa descansava./ Esquecido de mim, do meu destino,/ Começava a gozar-te; - e já me foges! (...) (MAGALHÃES, 1999, p. 401 et. seq.)

⁵³ Em relação à noção de medida, esta parece ser uma das características determinantes da “literatura do Sul”, segundo a tipologia de Mme. de Staël. Acompanhemos as palavras de Staël: “Os poetas do sul misturam incessantemente a imagem de frescor, bosques cerrados, riachos límpidos, a todos os sentimentos da vida. Não se recordam nem mesmo dos prazeres do coração sem neles misturar a idéia da sombra benfazeja que deve protegê-los dos calores ardentes do sol. Esta natureza tão viva que os cerca desperta neles mais movimentos que pensamentos. Foi um erro, segundo me parece, ter-se afirmado que as paixões eram mais violentas no sul do que no norte”. (STAËL, 1987, p. 102)

Ó fantasia, mostra-me se podes,/ O enérgico quadro, que meus olhos/ Outrora extasiara;/ Reaviva o fulgor do entusiasmo,/ Que o coração abrasa/ Como o sol quando a pino os homens fere;/ Memória, hoje recorda aquelas vozes/ Dos brasileiros peitos escapadas,/ Como do Chimborazo ardentes lavas,/ E no templo de Deus gratas soavam./ Recita aqueles hinos,/ Que angélicas donzelas, varões probos/ Alternos entoavam neste Dia,/ Da liberdade em honra. (Magalhães, 1999, p. 376-377)

Em desequilíbrio, busca “reavivar o fulgor do entusiasmo”, longe da pátria exercita a faculdade da fantasia para reconfigurar em pensamento aquele âmbito ideal. Desanimado, necessita “abrasar o coração”, e, para isto, parece até abrir mão das palmeiras e de sua sombra, que até então marcavam sua descrição da “pátria”, e aceitar o “sol a pino que os homens fere”, sol a pino que revela, desesperado, constituir sua “pátria”. Longe da “pátria”, declara que prefere uma espécie de desequilíbrio que só ela pode provocar, o desequilíbrio que tende para o calor. Enfim, antes todo o sol do que toda noite, ou todo o frio. Sua memória busca recordar a “pátria”, o que significa trazê-la para perto, e isto, pois sente a necessidade de certo âmbito específico, no qual encontraria as presenças e espaços necessários à suportação alegre e esperançosa da vida. Memória e fantasia são as faculdades mais importantes para o poeta longe da “pátria”, elas permitiriam a reconstituição deste âmbito ideal. Longe, descreve sua situação infeliz.

Mas em vão, que nos ares embruscados/ O mimoso colibri não adeja,/ Nem longe do seu ninho o canto exala/ O sabiá canoro./ Ah! se ao menos a dor que me alma punge,/ E a existência me azeda,/ Um pouco se aplacasse, e doce riso,/ Filho do coração, subisse aos lábios,/ Quiçá na ausência da querida Pátria/ Pudesse, inda que rouco,/ Mais um hino ajuntar aos outros hinos,/ Com que de meu amor lhe fiz ofrenda,/ Quando no grêmio seu prazer gozava. (Magalhães, 1999, p. 377)

Sua alma sente dor “pungente”, e sua existência está em questão, “azeda”, definha. O coração está frio, como vimos mais acima, o que significa que não é capaz de “sorrir”. Entretanto, o que parece temer não é a sua morte, propriamente, mas sim a impossibilidade de “lutar” pela “pátria”, de tecer “hinos” para ela, de ir ter com ela uma vez ainda. Teme pela “pátria”, que se encontrava preenchida por homens “maus” e “egoístas”, homens que, na ânsia de concretizar tudo que desejavam, colocavam o bem comum em perigo.

A Europa não era a sua “pátria”, por isso desejava regressar. À Europa, em especial a Paris, sobrava cultura e, ao fim, faltava natureza. Por onde quer que

andasse o poeta se deparava com “monumentos” que lembravam fatos e homens significativos mas que, no entanto, não eram capazes de torná-lo alegre.

Lá, no teu seio, a vida respirando/ Tranquilo e sossegado,/ Ou no mar agitado, à morte exposto,/ Ou aqui nesta plaga tão remota,/ Fiel te sou, Ó Pátria; não te olvido/ Pelas grandezas que me oferece a Europa./ Estes eternos monumentos d’arte,/ Estas colunas, maravilhas mortas,/ Estas estátuas colossais de bronze,/ Estes jardins soberbos, estes templos/ São belos: mas não são de minha Pátria. Tuas virgens florestas, e teus templos/ Mais me aprazem que tudo o que aqui vejo⁵⁴. (Magalhães, 1999, p. 378)

Magalhães está compondo um poema em homenagem à Independência de sua “pátria”, num dia sete de setembro, ao que tudo indica. Esta é a forma que encontra para escapar à saudade e à distância, instaurando, através da memória e da fantasia, uma espécie de simulacro de sua “pátria”. Longe da “pátria” se sente fraco e anuncia seu desejo de voltar, não porque estivesse triste, apenas, mas porque pretendia retornar ao espaço no qual conquistaria novo ânimo e se tornaria forte o suficiente para “lutar” pela conservação e progresso de sua “pátria”.

Dia da Liberdade!/ Tu só dissipas hoje esta tristeza/ Que a vida me angustia./ Tu só me acordas hoje do letargo/ Em que esta alma se abisma,/ De resistir cansada a tantas dores./ Ah! talvez que de ti poucos se lembrem/ Neste estranho país, onde tu passas⁵⁵/ Sem culto, sem fulgor, como em deserto/ Caminha o viajador silencioso./ Mas rápidos os dias se devolvem;/ E tu, ó sol, que pálido me aclaras/ Nestas longínquas plagas,/ Brilhante ainda raiarás na Pátria,/ E ouvirás meus hinos/ Em honra deste Dia,

⁵⁴ A Europa teria sido marcada pelo sangue derramado pela ambição e avareza de homens “egoístas”, sangue que tornara seu solo impuro, “seco” e “infértil”. Segundo o poeta, a Europa, talvez à exceção da França, era muito mais a lembrança de um passado faustoso do que o testemunho de um presente vigoroso – “É Roma! É Roma! É a cidade eterna! (...) Entre suas ruínas, majestosa/ Inda Roma se ostenta./ Inda seu nome impõe respeito ao mundo,/ E entusiasmo gera./ Mas Roma entre Ruínas se me antolha/ Como essa arrependida penitente,/ Que a vã pompa do mundo desprezando,/ A cruz do Redentor humilde abraça./ Em vez de capacete, esparsa a coma;/ Em vez de cetro, cruz; o Márcio riso/ Não mais lhe habita os lábios,/ Nem lampejantes olhos mais incutem/ Terror, vingança, e morte./ Religiosa dor hoje a sublima,/ E a veste de candura, e de beleza./ Rainha da Nações, eu te saúdo!/ Mãe ilustre de heróis do mundo espanto!/ Eu te vejo, e minha alma inda duvida!/ E não sentida comoção me abala./ Esta vermelha terra, árida e seca,/ Qu’inda exala mortíferos vapores;/ Este inculto deserto, abandonado/ Dos homens, e das feras,/ Onde uma flor sequer não ri-se ao menos;/ Esta desolação, esta tristeza,/ Este horror sepulcral, que em torno gira/ Da senhora do mundo,/ Tudo ao fim aqui fala, e os olhos mostra/ As sangrentas tragédias, que juncaram/ Estes campos outrora./ De tanto sangue humano que a ensopara,/ De tanto ferro gasto que a cobrira,/ Conserva ainda a cor a terra estéril” (Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 187-189). Magalhães teme que o Império do Brasil se torne uma espécie de Roma, ou seja, uma terra destruída pela ambição de homens que derramaram sangue inocente, o sangue dos escravos e dos patriotas, em especial.

⁵⁵ Quando se refere à Europa, ou mesmo à França, onde provavelmente se encontrava ao escrever o poema ora analisado, o poeta insiste em não utilizar o termo pátria, antes lançara mão das palavras terra e região, agora fala em país.

não magoados/ Co'os fúnebres acentos da saudade. (Magalhães, 1999, p. 381-382)

1.5.2. A família

Choram por mim... Por mim a mãe querida/ Em soluços – adeus – nem dizer pode.../ Debalde balbucia; os lábios tremem,/ E a dor a voz lhe embarga.../ Banhado tem o rosto/ De cristalino pranto, e cor de sangue/ Os olhos já cansados./ Lá vejo o caro pai sisudo e grave,/ A quem anos as faces enrugaram,/ E a fonte encaneceram;/ A mão ao filho estende, e a benção lança:/ ‘Boa viagem, diz, boa viagem;/ Deus te guie, e te traga/ Na sua santa guarda,/ Sempre digno de mim, da Pátria digno’. (Magalhães, 1999, p. 362)

Magalhães descreve seus pais a partir da perspectiva de sua despedida em direção à França⁵⁶. A mãe chora por ele, “em soluços” e com “os olhos já cansados”, e seu pai, “sisudo e grave”, estende a mão e abençoa o filho, “faces enrugadas” pelos anos. O poeta, de partida, entristece junto aos pais, recorda o quanto eles lutaram em meio à vida, se percebe frágil e, ao mesmo tempo, tem em seus pais a “benção” e as “mãos estendidas”, o conforto, o sustento e o carinho a partir dos quais se sente protegido. Os mesmos pais que, além de companhia para as contingências da vida, foram os primeiros a apresentar o poeta à religião, o âmbito preciso a partir do qual a medida da eternidade tornou-se possível pela primeira vez.

Pais e filho desejam reencontrar-se. Praza a mãe – “Deus te guie, e te traga/ na sua santa guarda”. A mãe diz ainda mais, sublinha que seu sofrimento pelo filho não era sem fundamento, pelo contrário, pois o poeta seria um bom filho, bom amigo, enfim, um elemento vital à comunidade na qual vivia. Elemento capaz de retribuir ao amor a ele dispensado, importante à conservação de todos, todos, como vimos, unidos

⁵⁶ Em um poema intitulado “Suspiro à Pátria”, Magalhães evidencia seu amor incondicional aos pais, irmãos e amigos compreendendo-os como parte fundamental de sua pátria – “Essa é a Pátria minha, a Pátria amada,/ Que a vida deu a quem me deu a vida!/ Aí respira ainda a mãe anosa,/ O encanecido pai, e irmãos razão tenho!/ Mas não me capta amor grandeza sua./ Pobre fosse ela, pequenina aldeia,/ Por ela meu amor igual seria;/ Que este nome de Pátria é tão suave/ Como o nome de mãe, de pai, de amigo;/ E a mãe, e o pai, e o amigo inda que pobres/ A um nobre coração gratos são sempre./ Venturoso suspiro,/ Ante que em doce riso te convertas,/ Nesse mágico céu da Pátria minha,/ À paternal mansão ligeiro adeja/ Como o meu pensamento;/ Beija dos caros pais as mãos rugosas,/ E soluçando diz-lhes/ Que o filho humilde a Deus rogando fica/ Por eles, pela Pátria;/ Sobre os restos de Roma, pensativo,/ Um suspiro exalou, que à Pátria envia”. (MAGALHÃES, 1999, p. 224-225)

em compaixão (em *caritas*), acreditando ser este o único expediente possível à suportação de uma vida difícil, ou ainda,   suportação da própria partida do poeta. A mãe diz – “Sempre digno de mim, da pátria digno”. Dizendo ainda de outra maneira, Magalhães era digno, segundo sua mãe, da pátria, o que significa da comunidade reunida em amor, e isto a partir da crença de que todos juntos se tornariam menos fracos no que tange ao enfrentamento de inúmeros “infortúnios”.

Magalhães está partindo, e j  sente saudades desta comunidade, pois entende que sua exist ncia se tornaria um fardo pesado demais, e isto porque estaria vivendo fora do amor que o protegera contra uma vida  rida e que o provocara   alegria. Ao lembrar da partida e ao partir sente saudades, já se encontrava fraco, “coração” “gelado” e “magoado”. De partida e já na França, ia compreendendo e produzindo importância à companhia de seus amigos e familiares e descreve sua pequena morte.

Ternos irmãos – adeus – me estão dizendo/ Com tão fúnebre acento,/ Como se eu condenado à morte fosse./ Um por um os abraços, e adeus lhes digo./ Quero partir,... forcejo; os olhos cerro.../ Porém a dor, que o coração me preme,/ Forças me tira, e me franqueia os passos;/ Em borbotões rebentam/ Lágrimas que enxugar em v o pretendo./ Que mão gelada   esta, que me embebe?/ Duro alfange no ótimo do peito?/ Que mão desapiedada me retalha/ O coração magoado?/ Mão da saudade,  s tu, eu te conheço./   momento de ausência, como às agro!/Mais agro me não foi aquele dia/ Em que, co’a morte ao lado,/ Quase ca  do leito   sepultura. (Magalhães, 1999, p. 362-363)

1.6.

Admiração por Paris e amor pela pátria

Quase morrera, quase. Sentira a morte, pois perdia o sentido do amor, ou seja, de uma comunidade no interior da qual todos se doavam, sem medir esforços, uns aos outros, no intento de insistir em vida difícil, todos em compaixão. Imaginara-se sem estímulo e sem forças para continuar vivendo. Entretanto, se está experimentando esta dor, por que inisite em ficar na Europa? Justo porque cria ter de ir buscar longe de sua “pátria” o conhecimento ideal para lutar pela sua preservação e pelo seu progresso moral e material.

Já brilhava a meus olhos moribundos/ A luz de bento círio,/ Que ante um sagrado Crucifixo ardia./ Chorava minha mãe, e seus cabelos/ Sobre meu frio peito debruçavam-se./ Colocado entre o mundo e a Eternidade,/ Meu ser se dividia, e ingente peso/ O aflito coração me comprimia,/ Como se férreos braços me cerrassem./ Ah! por que inteiro conservou-se o estame/ Em luta tão cruel? E' qu'eu devia/ Sofrer mais este golpe, e da existência/ Não estava inda o círculo completo;/ Assaz não tinha o mundo conhecido;/ Conhecê-lo devia. (Magalhães, 1999, p. 363-364)

Se quase perdia a “pátria”, e com isto a própria vida, “dividido entre o mundo e a eternidade”, esta dor “tão cruel” parecia ter um sentido, a saber, “conhecer o mundo”. O que Magalhães está afirmando é que a existência cobra do homem o abandono da “pátria” justo para que ele possa conhecer o mundo, e, então, tornar-se forte o suficiente para retornar e proteger a sua “pátria”⁵⁷. Este é o círculo necessário, sentido que descreve ter sido capaz de mantê-lo vivo. Nos livros o homem não seria capaz de encontrar o conhecimento necessário à construção de enunciados robustos,

⁵⁷ Magalhães insiste em sua crítica àqueles que criam nos livros como fonte privilegiada de conhecimento, sublinhando a importância da experiência – “Que, o mundo, com dores só misturas/ As lições que dás?/ A experiência só com dores se colhe,/ Como uma flor de espinhos guarnecida?/ São inúteis os livros, e os conselhos?/ É tudo a experiência? A experiência é só quem nos ensina/ A ciência da vida?/ Ó infantil vaidade!/ Vós, ó jovens, cuidais que sabeis tudo,/ As páginas de um livro apenas lendo/ Dos velhos desprezais os sãos conselhos (...)” (Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, p. 153). Todavia, mais uma vez aparece a tristeza e o pessimismo de Magalhães, ao afirmar que a própria experiência é tardia, senão vejamos: “Experiência! Médico tardio,/ Tua voz útil fora, se mais cedo/ Em nossa alma soasse!/ De tropeço em tropeço vai-se a vida,/ Como o rio entre seixos se despenha;/ Nada o curso lhe tolhe./ Das paixões o marulho estrepitoso,/ Como o som da cascata caudalosa,/ Cobre, abafa teu eco./ Em jogo pueril, vendando os olhos,/ O infante, na planície, embalde ensaia/ Da estrada andar meio./ Ângulos forma; ao fim se esbarra a um tronco;/ Assim andamos nós olhi-vendados/ Pela estrada da vida!/ Cai-nos a venda do barranco às bordas./ Quando nas suas lúbricas crateras/ Já nossos pés deslizam./ Vem a velhice, que melhor te escuta,/ Refletimos então; porém que importa!/ O tempo é

eficientes para os desafios e perigos concretos e inéditos que a vida não cansaria de colocar à “pátria”. Por isto viaja para a Europa, por isto ficou três anos exilado na França.

É qual sereno rio a mocidade,/ Que as imagens retrata, e não conhece/ O bem, e o mal, e as ilusões do mundo:/ É como verde, flácida vergôntea,/ Que a forma toma que o cultor lhe imprime,/ E boa, ou má, não mais depois se muda./ Quem, como tu, da Pátria longe vive,/ Longe dos paternais, úteis ditames,/ Assaz tem que lutar, se a glória aspira./ Filósofos não faltam que te instruem;/ Mas da vida, nas páginas de um livro,/ Não se aprende a ciência. (Magalhães, 1999, p. 390)

As viagens e estudos dos jovens pela Europa possibilitavam o acúmulo de experiências e enunciados teóricos importantes, mas antes disto, como condição de possibilidade disto mesmo, o exílio era oportunidade única para que não se fosse marcado, de uma vez por todas, pelo “egoísmo” e pela “maldade”, que infelizmente já orientaria, segundo o poeta, os homens maduros do Império do Brasil. Melhor dizendo, se crescer pela Europa era importante, porque lá se poderia conquistar novas sensibilidades e conhecer saberes inéditos, crescer por lá era garantia, antes de tudo, de não ser educado por aqui, o que significaria ser tomado, de uma vez por todas, pelo espírito “egoísta”, aquele mesmo que uma vez despertado, não permitiria mais a possibilidade de reorientações. Os homens e mulheres adultos, responsáveis pela direção do Império, não seriam mais capazes de assumir transformações radicais, morreriam “maus”, cabendo aos jovens, ainda apaixonados pela “pátria” e não por si mesmos, fugir à educação “egoísta”, e, num plano complementar, acumular conhecimentos e experiências significativas para lutar pela “pátria” ameaçada. Acompanhemos o que Magalhães descreve, ao deixar Paris por conta de uma viagem pela Europa.

Sim, a custo te deixo, augusto alcáçar/ Do progresso, da luz, da liberdade./ Vivífico remanso, onde perene/ Bebe o estrangeiro quanto apraz à mente,/ Do néctar das ciências sequiosa./ Sim, com justa razão te ornas de orgulho,/ Pátria de heróis, refúgio de infelizes,/ Vítimas do erro, que ainda a Europa preme/ Com cem braços de ferro; fugitivos,/ Em teu grêmio cabal abrigo encontram./ Mãe desvelada não mais pronta acode/ Com bondadoso peito ao tenro infante./ (...) A longes terras nutrimento envias;/ Assim os sábios, que em teu seio abundam,/ Manam nome, e saber aos outros povos. (Magalhães, 1999, p. 391-392)

já passado!/ Do que serve ao cadáver o remédio?! Um mestre ao moribundo? um guia àquele/ Que marcha ao cemitério?”. (MAGALHÃES, 1999, p. 291-292)

A estada do poeta em Paris é marcada por tensão. Em algumas poesias, que analisamos mais acima, descreve seu sofrimento por estar longe da “pátria”, ou seja, da natureza e da família no interior das quais crescera e insistira em vida impossível, em outras poesias, como a que começamos a estudar, dá-se o oposto, elogia a Paris, sublinhando a dificuldade que tinha para deixá-la⁵⁸. Isto aparece, porém, não sem um motivo especial, a saber, após o trauma e os primeiros meses de exílio, acostumava-se ao novo espaço, criando amigos e percursos, reconstrói sentidos e se encontra preparado para insistir em vida terrível⁵⁹. Justo aí, a França ganha o nome de “pátria”, e isto porque o poeta acaba conquistando por lá certa familiaridade capaz de torná-lo alegre e resistente às agruras propostas pelo real. A França se transforma em sua segunda “pátria”, âmbito no interior do qual pôde viver dias equilibrados, preenchidos por tristeza e alegria, parecidos àqueles que experimentara no Brasil. Além disto, teria se tornado mais inteligente e sensível, acumulando conhecimentos e vivências que o fariam mais robusto para o enfrentamento de seus inimigos. A França “preme”, ou seja, conserta, quando ainda é possível.

A França formaria homens empenhados na defesa da liberdade, o que significa dizer homens empenhados em resguardar à razão e às artes lugar de proeminência na sociedade, transformando-as em orientadoras, necessárias, à construção de conhecimentos eficientes para a sobrevivência e progresso dos homens

⁵⁸ Entretanto, apesar da tensão entre a saudade da pátria e a experimentação feliz da vida em Paris, Magalhães evidencia seu objetivo fundamental, qual seja o retorno ao Brasil. Ao fim de sua estadia em Paris, em agosto de 1836, o poeta se confessa esgotado, já não seria mais capaz de escrever suas poesias, precisava de seus pais e espaços – “Adeus, ó terras da Europa!/ Adeus, França, adeus, Paris!/ Volto a ver terras da Pátria,/ Vou morrer no meu país./ Qual ave errante, sem ninho/ oculto peregrinando,/ Visitei vossas cidades,/ Sempre na Pátria pensando./ De saudades consumido,/ Dos velhos pais tão distantes,/ Gotas de fel azedavam o meu mais suave instante./ As cordas de minha lira/ Longo tempo suspiraram;/ Mas ao fim frouxas, cansadas/ De suspirar, se quebraram./ Ó lira do meu exílio,/ Da Europa as plagas deixemos;/ Eu te darei novas cordas,/ Novos hinos cantaremos./ Adeus, ó terras da Europa!/ Adeus, França, adeus, Paris!/ Volto a ver terras da Pátria,/ Vou morrer no meu país”. (MAGALHÃES, 1999, p. 421-422)

⁵⁹ Entretanto, uma poesia de primeiro de Janeiro de 1835, já passados quase dois anos de sua estadia na Europa, evidencia o desespero do poeta em voltar, o mais breve possível, para o que considerava ser sua pátria – “Vem, ano novo, vêm; traze-me alegres/ Notícias de meus pais, da Pátria minha./ Traz-me este consolo,/ Este consolo ao menos, que me afague/ Na distância em que vivo./ Outra ambição não tenho, outra... E o que pode/ Minha alma cobiçar de mor valia?/ Coração como o meu, ermo de inveja,/ Isento de vaidade, a pouco aspira:/ Só de nobres desejos se alimenta./ E tornarei a vê-te, ó Pátria cara?/ Teus montes saudarei? Tuas florestas?/ Teus rios? e o teu céu azul sem nódoa?/ Ainda abraçarei os pais anosos?/ Mas em que dia? Quando?... Como tarda!”. (Ibid., p. 196)

em geral. A França fora palco da grande Revolução, aquele movimento terrível e doloroso, afirma o poeta, que teria causado a desgraça de muitos homens e mulheres, mas que teria, a um só tempo, feito o mundo conhecer a necessidade de orientar-se pela liberdade e pelo exercício da razão. A partir da liberdade e da razão fundaram um *espaço público* no interior do qual os homens exercitariam sua inteligência através de uma atividade crítica orientada pelas medidas da autonomia e do bem de todos⁶⁰.

Para teatro de espantosas cenas/ Teu solo assinalou Providência./ Aqui rompeu esse vulcão terrível,/ Que o mundo inteiro alumiou co'as lavas,/ E à fileira dos reis alçou os homens;/ Aqui o rei dos reis, terror da Europa, No trono colossal, firme no povo,/ Honras, louros, e cetros repartia/ O jugo antigo, que a razão curvava,/ Quebrou, em ti nascido, esse Descartes./ Que por novo teor, método novo,/ Sublime estrada abriu à inteligência./ Malebranche o seguiu, também seu filho./ As boas Artes, do progresso amigas,/ Filhas da Liberdade, irmãs da glória,/ Foragidas da Itália, atravessaram/ Alpes, e Reno, e em ti seu templo ergueram./ Paris, citar teu nome é pôr remate/ Aos elogios teus; eu te venero./ Lições em ti fruí; como eu mil outros/ Brasileiros, que a Pátria hoje adereçam,/ Em ti juvenis passos amestraram/ Da sapiência o brilho ofusca o do ouro;/ Só de alma estreme a gratidão é paga;/ Grato te sou no tributar encômios/ Não lisonjeiros, que a verdade os sela. (Magalhães, 1999, p. 392 et. seq.)

O que Magalhães descreve é o ambiente de liberdade intelectual e artístico que encontrara na França⁶¹. Ambiente no qual os homens poderiam, através da razão e das artes, propor soluções para a vida prática. Este espaço teria sido aberto pela Revolução Francesa e assegurado por Napoleão Bonaparte, ao resistir às forças do “Antigo Regime”. Na França, os reis passaram a ser homens, ou seja, podiam e deveriam ser julgados a partir da competência ou não que demonstravam em agir de acordo com a liberdade e com a razão⁶². Os reis passaram a repartir o poder com o povo, com aqueles poucos que sabiam se orientar no interior do *espaço público* através da única medida válida, a saber, a razão, ou em outras palavras, com os

⁶⁰ Segundo Antonio Candido: “Homens tais acreditavam, com efeito, na virtude quase mágica do saber, confiando na educação como alavanca principal de transformação do homem” (CANDIDO, 1964, p. 247).

⁶¹ Acompanhemos um trecho do poema “Ao deixar Paris” – “Um povo sempre é filho de outro povo;/ Um homem sem cultura não avança;/ Sem ensino os espíritos não brilham./ Quem, Paris, sem amar-te pode ver-te?/ E quem pode deixar-te sem saudade?/ Ah! Não beberei mais as eloqüentes/ Lições, que me apaziam, de teus mestres!/ Não verei mais teu Louvre apinhado/ De maravilhas tantas! Teus colégios,/ Onde vozes troavam sapientes!/ Ainda a mente me pinta os de Sorbonne/ Vastos anfiteatros coroados/ De atenta juventude! – Tudo deixo (...)”. (MAGALHÃES, 1999, p. 396-397)

⁶² Para um estudo mais detalhado do problema da liberdade e da razão no interior do “Antigo Regime” ver KOSELLECK, 1999.

“sábios”, os novos *aristói*. O rei e seus melhores súditos reinavam juntos e isto porque todos aceitavam participar de um jogo orientado pela liberdade e pela razão. Como sublinha, Descartes havia mostrado um novo sentido ao mundo, o sentido da razão, bem como um método que partia da dúvida sincera, que se equilibrara, como pode, sobre o exercício da conquista, uma a uma, de enunciados claros e distintos, e não da construção de sentidos a partir da simples repetição dogmática de certezas incontestes *a priori*⁶³.

O poeta afirma ter experimentado a liberdade, ou seja, a possibilidade de se expressar através da razão e das artes, construindo, junto aos demais homens, conhecimento teórico fundamental à boa-relação dos homens entre si e em relação à natureza. No interior deste âmbito, segundo Magalhães, não há espaços para o “egoísmo” e para a arbitrariedade. O “egoísta” viveria de forma inadequada, e isto porque agiria orientado pelos seus desejos mais imediatos, por suas inclinações, sem refletir sobre a adequação de tais desejos momentâneos à sua saúde em médio e longo prazos, bem como sem pensar acerca do bem-estar da sociedade.

Na França, Magalhães teria conquistado o projeto de construir, em sua “pátria”, um *espaço público* no qual os “sábios” pudessem produzir proposições lógicas e enunciados eficientes ao bem comum. Garantido este *espaço*, acreditava que os dirigentes imperiais poderiam governar com eficácia, ou ainda, se organizar melhor para enfrentar a natureza, bem como para ensaiar possíveis soluções às insatisfações nascidas das relações entre os próprios homens e, assim, por conseguinte, sua “pátria” progrediria.

Arando o cresco Oceano, à Pátria minha/ As ciência passaram triunfantes/ Do santuário teu, nas mãos levando/ O archote da razão; ali brilhante/ Luz difundindo, as trevas sacudiram,/ Que em nossos horizontes negrejavam./ (..) Como da lira consoante vibra/ Uma corda, quando outra foi ferida,/ O Brasil teus triunfos aplaudindo,/ Co’as tuas explosões harmonizando,/ Assim espessos vence, e igual triunfa./ Ó Brasil, porventura lisonjeiro/ Serei no meu dizer? Donde te veio/ A Ciência das Leis, a Medicina,/ A Moral, os costumes que hoje ostentas?/ Quem te ensinou a perscrutar teus campos,/ A pesquisar segredos, que a Natura/ Em cada verme, em cada flor oculta?/ Quem teu gênio subiu ao firmamento,/ E os mistérios dos astros revelou-te?/ Quem a tela, de cores matizando,/ Mostrou-te retratada a

⁶³ A admiração de Magalhães por Descartes fora inspirada pelas suas leituras de Cousin, e pelas aulas de Jouffroy que assistira na Sorbonne. Ver BARROS, 1973, p. 31 et. seq.

Natureza,/ Teus heróis, tua história, teus costumes?/ Responda a gratidão. – Avulta, ó França!/ Marcha, prospera; e tu, Brasil, prospera;/ Estes meus votos são, outros não tenho. (Magalhães, 1999, p. 394 et. seq.)

Segundo o poeta, a França era um país privilegiado no qual a razão era a medida necessária para a vida. Em tudo que se pretendia realizar ela era o valor fundamental, a razão fornecia os sentidos para a adequação do homem em relação à natureza e para a vida prática, toda ação humana era fundada em argumentos logicamente encadeados e empiricamente comprováveis. Na França não haveria espaço nem para o obscurantismo proveniente de um modo de ser supersticioso, nem para a arbitrariedade assentada num *éthos* “egoísta”. O homem “pesquisa segredos” da natureza, no sentido de construir esquemas propícios à sua compreensão, mesmo que problemática, aí astrônomos, físicos e pintores trabalhariam em conjunto. Abriria-se um espaço no interior do qual aqueles poucos capazes de mobilizar a razão e a arte se tornariam os responsáveis pelo destino de todos. Assim a França havia progredido – “o archote da razão; ali brilhante/ luz difundindo, as trevas sacudiram” -, assim o Brasil havia de “prosperar”, segundo os “votos” de Magalhães. A França aparece como o berço no qual os jovens “brasileiros” cresciam protegidos do “egoísmo” e aprendiam a mobilizar e a valorizar a razão e a arte, tornando-se, necessariamente, inimigos do obscurantismo e da arbitrariedade, que orientariam os saberes e a política institucional no Império do Brasil. Magalhães retorna esperançoso à sua “pátria”.

Esperançoso, mas nem tanto, ainda anotamos. Magalhães evidencia, mais uma vez, a tensão que habita sua visão de mundo, tensão entre pessimismo e desconfiança, por um lado, e otimismo e esperança em transformar o real, por outro. Deixa a Europa com o fito de fazer aparecer, no Império do Brasil, homens capazes de se orientar pela razão e não pelos seus desejos mais imediatos, para, uma vez mais, colocar em xeque a própria viabilidade de seu projeto. Deixa aparecer seu pessimismo, duvidando, inclusive, da possibilidade de Deus salvar sua “pátria”. A um só tempo, tecia palavras elogiosas e esperançosas acerca do que aprendera na França, sublinhando a necessidade de instaurar em sua “pátria” um *espaço público* determinado pelas medidas da liberdade e da razão, por um lado, mas anunciava, desconfiado (e desesperado), um real que insisita em recusar suas intervenções e,

intensificando seu estilo barroco, denunciava um Deus que parecia “surdo às suas preces”, por outro. Acompanhemos:

Tu suspiras, ó Pátria!/ Co’os teus meus suspiros se misturam./ E que fazer eu posso?/
Se é surda a Providência às preces tuas,/ Que pode a frágil mão de um filho inútil?/
Os teus suspiros/ A mim chegaram,/ E me abalaram/ O coração./ Socorro dar-te/
Embalde intento,/ E só aumento/ Minha aflição./ Qual naufragante/ Que uma onda
impele,/ Outra o expele/ Ao alto-mar;/ E de onda em onda/ Sendo rolado,/ Já
lacerado,/ Vai encalhar./ Mas na praia não achando/ Um asilo protetor,/ O alento
último exala,/ E a alma envia ao Criador./ Assim morreis, suspiros, em minha alma,
Depois de haver o Oceano magoado. (Magalhães, 1999, p. 295-296)